



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**REGINA LÚCIA C. L. BITTENCOURT**

**NO RASTRO DO APAGAMENTO: PRONOMES CLÍTICOS NAS  
FUNÇÕES RECÍPROCA, REFLEXIVA, APASSIVADORA E  
INDETERMINADORA.**

Salvador  
2008

**REGINA LÚCIA C. L. BITTENCOURT**

**NO RASTRO DO APAGAMENTO: PRONOMES CLÍTICOS NAS  
FUNÇÕES RECÍPROCA, REFLEXIVA, APASSIVADORA E  
INDETERMINADORA.**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.**

**Área de concentração: Lingüística Histórica.  
Orientadora: Profa. Dra. Sônia Bastos Borba Costa**

Salvador  
2008

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

B624 Bittencourt, Regina Lúcia C. L.

No rastro do apagamento: pronomes clíticos nas funções recíproca, reflexiva, apassivadora e indeterminadora / por Regina Lúcia C. L. Bittencourt. - 2008.  
179 f. : il.

Inclui apêndices.

Orientadora : Profª Drª Sônia Bastos Borba Costa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2008.

1. Língua portuguesa - Brasil - Pronomes. 2. Língua portuguesa - Brasil Gramaticalização. 3. Lingüística histórica - Brasil. 4. Língua portuguesa - Brasil - Predicação verbal. 5. Língua portuguesa - Brasil - Concordância. 6. Sociolingüística.  
I. Costa, Sônia Bastos Borba. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras.  
III. Título.

CDD - 469.50981  
CDU - 81'367.626(81)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**REGINA LÚCIA C. L. BITTENCOURT**

**NO RASTRO DO APAGAMENTO: PRONOMES CLÍTICOS NAS  
FUNÇÕES RECÍPROCA, REFLEXIVA, APASSIVADORA E  
INDETERMINADORA.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras e Lingüística, Universidade Federal da Bahia, pela banca examinadora constituída pelas professoras:

---

Profª. Dra. Sônia Bastos Borba Costa (UFBA) – Orientadora

---

Profª. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS)

---

Profª. Dra. Tânia Conceição Freire Lobo (UFBA)

Salvador, 12 de março de 2008

## DEDICATÓRIA

Aos segmentos negro e afro-descendente  
brasileiros que ao longo de 500 anos  
tiveram pouca ou nenhuma oportunidade  
de acesso à escolarização, ficando  
*apagados* da história.

**Adupé!**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé, força e firmeza.

À minha Mãe, simplesmente, por tudo.

À minha *irmã* Raydália, por ter-me feito descobrir o amor pela leitura e pelo amor verdadeiro que sempre me dedicou em palavras e atos.

À Profa. Dra. Sônia B.B. Costa, minha orientadora, antes de tudo, pela compreensão maternal, pela amizade, pelo incentivo constante e, além de tudo, pela orientação adequada, dedicada e eficiente.

À Profa. Dra. Rosa Virgínia, por ter acreditado no que estava oculto, mas não apagado.

Às Profas. Dras. Emília Helena e Terezinha Barreto, pelas preciosas aulas sobre Funcionalismo e Gramaticalização.

À Profa. Dra. Tânia Lobo (UFBA), por ter aceitado, de pronto, participar da Banca Examinadora desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Klebson Oliveira, por disponibilizar parte de sua Tese para o auxílio da minha pesquisa.

À professora Jânia Martins Ramos (UFMG), pela dissertação sobre clíticos que gentilmente me enviou.

Às professoras Maria Eugenia Duarte e Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ), pela gentileza de enviar o livro sobre cartas de leitores.

À Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS), pelo texto de sua autoria sobre o *se*.

Às colegas Mariana Fagundes de Oliveira, pela indicação das primeiras leituras e Conceição Hélio, pela troca de idéias.

Aos bolsistas (todos!) do PROHPOR pelos auxílios ocasionais e pelos sorrisos carinhosos.

À Glória, do DLV-UFBA, pelo apoio e incentivo verdadeiros.

À Nadja, minha prima, pelo apoio técnico e bibliográfico.

**O que foi é o que há de ser; e o que se  
fez, isso se tornará a fazer; nada há,  
pois, novo, debaixo do Sol.**

(Eclesiastes 1:9)

## RESUMO

Esta dissertação procura identificar os fatores condicionantes do apagamento de clíticos que têm sido identificados como "de forma reflexiva", bem como quais funções, exercidas por tais clíticos, têm sido mais propensas à supressão, a fim também de estabelecer uma hierarquia do apagamento. Dessa forma, concentramos nossa análise na variação presença/ausência (apagamento) desses clíticos, o que constitui a variável dependente, a fim de identificar que fatores - variáveis explanatórias independentes - se revelam condicionantes do apagamento. A partir da literatura consultada, avaliamos que um estudo sobre apagamento desses clíticos necessita ser abordado considerando a língua em seu contexto sócio-histórico e contemplando os diferentes níveis de análise em que se manifestam as propriedades de tais clíticos. Além disso, alguns estudos indicam que o apagamento é um dos estágios do processo de gramaticalização de elementos de caráter menos gramatical a mais gramatical. Dessa forma, a análise se fundamenta em um estudo de gramaticalização dentro da abordagem funcionalista. Selecionamos como *corpus* conjuntos de textos de gêneros textuais distintos, redigidos no século XIX, no Brasil. Para a consecução dos objetivos propostos, selecionamos como relevantes os seguintes fatores lingüísticos: 1) predicação verbal (abordagem sintática e semântica); 2) concordância entre verbo e argumento interno; 3) tipo de clítico; 4) grau de referência dos argumentos representados pelo clítico. Além desses, consideramos como fatores extralingüísticos: 1) período de tempo e 2) gênero textual. Inicialmente, foram computados, em cada conjunto de textos, a frequência total de apagamento e os fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionantes. Após análise comparativa entre os gêneros textuais, os resultados mostraram que: a) os fatores selecionados são condicionantes do apagamento; b) há uma hierarquia das funções mais propensas ao apagamento; c) o apagamento do clítico pode ser caracterizado como um estágio de processo de gramaticalização.

**Palavras-chave:** Apagamento de clíticos – Pronomes. Gramaticalização. Português Brasileiro. Sócio-história. Fatores condicionantes.



## ABSTRACT

This dissertation attempts to identify the conditioning factors of the deletion of reflexive form clitics, as well as which functions exerted for such clitics has been more inclined to the suppression and also to establish a hierarchy of the deletion. In such a way, we concentrate our analysis in the variation presence/absence (deletion) of these clitics, in order to identify which conditioning factors are disclosed to the deletion. From consulted literature, we consider that a study on deletion of these clitics needs to be approached, considering the language in its socio-historical context and contemplating the different levels of analysis where the properties of such clitics have been revealed. Moreover, some studies indicate that the deletion is one of the stages of the grammaticalization process training of items of less grammatical character to most grammatical one. In such a way, the analysis is based on a study of grammaticalization theory of the functionalist approach. We select as joint corpora texts of distinct literal sorts, written in the XIX century, and characteristic ones of the Brazilian Portuguese grammar. For the achievement of the considered objectives, we select as relevant the following linguistic factors: 1) verbal predication (syntactic boarding and semantics); 2) agreement between verb and internal argument; 3) type of clitic; 4) degree of reference of the arguments represented for the clitic. Besides these, we consider as extra linguistic factors: 1) period of time and 2) literal sort. Initially, it was computed in each set of texts, the total frequency of deletion and the linguistic factors and extra linguistic conditionings. After comparative analysis between the literal sorts, the results had shown that: the selected factors are the deletion conditioning; b) it has a hierarchy of the functions most inclined to the deletion; c) the deletion of the clitic can be characterized as a stage of the grammaticalization process.

**Keywords:** Clitics deletion-Pronouns. Grammaticalization. Brazilian Portuguese. Socio-historical. Conditioning factors.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	- Variação presença/ausência do clítico.....	85
<b>Tabela 2</b>	- Variação presença/ausência do clítico, excluindo verbo <i>assinar-se</i> .....	86
<b>Tabela 3</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado.....	88
<b>Tabela 4</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado.....	90
<b>Tabela 5</b>	- Variação na concordância verbo-argumento interno plural.....	91
<b>Tabela 6</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico.....	93
<b>Tabela 7</b>	- Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva.....	94
<b>Tabela 8</b>	- Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva.....	96
<b>Tabela 9</b>	- Variação presença/ausência do clítico.....	98
<b>Tabela 10</b>	- Variação presença/ausência do clítico, excluindo verbo <i>assinar-se</i> .....	98
<b>Tabela 11</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado.....	100
<b>Tabela 12</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado.....	102
<b>Tabela 13</b>	- Variação na concordância verbo-argumento interno plural.....	103
<b>Tabela 14</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico.....	105
<b>Tabela 15</b>	- Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva.....	107
<b>Tabela 16</b>	- Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva.....	109
<b>Tabela 17</b>	- Variação presença /ausência do clítico.....	110
<b>Tabela 18</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado.....	114
<b>Tabela 19</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado.....	115

<b>Tabela 20</b>	- Posição do argumento [-animado] de verbos de ação ao longo do século XIX.....	117
<b>Tabela 21</b>	- Variação na concordância verbo-argumento interno plural.....	119
<b>Tabela 22</b>	- Variação presença /ausência do clítico em relação ao tipo de clítico.....	121
<b>Tabela 23</b>	- Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva.....	123
<b>Tabela 24</b>	- Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva.....	124
<b>Tabela 25</b>	- Variação presença/ausência do clítico em cartas de leitores de jornais cariocas.....	124
<b>Tabela 26</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado.....	125
<b>Tabela 27</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado.....	126
<b>Tabela 28</b>	- Variação na concordância verbo-argumento interno plural.....	127
<b>Tabela 29</b>	- Variação presença /ausência do clítico em relação ao tipo de clítico.....	129
<b>Tabela 30</b>	- Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva.....	131
<b>Tabela 31</b>	- Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva.....	132
<b>Tabela 32</b>	- Variação presença/ausência do clítico.....	133
<b>Tabela 33</b>	- Presença do clítico em relação ao tipo semântico de predicado.....	134
<b>Tabela 34</b>	- Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado.....	134
<b>Tabela 35</b>	- Variação na concordância verbo-argumento interno plural.....	135
<b>Tabela 36</b>	- Variação presença/ausência do clítico nos conjuntos de documentos representativos de comunidades de fala.....	139
<b>Tabela 37</b>	- Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva.....	140
<b>Tabela 38</b>	- Ocorrência de apagamento e estratégias de esquiva por fase em Anúncios e Cartas.....	141
<b>Tabela 39</b>	- Ocorrência de apagamento por gênero textual.....	142

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	- Ocorrência de apagamento do clítico por redator	95
<b>Gráfico 2</b>	- Ocorrência de apagamento do clítico por redator	108
<b>Gráfico 3</b>	- Ocorrência de apagamento do clítico por redator	109
<b>Gráfico 4</b>	- Posição do argumento [-animado] de verbos transitivos diretos	118

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Proposta de descrição sintático-semântica dos tipos de clíticos em uma predicação 37
- Quadro 2** - Constituição do *corpus* por natureza, número de documentos e número de linhas. 46

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**  
**Apresentação de nomes e abreviaturas que identificam os documentos do *corpus***

**Nomes e abreviaturas dos *redatores* das atas**

<b>Sigla</b>	<b>Atas de africanos</b>	<b>Redator</b>	<b>Data</b>
LTG		Luis Teixeira Gomes	1832-1835
GMB		Gregório Manuel Bahia	1834
MVS		Manuel Vitor Serra	1834-1835
MSC		Manuel do Sacramento e Conceição Rosa	1834-1835
MC		Manuel da Conceição	1834/1841
JFO		José Fernandes do Ó	1835-1842

<b>Sigla</b>	<b>Atas de brasileiros</b>	<b>Redator</b>	<b>Data</b>
MJR		Marcos José do Rosário	1840-1844
FPF		Feliciano Primo Ferreira	1845-1846
JTS		João Teodoro da Soledade	1865-1869
FJST		Faustino Joaquim de Santana Trindade	1873
		Cisne	
FB		Felipe Benício	1885-1887
JCBM		Júlio Capitolino da Boa Morte	1894

**Nomes e abreviaturas dos jornais de onde foram coletados os anúncios**

<b>Fase I</b>			
<b>Sigla</b>	<b>Jornal</b>	<b>Data</b>	
GA	Gazeta Do Rio De Janeiro	1808 a 1821	
JC	Jornal Do Commercio	1827	
<b>Fase II</b>			
<b>Sigla</b>	<b>Jornal</b>	<b>Data</b>	
DN	Diario De Notícias	julho de 1869	
<b>Fase III</b>			
<b>Sigla</b>	<b>Jornal</b>	<b>Data</b>	
AN	A Nação	março de 1873	
AF	Atirador Franco	1881	
JB	Jornal Do Brazil	junho de 1881; julho e setembro de 1891	
JC	Jornal Do Commercio	1881	
OCc	O Cacete	1881	
DN	Diario De Noticias	1885 e 1889	
VE	Vespa	1885	
AB	A Bomba	setembro e outubro de 1894	
OJ	O Jacobino	outubro de 1894; agosto de 1896; abril de 1897	
Oca	O Caixeiro	abril de 1899	
OL	O Liberalista	dezembro de 1899	

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>BREVE PANORAMA DO <i>SE</i> - DO SÉCULO XVI AO XX</b>	21
1.1	INTRODUÇÃO	21
1.2	REVISITANDO UM VELHO E AINDA INTRIGANTE PROBLEMA	21
1.3	SÉC. XVI: PERÍODO INICIAL DAS BATALHAS: VARIAÇÃO <i>SE</i> -APASSIVADOR / <i>SE</i> -IMPESSOAL	23
1.4	SÉC. XIX E XX: VARIAÇÃO <i>SE</i> -APASSIVADOR / <i>SE</i> -IMPESSOAL; <i>SE</i> -IMPESSOAL / FORMAS DE INDETERMINAÇÃO: UMA DUPLA BATALHA.	24
1.5	OS RASTROS...	25
1.6	A EMERGÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA: O SÉCULO XIX, AFRICANOS E AFRO-DESCENDENTES	27
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	30
2.1	INTRODUÇÃO	30
2.2	QUADRO TEÓRICO FUNCIONALISTA	30
<b>2.2.1</b>	<b>A perspectiva da gramaticalização</b>	32
<b>2.2.2</b>	<b>A questão da referência e perda de traços e de propriedades</b>	34
<b>2.2.3</b>	<b>Perda de traços e propriedades</b>	36
2.3	A REANÁLISE	39
2.4	O APAGAMENTO COMO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO	41
2.4.1	<b>O trajeto da gramaticalização</b>	41
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b>	45
3.1	INTRODUÇÃO	45
3.2	CONSTITUIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	45
<b>3.2.1</b>	<b>Constituição do <i>corpus</i></b>	45
<b>3.2.2</b>	<b>Caracterização do <i>corpus</i></b>	46
3.3	CLASSIFICAÇÃO DOS CLÍTICOS	48
<b>3.3.1</b>	<b>Classificações por outros autores</b>	48

<b>3.3.2</b>	<b>Proposta de classificação</b>	51
3.4	FATORES CONDICIONANTES SELECIONADOS PARA ANÁLISE	55
<b>3.4.1</b>	<b>A predicação</b>	55
<b>3.4.2</b>	<b>Concordância entre verbo e argumento interno</b>	58
<b>3.4.3</b>	<b>Graus de referência</b>	60
3.5	TRAÇOS E PROPRIEDADES UTILIZADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS CLÍTICOS	62
<b>3.5.1</b>	<b>Tipos de clíticos</b>	69
3.6	CONSIDERAÇÕES	81
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	83
4.1	INTRODUÇÃO	83
4.2	TRATAMENTO METODOLÓGICO DE ANÁLISE	83
4.3	LEVANTAMENTO E SELEÇÃO	84
4.4	ANÁLISE DOS DADOS	85
<b>4.4.1</b>	<b>Atas de africanos</b>	85
4.4.1.1	Variação na realização do clítico	85
4.4.1.2	Fatores lingüísticos	87
4.4.1.2.1	Predicação verbal (abordagem semântica)	87
4.4.1.2.2	Abordagem sintática	89
4.4.1.2.3	Estratégias de esquiva	90
4.4.1.2.4	Variação na concordância	91
4.4.1.2.5	Tipo de clítico	92
4.4.1.2.6	Graus de referência	94
4.4.1.3	Fator extra-lingüístico: redator	95
4.4.1.4	Fatores que mais favoreceram o apagamento	96
<b>4.4.2</b>	<b>Atas de brasileiros</b>	97
4.4.2.1	Variação na realização do clítico	97
4.4.2.2	Fatores lingüísticos	99
4.4.2.2.1	Predicação verbal (abordagem semântica)	99
4.4.2.2.2	Abordagem sintática	101
4.4.2.2.3	Estratégias de esquiva	102
4.4.2.2.4	Variação na concordância	103
4.4.2.2.5	Tipo de clítico	105



4.4.2.2.6	Graus de referência	107
4.4.2.3	Fator extra-lingüístico: redator	108
4.4.2.4	Fatores que mais favoreceram o apagamento	109
<b>4.4.3</b>	<b>Anúncios de jornais cariocas</b>	110
4.4.3.1	Variação na realização do clítico	110
4.4.3.2	Fatores lingüísticos	113
4.4.3.2.1	Predicação verbal (abordagem semântica)	113
4.4.3.2.2	Abordagem sintática	114
4.4.3.2.3	Posição do argumento [-animado] de verbos transitivos diretos ao longo do século XIX nos anúncios	116
4.4.3.2.4	Variação na concordância	118
4.4.3.2.5	Tipo de clítico	120
4.4.3.2.6	Estratégia de esquiva	122
4.4.3.2.7	Graus de referência	122
4.4.3.3	Fatores que mais favoreceram o apagamento	123
<b>4.4.4</b>	<b>Cartas de leitores de jornais cariocas</b>	124
4.4.4.1	Variação na realização do clítico	124
4.4.4.2	Fatores lingüísticos	125
4.4.4.2.1	Predicação verbal (abordagem semântica)	125
4.4.4.2.2	Abordagem sintática	125
4.4.4.2.3	Variação na concordância	127
4.4.4.2.4	Tipo de clítico	128
4.4.4.2.5	Estratégia de esquiva	129
4.4.4.2.6	Graus de referência	131
4.4.4.3	Fatores que mais favoreceram o apagamento	132
<b>4.4.5</b>	<b>Cartas de leitores de jornais da Bahia</b>	133
4.4.5.1	Variação na realização do clítico	133
4.4.5.2	Fatores lingüísticos	134
4.4.5.2.1	Predicação verbal (abordagem semântica)	134
4.4.5.2.2	Abordagem sintática	134
4.4.5.2.3	Variação na concordância	135
<b>4.4.6</b>	<b>Análise comparativa</b>	136
4.4.6.1	Variação da concordância e apagamento do clítico por conjunto de documentos analisados	136

4.4.6.2	Variação da concordância e apagamento do clítico nas cartas de leitores	137
4.4.6.3	Variação presença/ausência do clítico	139
4.4.6.4	Fatores lingüísticos	139
4.4.6.5	Fatores extralingüísticos	140
4.4.6.6	Fator tempo	141
4.4.6.7	Gênero textual	142
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	143
	<b>REFERÊNCIAS</b>	146
	<b>APÊNDICE – A-</b> Quadro 1- Proposta de descrição sintático-semântica dos tipos de clíticos em uma predicação	153
	<b>APÊNDICE – B -</b> Exemplário de construções com clítico	154
	<b>APÊNDICE – C-</b> Exemplário de construções sem clítico	172
	<b>APÊNDICE – D-</b> Exemplário de estratégias de esquiva	175

## INTRODUÇÃO

Os pronomes clíticos de forma reflexiva (*me, te, se, nos, vos*), sobretudo a forma *se* de 3ª pessoa, vêm sofrendo, na história da língua portuguesa, inovações sintático-semânticas que têm sua origem ainda no latim tardio.

Algumas dessas inovações, particularmente o apagamento (ausência) desses clíticos, têm sido consideradas como características da variante brasileira da língua portuguesa. Assim sendo, um estudo, baseado tanto na sócio-história do português, quanto em análises de propriedades sintático-semânticas, é imperioso para o deslindamento dos fatores que têm contribuído para a tendência ao apagamento desses pronomes, no português brasileiro (doravante PB).

O fato lingüístico em questão relaciona-se com construções como:

(1) *Consertou (-se) a casa; O gelo derreteu-(se), A vidraça quebrou-(se) e João (se) machucou nas pedras.*

(2) *Hoje não (se) planta mais milho.*

Construções como em (1) têm sido muito comuns na fala e, algumas, até mesmo no registro escrito. Alguns autores têm-se dedicado ao estudo desse tipo de fenômeno lingüístico e caracterizam-no como: “[...] uma construção de voz média sem o marcador *se*, que se vem popularizando no PB[...]”, (CAMACHO (2003, p.114) e, também, PONTES (1986, p.33).

D’Albuquerque (1984) identificou que, para o dialeto mineiro de Manhaçu, a maior ocorrência do apagamento deu-se na função indeterminadora, em construções como (2). Duarte (2002; 2003a; 2003b) tem observado que, em construções como esta, o *se* tem sido substituído por um sujeito de referência genérica (*o cara, o indivíduo, você, o sujeito, alguém* etc), retomando processo de indeterminação que já ocorreu em tempos pretéritos da língua portuguesa, que incluía a forma *homem* (SAID ALI apud NUNES 1991, p.44; MATTOS e SILVA, 1989).

Vital (2006) observa que a evolução sintático-semântica das construções com *se* fez-se na direção do sentido impessoal, mais freqüentemente, no PB. Nunes (1995), por sua vez, acredita que um processo de reanálise de *se-apassivador* em *se-indeterminador* antecedeu o apagamento deste último. Segundo Cavalcante (1999, p.21), nos começos do século XIX, “quando começam a prevalecer construções com *se*-impessoal sobre as com *se*-passivo, o clítico começa a ser apagado.”

Além do trabalho pioneiro de D’Albuquerque (1984) sobre supressão dos clíticos no

dialeto mineiro de Manhaçu, em perspectiva sincrônica, poucos trabalhos se desenvolveram estritamente a respeito do apagamento de clíticos de forma reflexiva, tanto em perspectiva sincrônica quanto diacrônica e mais raros ainda são os que saem do âmbito regional.

O mais emblemático e que tem servido de pedra angular para quem se aventura pelo terreno profuso em sutilezas e indeterminações do apagamento é a pesquisa de Nunes (1995), estudo diacrônico, com base na Gramática de Casos, acerca da supressão dos clíticos anafóricos e que avaliou os fatores condicionantes *tipo de clítico* e *tipo de verbo*, alguns dos fatores que também consideraremos para nossa análise.

Gonçalves (2002) apresenta um dos estudos, em perspectiva sincrônica, mais recentes, mas que se concentrou apenas nas construções de 3ª. pessoa do singular sem *se* (C3PSSS). Contudo seu trabalho nos chamou a atenção pelo fato de ter constatado que os contextos em que o *se impessoal* se apaga não são os mesmos para os verbos transitivos e intransitivos.

Sem um estudo para verificar a hierarquia desse apagamento no PB, a nossa proposta é, portanto, identificar os fatores condicionantes do apagamento, que constituem as variáveis explanatórias independentes, se revelam condicionantes do apagamento, bem como quais funções, exercidas pelos clíticos de forma reflexiva, têm sido mais propensas à sua supressão, em *corpus* do século XIX, período em que, segundo alguns autores conforme, por exemplo, Tarallo (1993), surgem fatos lingüísticos que caracterizam uma gramática do Português Brasileiro.

Dessa forma, concentramos nossa análise na variação presença/ausência (apagamento) desses clíticos, a fim de identificar quais os fatores se revelam condicionantes do apagamento. A partir da literatura consultada, consideramos como relevantes os seguintes fatores:

- 1) predicação verbal (abordagem sintática e semântica);
- 2) concordância entre verbo e argumento interno;
- 3) tipo de clítico;
- 4) grau de referência dos argumentos representados pelo clítico.

Outro aspecto que justifica a pesquisa ora proposta é que, apesar de demonstrarem preocupação com o fenômeno do apagamento dos clíticos de forma reflexiva (D'ALBUQUERQUE, 1984; ROCHA, 1999; CAVALCANTE, 2001), boa parte dos estudos desenvolvidos basearam sua perspectiva de análise em uma mesma abordagem teórica (NUNES, 1995; GONÇALVES, 2002).

Estas análises empreendidas até então demonstraram que um estudo sobre apagamento desses clíticos necessita ser efetuado considerando a língua em seu contexto sócio-histórico e cultural, contemplando os diferentes níveis de análise em que se manifestam as propriedades de tais clíticos. Além disso, algumas pesquisas demonstraram que as inovações sintático-semânticas desses clíticos são produtos de processo de gramaticalização (SCHMIDT-RIESE, 2002; VITRAL, 2006). Dessa forma, recorreremos à abordagem funcionalista (NEVES, 1997; CASTILHO, 1997; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; DIK, 1988, apud NEVES, 1997) por ser uma proposta integrativa, que analisa a interface forma/função e considera a língua como produto social, além de compreender, em suas análises, os diferentes níveis gramaticais. A indicação de que esse fato lingüístico pode ser compreendido como um processo de mudança que configura uma trajetória de gramaticalização pauta-se em duas das propriedades essenciais ao processo e um dos seus estágios:

- i) mudança semântica;
- ii) perda ou diminuição de traços característicos de uma categoria gramatical.
- iii) estágio *zero* (ou apagamento).

Assim sendo, a relevância da pesquisa jaz não somente no fato de buscar a hierarquia das funções mais propensas ao apagamento e destacar os fatores condicionantes, mas também na busca de uma adequação da perspectiva teórica, até então pouco explorada.

Com base nessa perspectiva teórica e em estudos sobre o fenômeno em questão, partimos inicialmente de três hipóteses:

1) O apagamento do clítico é motivado por diminuição e/ou perda de funções sintáticas e semânticas. Como uma das características do processo de gramaticalização é a perda de traços e/ou propriedades sintático-semânticas, supomos que a perda de traços, em particular de pessoa e número, e a mudança progressiva da referência estejam latentes na base da hierarquia do apagamento.

2) O enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal nas construções em que o *se* acompanha verbos transitivos diretos (VTD) e a conseqüente reinterpretção das passivas como voz ativa impessoal podem representar uma das etapas do processo que leva ao apagamento do clítico *se*.

3) A hierarquia do apagamento seria a seguinte:

a) *função indeterminadora* ; b) *função passiva*; c) *função reflexiva*; d) *função recíproca*.

Supomos então que a maior supressão se dê, portanto, nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora e/ou cuja referência seja indeterminada genérica ou arbitrária.

Para a consecução das análises propostas, propomos uma metodologia de tratamento dos dados de natureza descritivo-quantitativa, seguida de interpretação pautada em princípios do Funcionalismo lingüístico.

Os resultados desta pesquisa estão organizados e descritos ao longo de quatro capítulos, da seguinte forma:

No capítulo 1 traçamos um breve panorama dos trabalhos realizados sobre os clíticos em questão e que foram de extrema relevância para a pesquisa, pois forneceram, em perspectiva diacrônica, o trajeto (nos contextos sintático-semânticos) empreendido por tais clíticos, processo de reanálise sofrido por uma das formas, concorrência com outras formas e resultados. Também neste capítulo, fornecemos algumas das pistas que nos conduziram à análise do apagamento dos clíticos. Em seguida, contextualizamos o problema em uma perspectiva sócio-histórica.

No capítulo 2, apresentamos alguns dos pressupostos teóricos do Funcionalismo a serem observados e características gerais do processo de Gramaticalização ainda dentro deste mesmo quadro teórico. Em seguida, apresentamos um estudo, utilizando o *corpus* selecionado, que caracteriza o apagamento do clítico indeterminador como um dos estágios do processo de gramaticalização, a fim de melhor ilustrar a relação do apagamento com o processo de gramaticalização.

Na seqüência, em *Metodologia*, capítulo 3, apresentamos, inicialmente, a constituição e caracterização do *corpus*. No tópico *Classificação do clítico*, discutimos diferentes propostas de alguns autores para a tipologia dos clíticos em estudo antes de apresentar a nossa, na qual expomos as propriedades, traços e características que nortearão a classificação dos clíticos e, em seguida, definimos os fatores que serão avaliados, a fim de verificar qual ou quais são condicionantes do apagamento. Somente no final do capítulo expomos a tipologia dos clíticos estabelecida com base em diversos autores. Consta do Apêndice A, p.153, quadro com uma descrição sintático-semântica da tipologia proposta, a fim de melhor caracterizá-la. Esse quadro busca apresentar os diferentes tipos de clítico, seguindo um *continuum* de gramaticalização pelo qual estes devem ter passado, e que aqui propomos, baseando-nos nos estudos diacrônicos já desenvolvidos a respeito desses clíticos.

No último capítulo, apresentamos o tratamento que foi dado aos dados, a fim de proceder às análises, e as análises propriamente ditas. A maior parte do capítulo é dedicada ao detalhamento das análises e dos resultados obtidos.

Nas considerações finais, destacamos e reunimos alguns dos resultados que mais merecem ser salientados.

Por fim, elaboramos e proporcionamos ao leitor interessado um conjunto de apêndices com os exemplos extraídos e analisados do *corpus*, além dos apresentados no decorrer das análises. Essa parte do trabalho constitui um exemplário, subdividido, primeiro, de acordo com a presença ou ausência do clítico e, em seguida, com o gênero textual.

## CAPÍTULO 1 – BREVE PANORAMA DO *SE* - DO SÉCULO XVI AO XX

**"[Houve] uma sangrenta disputa: depois da vitória numa batalha de quatro séculos com as construções com *se* apassivador, as construções com *se* indeterminador estão agora diante de um oponente de considerável vigor: [o fenômeno da supressão]". (NUNES, 1991, p.48)**

### 1.1 INTRODUÇÃO

Na primeira parte deste capítulo, apresentamos uma síntese de alguns resultados e observações de diferentes trabalhos de autores que se debruçaram sobre o tema dos clíticos de forma reflexiva, e se mostraram importantes para a fundamentação da pesquisa que ora nos propomos a fazer. Alguns destes estudos contribuíram para o estabelecimento da perspectiva diacrônica da evolução sintático-semântica dos clíticos e outros para avaliarmos o que já foi analisado e de que maneira (sob qual ou quais abordagens teóricas) e o que necessita ser revisto e o que *ainda* não foi considerado, a fim de contribuímos qualitativamente para os estudos sobre os clíticos de forma reflexiva. Ao final da primeira parte, apresentamos seção relativa a trabalhos, desta vez os que mais nos forneceram pistas acerca do apagamento.

Na segunda parte, contextualizamos a análise destes clíticos, esboçando um perfil sócio-histórico do período em questão (século XIX), bem como do *corpus* utilizado.

Antes de iniciarmos a abordagem, faz-se necessária uma observação: apesar de nos referirmos aos pronomes clíticos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, mencionaremos, na maioria das vezes, o *se*, como forma que representa: i) o pronome clítico com maior possibilidade de emprego sintático; ii) o pronome clítico apassivador; iii) o pronome clítico indeterminador.

### 1.2 REVISITANDO UM VELHO E AINDA INTRIGANTE PROBLEMA

Embora a maioria dos trabalhos sobre a questão do apagamento dos clíticos (quer reflexivos, quer não-reflexivos) tenha-se desenvolvido entre o final da década de 80 e a década de 90 do século passado, a preocupação com as inovações ou mudanças ocorridas nas construções com os pronomes clíticos reflexivos (em especial o *se*) são antigas. Maurer Jr (1951), assim como Said Ali (apud MAURER JR., 1951, p.50), aponta como um “dos



problemas da língua portuguesa” a evolução semântica do pronome *se*, propondo que esta tem suas origens ainda nas línguas de origem indo-européias, passando pelo latim tardio e fazendo-se sentir no português falado no Brasil.

As construções com *se* remontam ao latim clássico, quando ocorriam, ao lado da forma passiva perifrástica de particípio passado e de uma passiva flexional em *-r*, que era derivada de uma voz média do indo-europeu cujo sentido era impessoal. Essa passiva flexional, também conhecida como médio-passiva, indicava: *ação sofrida pelo sujeito; ação sofrida e praticada pelo sujeito; ação impessoal* (FARIA, 1958, p.157-158). Como vemos, a passiva flexional latina era complexa em significado, podendo representar um sentido passivo, médio-reflexivo ou ainda impessoal, que era original das médias do indo-europeu. A passiva pronominal surge, no latim clássico, ao lado da flexional e da perifrástica. Na verdade se tratava de uma construção com *se* de valor reflexivo-recíproco e, mais raramente médio (MARTINS, 2004, p.01). Como a construção com morfema *-r* tinha uma ambigüidade semântica entre o valor passivo e médio, isso ocasionou uma concorrência entre ambas, e houve uma freqüência maior da estratégia “reflexiva” com sentido médio e, mais tarde, para indicar passividade. Assim a evolução semântica, ainda no latim, das construções com *se* foi:

*se-recíproco-reflexivo > se-médio > se-apassivador.*

Este percurso do recíproco-reflexivo para o médio está explicitado nas palavras de Camacho (2003, p.116, p.97):

O latim se caracterizava como um sistema de duas formas, mas os **marcadores reflexivo** e médios não eram cognatos: a expressão formal do **primeiro era o clítico *se***, enquanto a do segundo era desinencial, mediante o acréscimo de *-r* à raiz verbal. O desaparecimento dos verbos depoentes tornou possível **generalizar o uso do clítico reflexivo também pra as construções médias** do português e de outras línguas românticas, como o espanhol e o francês. [grifo nosso]

Como **marcador medial**, o clítico *se* **ainda retém propriedades pronominais de acordo com suas origens no pronome reflexivo**: formalmente ainda é parte do paradigma pronominal, correlacionando-se com outros membros da classe, embora o único traço nominal que lhe resta seja o de pessoa. [grifo nosso]

E a indicação da anterioridade do médio em relação ao apassivador e indeterminador pode ser encontrada também em Schmidt-Riese (2002, p. 257):

Sob o ponto de vista diacrônico, o **pseudo-reflexivo lexical** [voz média] ocuparia evidentemente uma posição intermediária em um processo de gramaticalização. Na verdade, ele é **diacronicamente atestado com anterioridade considerável em relação ao pseudo-reflexivo gramatical** [*se apassivador e indeterminador*], em textos de baixa latinidade. [grifo nosso]

A passiva pronominal, com o sentido passivo, parece que “herdou” os múltiplos empregos (reflexivo, médio, apassivador e impessoal) da flexional em –r. Contudo, não havia construções com *se* de valor impessoal quer no latim quer no português arcaico.

### 1.3 SÉC. XVI: PERÍODO INICIAL DAS BATALHAS: VARIAÇÃO SE-APASSIVADOR / SE-IMPESSOAL

O sentido e a estrutura passivos foram mais empregados até o final do século XV, quando surge, conforme Martins (2004, p.01) “uma nova mudança que afecta as estruturas com *se*, incrementando a sua diversidade”, como se constata em Naro (1976). Segundo este autor, nos começos do século XVI, construções com *se* sem concordância entre verbo e argumento interno passam a ser mais freqüentes e o *se* começa a difundir-se com verbos intransitivos (NARO, 1976, p.798), momento em que surge, ao lado dos clíticos recíproco-reflexivos, médios e do apassivador, o indeterminador. De acordo com Naro (1976, p.788), as construções com o *se-impessoal* são posteriores às com *se-apassivador* e surgem da reinterpretação destas: “The *se*-impersonal construction is not found in the oldest Portuguese texts. In fact, it is relatively recent innovation, first occurring in texts of the mid-16<sup>th</sup> century, and is based on the classical *se*-passive construction.”<sup>1</sup>

Como a concordância era uma das características peculiares da construção com sentido passivo, abriu-se um caminho para uma interpretação de uma estrutura ativa com objeto direto e sujeito não especificado.

---

<sup>1</sup> A construção de *se*-impessoal não é encontrada nos mais antigos textos portugueses. De fato, é uma inovação relativamente recente, ocorrendo primeiramente em textos da primeira metade do século XVI, e se baseia na construção clássica de *se*-passivo.

A variação na concordância entre o verbo e o argumento interno plural em construções com *se* desde o século XVI e o conseqüente emprego do *se* junto a verbos intransitivos geraram uma reinterpretação do sentido passivo para o impessoal em tais construções. Esta variação se manifesta de maneira mais acentuada durante o século XIX .

Nunes (1991) observou que do século XVI ao século XX houve um progressivo aumento da discordância formal entre o verbo e o argumento interno no plural, sendo que, do século XVIII ao XIX, houve um salto de 19% para 62%, resultados confirmantes com os de Duarte (2002) para registro também mais informal, como anúncios de jornais, para o século XIX.

Esse tipo de construção surge como mais uma, além das várias estratégias de indeterminação, concorrendo, por exemplo, com *homem* que era usado como pronome indefinido até o século XVI:

No domínio do português antigo floresceu tal pronome [o pronome *homem*], e com vantagem, ao lado de fórmulas com o reflexivo *se*. Por fim foi-lhe desaparecendo a vitalidade e na era quinhentista sucumbia de todo afogado pela expansão do pronome *se* que (...) já então se usava quer em verbos transitivos, quer com os intransitivos. (SAID ALI apud NUNES 1991, p.44).

No final deste período, há emergência de pronominalização de formas nominais como *vossa mercê* e *a gente* (LOPES, 2003) que mais tarde (no século XX) serão concorrentes das construções com *se-indeterminador*.

#### 1.4 SÉC.XIX E XX: VARIAÇÃO SE-APASSIVADOR / SE-IMPESSOAL; SE-IMPESSOAL / FORMAS DE INDETERMINAÇÃO: UMA DUPLA BATALHA.

Após o surgimento do *se*-impessoal, por volta do século XVI, sua expansão para construções com verbos de diversas valências (durante os séculos XVI-XIX) e consolidação de seu uso como estratégia de indeterminação do sujeito no século XIX, houve uma nova batalha, desta vez, com novas estratégias de indeterminação.

Nunes (1991, p.37) observou que construções com concordância (*se*-apassivador) começam a ser menos freqüentes a partir do século XVI e entram em franca decadência no século XIX. Esse período, caracterizador de uma gramática própria do PB, é também momento em que outras estratégias de indeterminação ganham terreno e passam a competir com o uso do *se*-impessoal.

O *se*-apassivador começa a perder terreno, quando as construções com *se*-impessoal passam a ocorrer com maior freqüência, em particular no PB. Nesse momento, a supressão do clítico *se* também se torna evidente, como observa Cavalcante (1999, p.21): “quando começam a prevalecer construções com *se*-impessoal sobre as com *se*-apassivador, o clítico começa a ser apagado.”

Após a cruzada empreendida pelo *se* na direção da indeterminação do sujeito, que teve sua supremacia no século XIX, neste mesmo período, constata-se, segundo Duarte (2003b), mudanças no parâmetro de sujeito nulo (PSN), que favoreceram o uso de formas pronominais, preenchendo a posição de sujeito, tanto de referência definida quanto indefinida e, até mesmo, no século XX, sujeitos expletivos de construções existenciais.

Estudos têm revelado que construções com o clítico *se* para indeterminar o agente em orações finitas são cada vez menos freqüentes no português falado no Brasil e apontam para uma tendência ao uso de diversas formas pronominais, preferencialmente plenas, ao contrário do que ocorre no português europeu. Em Duarte (1996), dados revelaram que o uso do pronome *se* fica em torno de 8%, ocorrendo apenas na fala de informantes de faixa etária mais alta e mais escolarizados, sendo que os altos percentuais das estratégias (*a gente, você, eles e nós*) revelam que estas (em especial *a gente* e *você*) suplantaram o uso de *se* em orações finitas no século XX.

## 1.5 OS RASTROS...

As pesquisas que abordam a evolução sintático-semântica dos clíticos de forma reflexiva na língua portuguesa serviram para nortear o estabelecimento da tipologia de clíticos por nós proposta que apresentamos, em perspectiva diacrônica e mais detalhada, no quadro 1, (ver página 37), bem como para a constituição da segunda e terceira hipóteses já apresentadas.

Observa-se que o enfraquecimento do sentido passivo e conseqüente reanálise da estrutura passiva como impessoal é anterior ao apagamento do clítico indeterminador. Partindo desta constatação, o estudo do processo de reanálise destas estruturas, com base na Teoria da Gramaticalização, e a análise da variação na concordância entre verbo e argumento interno plural serão considerados para a análise do apagamento, sendo a variação um dos fatores a serem observados.

Além destes trabalhos já mencionados, as pesquisas de Duarte (2002); Duarte e Lopes (2002) e Cavalcante (2002), não só reforçam a importância da análise da variação na concordância para o estudo, não só do apagamento, bem como da classificação do clítico em *apassivador* ou *indeterminador*, como enfatizam a necessidade da contextualização sócio-histórica para a seleção do *corpus* e análise dos dados.

A pesquisa de Martins (2004) sobre a variação e mudança nas construções com *se* nos chama a atenção para a perda de traços morfossintáticos inerentes aos clíticos, ao longo do período de variação e mudança, que acaba por derivar novos tipos de clíticos, conseqüentemente novas construções com *se*. A autora propõe uma subespecificação de valores para os traços de pessoa e número, a fim de caracterizar melhor os tipos de clítico.

Schmidt-Riese (2002, p.256), ao analisar *mudança e variedades nas construções com se*, também chama a atenção para “uma redução de traços” que caracterizaria os tipos funcionais de clítico. Este autor considera, para a distinção dos clíticos, além de traços morfossintáticos (membro de um paradigma, por exemplo) o conteúdo semântico relacionado à referência (dêitico e co-referencial).

Vitral (2006) além de nos fornecer uma síntese, da “gramaticalização” do *se reflexivo* ao longo dos séculos, considera a característica do clítico de ser [ + / – argumental], relação com recebimento de papel temático, e menciona que se deva considerar a “interpretação genérica ou indefinida” da referência do sujeito quando da distinção entre *apassivador* e *indeterminador*.

Rocha (1999, p. 50), apesar de considerar praticamente os mesmos fatores que Nunes (1995), como grade temática do verbo, ao considerar presença/ausência de papel temático para o clítico e os papéis dos argumentos na predicação, foge do lugar comum chamando a atenção para o fato de que “não podemos classificar o *se* da sentença simplesmente pelo tipo de verbo ao qual ele acompanha, porque o contexto é que nos dará a informação necessária para classificarmos o clítico”.

Ao considerarmos toda a predicação para a análise e distinção dos tipos de clítico, percebemos que se faz necessária a inclusão, além dos papéis temáticos, dos traços [ $\pm$  animado] e [ $\pm$  humano] como inerentes aos argumentos que estão em relação direta com os clíticos, como verificamos em Peres e Mória (1995).

Por fim e de volta ao começo, a pioneira e fundamental pesquisa de D'Albuquerque (1984, p.114) sobre supressão dos clíticos nos adverte que “a perda está mais adiantada no pronome indeterminador” e observa uma hierarquia para os clíticos que mais se apagam:

*Recíproco > Reflexivo > Indeterminador*

Diante deste resultado, configurando nossa terceira hipótese, propomos que a hierarquia do apagamento seria a seguinte:

a) *função indeterminadora*; b) *função passiva*; c) *função reflexiva*; d) *função recíproca*.

A leitura e releitura desses e de outros trabalhos nos forneceram pistas e evidências que, consideramos, nos levarão à investigação mais acurada do apagamento dos clíticos de forma reflexiva, se não nesta pesquisa, para pesquisadores outros que se queiram aventurar nessa seara.

## 1.6 A EMERGÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA: O SÉCULO XIX, AFRICANOS E AFRO-DESCENDENTES

**“Todo mundo fala de um modo que tem explicações na história da língua ou na história de quem fala esta língua.”**  
(Marcos Bagno, *A língua de Eulália*, 2003)

Os estudos voltados para a compreensão da dinâmica da mudança lingüística devem entender a língua como produto histórico e social, considerando, por conseguinte, a sociedade que a utiliza, a influencia e é por ela influenciada. Ou seja, as mudanças lingüísticas estão relacionadas com as mudanças sócio-culturais que ocorrem nas comunidades de fala. Desse modo, a escolha do *corpus* deveu-se ao fato de que, de acordo com, entre outros, Alberto

Mussa (apud MATTOS e SILVA, 2004), a população do Brasil no século XIX era constituída por aproximadamente 60% de não brancos, entre eles, africanos, negros brasileiros e mulatos. Esse dado, juntamente com os estudos sobre a sócio-história do Brasil, revela a importância de análises das características lingüísticas na comunidade de fala desse contingente e suas possíveis implicações na formação de uma gramática do PB. Como ressalta Mattos e Silva (2004, p. 34):

[...] não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade lingüística, e não apenas como contraponto, ‘os aloglotas’, o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa.

Alie-se a estes fatos que, segundo Mattos e Silva (2004, p.102), os africanos e afro-descendentes foram os agentes principais da difusão do português geral brasileiro (PGB), antecedente do português popular brasileiro (PPB) ou português vernáculo, devido a três principais fatores sócio-históricos:

- i) presença maciça em toda a história;
- ii) grande mobilidade geográfica;
- iii) papéis sociais diversificados e múltiplos.

Algumas pesquisas sobre variação e mudança lingüística da língua portuguesa no e do Brasil, em particular as de orientação na Sociolingüística, inserem nas suas análises as normas lingüísticas de comunidades isoladas afro-descendentes. Mas, no que tange aos estudos diacrônicos e/ou de sincronias pretéritas, muito pouco tem sido feito a fim de analisar as características lingüísticas deste segmento e compará-las com as demais normas contemporâneas (ou mesmo com as atuais) para avaliar a sua contribuição na formação do PB. Há uma década, no entanto, o *Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro* (PHPB) faz investigações sobre a história social lingüística do português brasileiro. Em particular, o *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), coordenado pela Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva, compreende, entre outros, projeto voltado para análise morfossintática de textos escritos por africanos e afro-descendentes, sob a coordenação da Profa. Dra. Tânia Lobo, do qual parte do *corpus* foi extraída.

Muito se tem escrito a respeito do percurso diacrônico de clíticos reflexivos e não-

reflexivos e muito ainda se escreverá. Muito se tem questionado a respeito da relevância do contato lingüístico para a formação do PB, em particular no que se refere à contribuição lingüística do segmento afro-descendente e muito ainda será discutido. Assim, este trabalho objetiva, entre outras coisas, lançar um pouco mais de luz sobre essas questões e contribuir para um melhor entendimento dos fatores que têm atuado em processos de mudança relativos a clíticos e também contribuir para uma melhor avaliação da importância do contingente demográfico que, por no mínimo três longos séculos, representou maioria, ao menos numérica, da população (MATTOS E SILVA, 2004, p.101) e que, entrando em contato com a língua portuguesa, a reconfigurou, moldando-a em PB.

Dessa forma, incluímos na seleção de textos que constituem nosso *corpus* um conjunto de atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (doravante SPD) redigidas por negros africanos e brasileiros (alforriados ou livres), os ditos “crioulos”, na cidade do Salvador-Bahia, no século XIX. É importante informar que pouco se sabe a respeito do processo de aquisição da língua portuguesa como segunda língua (L<sub>2</sub>) por parte do segmento africano, tanto quanto do processo de aprendizagem da língua pelos brasileiros.

O século XIX é caracterizado como um período importante na história do Brasil, na constituição de sua identidade social e lingüística, pois, segundo alguns autores (como TARALLO, 1993), surgem durante esse século, fatos lingüísticos que caracterizam a emergência de uma gramática própria do PB. Além disso, é também o momento em que, como observado por Nunes (1991, p.37), construções de *se*-apassivador com concordância entram em franca decadência e, segundo Cavalcante (1999, p.21) a supressão do clítico *se* também se torna evidente, o que reforça nossa escolha por essa sincronia.



## CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 INTRODUÇÃO

Como visto no capítulo anterior, muitos trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o comportamento morfossintático de clíticos de forma reflexiva, em particular a forma *se*, e, sobretudo, no português brasileiro, sob diferentes aspectos, mas, muitas vezes seguindo a mesma perspectiva teórica. Após diversas e diferentes leituras, sentimos que o tema carece e, antes de tudo, impõe uma abordagem que contemple diferentes níveis de análise e que considere a língua como instrumento de interação social, passível de mudança, graças às demandas sócio-comunicativas de *falar para o outro e com o outro*. Desta forma, a abordagem funcionalista nos pareceu mais adequada como perspectiva teórica, por considerar a língua como *atividade social*, contextualizando-a sócio-culturalmente e por ser uma teoria integrativa no sentido de estudar relações sistemáticas entre formas e funções por elas desempenhadas em uma língua. Dentro da perspectiva funcionalista também nos será útil o paradigma da *gramaticalização* para analisar a mudança que envolve um trajeto desses clíticos, de elementos de caráter menos gramatical a mais gramatical.

### 2.2 QUADRO TEÓRICO FUNCIONALISTA

Nossa perspectiva de análise situa esta pesquisa no domínio de interface entre sintaxe, semântica e contexto discursivo, motivo pelo qual buscamos respaldo na abordagem lingüística Funcional. A abordagem funcional analisa a língua relacionando-a ao contexto, inclusive contexto social e, por que não dizer, sócio-histórico, quando de uma perspectiva histórica em sentido amplo.

A escolha dessa perspectiva de análise deve-se ao fato de os clíticos de forma reflexiva serem extremamente dependentes das propriedades sintáticas e semânticas do predicado do verbo “hospedeiro” e, alguns tipos de clítico, do contexto discursivo, pois a referência a um sujeito ou agente indeterminado só é possível ser definida a partir do contexto, a exemplo dos pseudo-reflexivos:

(3) *Pedro se matou.* (reflexivo)

(4) *Pedro se feriu nos espinhos.* (pseudo-reflexivo)

Além disso, a abordagem funcional define que a sintaxe não é autônoma, mas está subordinada ao nível semântico e a relação entre estes níveis está subordinada ao propósito comunicativo e ao contexto discursivo. (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTA, 2006, p.23). Desta forma, a sintaxe é também motivada pela situação comunicativa.

Para essa teoria, a frase é a unidade mínima suscetível de análise em todos os níveis, fonológico, morfológico, sintático e comunicativo ou pragmático e a língua não é um fenômeno isolado, mas é vista como instrumento da interação verbal, por isso passível das pressões e necessidades sócio-comunicativas, sendo por elas modificada.

Fundamentamos-nos na proposta de gramática funcional de Simon Dik (1988, apud NEVES, 1997, p.82), segundo a qual todas as expressões lingüísticas são analisadas a partir da predicação e do predicador (designador de propriedades ou de relações). O predicador seria o elemento essencial, em torno do qual se estabelecem os termos (argumentos) e esses têm suas funções definidas a partir das três metafunções básicas:

- semântica (referente aos papéis por elas desempenhados)
- sintática;
- pragmática (referente ao estatuto informacional).

Assim, em uma frase, uma estrutura predicativa, pode-se analisar cada expressão lingüística e sua função sintática (sujeito, objeto etc); semântica (agente, meta etc) e pragmática (tópico, foco etc).

Outras propostas da abordagem funcional pertinentes ao nosso estudo dizem respeito ao grau de transitividade e à organização da estrutura oracional, os quais estariam relacionados aos propósitos comunicativos do falante.

Segundo De Lancey (1981, apud NEVES, 1997, p.34) a organização da estrutura oracional está relacionada à organização do fluxo da informação que, seguindo uma ordem natural, parte sempre do papel de *agente* ou *experimentador* para o papel de *meta*. Esse fluxo de informação baseia-se na ordenação temporal dos eventos e pode ser descrito sob dois pontos de vista: do observador e de um dos participantes do evento.

A análise do fluxo informacional favorece também a análise:

- do estado de ativação (dado, acessível, novo);
- das condições de identificabilidade (identificável, não-identificável);
- dos meios de identificabilidade (primeira pessoa, segunda pessoa, menção no discurso prévio, situação discursiva);
- da genericidade;
- da referencialidade discursiva.

### 2.2.1 A perspectiva da gramaticalização

Sob o ponto de vista do Funcionalismo, o processo de gramaticalização tem sua motivação nas necessidades comunicativas do discurso. Assim, o falante, em virtude de uma necessidade de comunicação, para criar determinado efeito de sentido, recorre a estruturas e aos itens lingüísticos disponíveis na estrutura da língua, conferindo-lhes novas funções e/ou novas formas.

Antoine Meillet (1912) foi o primeiro a empregar, no seu artigo *L'évolution des formes grammaticales*, o termo gramaticalização para indicar “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma”. No entanto, as origens desse conceito de Meillet estão nos estudos de Humboldt (1822) sobre a “gênese das formas gramaticais”.

Já para Georg von Gabelentz (1891), indo-europeísta influenciado pelas idéias de Humboldt, a gramaticalização é o resultado da competição de duas tendências e não é um processo linear, mas cíclico e recorrente de re-criação de formas gramaticais.

Kurylowicz (1965), por sua vez, conceitua a gramaticalização como processo de ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical.

Já para Castilho (1997), é um processo de criação lingüística que parte da necessidade discursiva, pois o homem precisa falar *para outros e como outros*, a fim de se comunicar.

Uma outra definição de gramaticalização muito pertinente para este trabalho é a que trata da gramaticalização como um processo constante de renovação do sistema lingüístico, a partir do surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes, (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO; CARVALHO, 2007, p.15). Com base nesta definição, supomos que o apagamento dos clíticos

seja um processo de gramaticalização no qual a categoria vazia, zero ou apagamento seja uma nova forma para expressar o que o uso do clítico, tornado-se anti-funcional, já não consegue expressar em muitos e determinados contextos.

Meillet (1912) já chamava a atenção para o fato de que a gramaticalização pode ser um processo diacrônico: derivação de usos “acessórios” e “gramaticais” de um uso “principal” ou mais específico; sincrônico: convivência dos usos constituídos num mesmo recorte de tempo.

Segundo Martelotta (2003, p.68), atualmente, a teoria funcionalista propõe que a mudança lingüística não esteja baseada apenas em uma diacronia linear, assumindo, portanto características pancrônicas:

1. Vê a gramaticalização como um fenômeno sintático, discursivo, pragmático, para ser estudado sob o ponto de vista dos padrões fluidos da língua em uso. Além disso, estuda-se *a convivência da forma-fonte*, item que deu princípio ao processo de gramaticalização, *com as novas formas*, já gramaticalizadas ou em processo de gramaticalização;
2. Investiga a fonte das formas gramaticais e os graus de mudança que elas sofrem (HOPPER e TRAUGOTT, 1993).

Neste sentido:

Há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares, já que há evidências de que o mesmo tipo de transformação pode processar-se repetidamente, enfraquecendo a visão tradicional de que a mudança está relacionada apenas à sucessão temporal. A lingüística funcional tende, portanto, a adotar, juntamente com Labov (1994), uma formulação mais refinada da hipótese neogramática de mudança, segundo a qual os mesmos tipos de mudança ocorreram em todas as fases da história das línguas e tenderão a continuar ocorrendo. (MARTELOTTA, 2003, p.59)

Adite-se a isso o caráter cíclico da gramaticalização (processo de mudança lingüística), segundo o qual a mudança precede a variação e esta dá início a novo período de mudança. Assim, como diz Castilho (1997, p.55), “a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística”.

Para o presente trabalho, supomos que o apagamento dos clíticos possa ser observado sob uma perspectiva *pancrônica*, pois apresenta:

- i) as formas que supostamente se gramaticalizaram e os graus de mudança que elas sofrem;
- ii) a variação presença/ausência dos clíticos.

Apesar de reconhecer no fenômeno do apagamento dos clíticos e entre seus diferentes tipos um possível processo de gramaticalização, acreditamos que a afirmação categórica de que se trata deste processo requer um estudo mais abrangente de todas as características, princípios e fases do processo.

Barreto<sup>2</sup> chama a atenção para o fato de que a gramaticalização é uma espécie de mudança lingüística, mas que somente determinadas classes lexicais e gramaticais são susceptíveis deste processo. Assim para que uma forma seja gramaticalizada é importante:

- i) sua frequência de uso;
- ii) que seu conteúdo semântico possibilite inferências, seja abrangente.

No que diz respeito à frequência de uso, o paradigma da gramaticalização verifica que o uso de um item ou construção começa sem regularidade, de forma casuística, e a regularização do seu uso dá-se com a repetição, que passa a fixar, converter em norma e incluir na gramática de uma língua um uso antes casual, razão pela qual se verifica a frequência de uso dos diferentes tipos de clítico em diferentes contextos sintáticos e semânticos de um tipo de predicação verbal.

Já em relação ao conteúdo semântico, propomos que, para o estudo em questão, a característica (ii) esteja relacionada ao conteúdo referencial dos clíticos, que varia de uma referência determinada, com antecedente expresso (para os *reflexivo-recíprocos*) a uma referência indeterminada, sem referente expresso, podendo abranger todas as pessoas do discurso (*indeterminador*).

### 2.2.2 A questão da referência e perda de traços e de propriedades

**A perda gradativa da referência, enveredando pela  
generalidade, pode atingir um alto grau de indefinidade e  
abstração.**  
(LOPES, 2003, p.7)

A alteração da carga semântica de um item é uma das primeiras evidências de gramaticalização, essa mudança é caracterizada por perdas e ganhos. Supomos que esta alteração da carga semântica, para os clíticos em estudo, se verifique na referência que fazem aos participantes do discurso.

---

<sup>2</sup> Aula de LET 693, ministrada pela Profª. Dra. Terezinha Barreto – 2006.2 – PPGLL/UFBA.

Além de a noção de referência ser muito controversa entre as diferentes abordagens e de difícil conceituação, estabelecer se há perda ou mudança de referência dos clíticos é uma decisão que merece maior aprofundamento teórico. Contudo, por ora, propomos que haja, entre os tipos de clíticos que se desenvolveram no percurso histórico, *um ganho* de abrangência desta propriedade em relação ao agente (tendência a uma significação mais geral) e *uma perda* da referência a um sujeito/agente determinado e/ou lexicalmente expresso anteriormente.

Desta forma verifica-se um dos postulados atribuídos ao paradigma da gramaticalização que diz respeito à trajetória de elementos lingüísticos, que vai de uma condição mais referencial para menos referencial. Ou seja, o clítico torna-se menos referencial, quando não faz referência um agente determinado e atinge “um alto grau de indefinidade”.

Segundo Neves (2000, p.75):

No processo da língua em uso, os participantes de um discurso negociam o universo de discurso de que falam, e, dentro dele, num determinado momento, escolhem referir-se a algum (alguns) indivíduo(s) cuja identidade estabelecem - ou não- segundo queiram – ou não- garantir a sua existência nesse universo. Isso significa que **referenciação envolve interação, e, conseqüentemente, intenção.** [grifo nosso]

Isto posto, percebe-se que a referência deverá ser analisada, com maior relevância, nos níveis semântico e discursivo, considerando, para tanto, traços e propriedades pertinentes a estes níveis, os quais serão tratados no capítulo 3. Mas não se deverá abrir mão da análise morfossintática, pois as condições e os meios de identificabilidade são dados também a partir de critérios morfossintáticos, tais como morfologia verbal, com destaque para os traços de pessoa e número.

A respeito desta relação entre os traços morfossintáticos e a caracterização dos clíticos quanto à referência ao sujeito, Camacho (2003, p.98) menciona que “nas construções reflexivo-recíprocas, o clítico se caracteriza por uma simetria de traços número-pessoais com o termo na posição de sujeito, com o qual se acha obrigatoriamente coindexado”.

Assim, a referência será analisada com base na identificação formal (morfossintática) de traços de pessoa e número e na identificação de conteúdo semântico-discursivo.

### 2.2. 3 Perda de traços e propriedades

Entre os princípios que regem a gramaticalização, segundo Hopper (1991, apud CASTILHO, 1997, p.51), a descategorização caracteriza-se pela redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados.

Uma vez que toda classe gramatical possui um núcleo prototípico, que concentra traços específicos, à medida que um item se afasta desse núcleo, no processo de mudança, ele perde ou neutraliza marcas categoriais morfológicas e sintáticas, ou seja, ele se descategoriza.

A recategorização, por sua vez, acontece pela aquisição, por um determinado item, dos traços gramaticais específicos da nova classe da qual ele passa a fazer parte.

Entre os tipos de clítico (ver quadro 1, p.37), a perda gradativa de traços categoriais de [pessoa] e [número], bem como a atribuição de papel temático, e propriedades semântico-discursivos (referência e especificação de pessoa do discurso) revelam que, numa perspectiva diacrônica, houve um processo de gramaticalização, gerando, senão características de outras categorias, como de afixo<sup>3</sup>, pelo menos novas funções para formas já existentes.

É interessante observar que o uso de *se*, verificado no PB e também no PE não-padrão (NARO e SCHERRE, 2000<sup>4</sup>), reforça a tese de perda de traços categoriais de pessoa, o que leva à possibilidade de ser o clítico empregado, na forma *se*, para todas as pessoas.

<sup>3</sup> A esse respeito confira Vitral (2006, p.128) e Mateus *et al.* (2003, p.841).

<sup>4</sup> Vou *s'imbora*. Vê ali uma coisa que *s'intressa* de comprar ("que lhe interessa comprar"). Exemplos retirados de Naro e Scherre, 2000.

**Quadro 1** Proposta de descrição sintático-semântica dos tipos de clíticos em uma predicação

Tipo de clítico	recíproco e reflexivo	inerente	pseudo-reflexivo	Se-médio	Se-apassivador	Se-pseudo-apassivador	Se-indeterminador (tipo 2)	Se-indeterminador (tipo 1)
<b>Traços e propriedades</b>								
1. Categoria de pessoa	[+pessoa <sup>5</sup> ]	[+pessoa]	[+pessoa]	[+ pessoa]	[+ pessoa]	[α pessoa]	[- pessoa]	[Φ pessoa]
2. Categoria de número	[+número]	[+número]	[+número]	[+ número]	[+número]	[α número]	[- número]	[Φ número]
3. Atribuição de papel temático ao clítico	[+temático]	[-temático]	[-temático]	[-temático]	[+temático]	[-temático]	[-temático]	[-temático]
4. Macro-função do sujeito	<b>Causa</b>	<b>Objeto Afetado</b>	Objeto Afetado	Objeto Afetado	<b>Objeto Afetado</b>	<b>Causa</b>	<b>Causa</b>	<b>Causa</b>
5. Animacidade do Suj.	[+animado] [+humano]	[±animado] [+humano]	[+animado] [+humano]	<b>[-animado]</b> <b>[-humano]</b>	[α animado] [+ humano]	[+animado] [+humano]	[+animado] [+humano]	[+animado] [+humano]
6. Agentividade do Suj.	[+Agentivo]	[α Agentivo]	[α Agentivo]	[-Agentivo]	[α gentivo]	[+Agentivo]	[+Agentivo]	[α Agentivo]
7. Controle do Suj. sobre a ação, estado ou processo.	[+controlado]	[α controlado]	[α controlado]	[-controlado]	[-controlado]	[+controlado]	[+controlado]	[α controlado]
8. Grau de transitividade	<b>Alta</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Alta</b>	<b>Alta</b>	<b>Baixa</b>
9. Referência à macro-função Causa e/ou ao sujeito.	<b>determinada<sub>1</sub></b>	determinada <sub>2</sub>	determinada <sub>2</sub> ou <b>indeterminada</b>	<b>determinada<sub>2</sub></b> ou indeterminada	<b>determinada<sub>2</sub></b> ou <b>indeterminada</b>	<b>indeterminada</b> [α genérica]	<b>indeterminada</b> [+genérica]	<b>indeterminada</b> [+arbitrária]
10. A especificação de pessoa <sup>6</sup> do discurso				[-Eu]	[-Eu]	[-Eu]	[- Eu]	[+Eu]

<sup>5</sup> A formalização dos traços seguiu os valores e tipos de subespecificação de traços estabelecidos por Rooryck (1994, *apud* LOPES, 2001, p.133) para o qual:

- [+X]: valor positivo (para atribuição de traço);

- [-X]: valor negativo ( traço ausente);

- (α traço): “subespecificação α” para traços variáveis, isto é, os traços podem ter um valor “+” ou “-“, sintaticamente subespecificado.

- (Φ traço): subespecificação para traços não-variáveis, isto é, não há variação de traço, é neutro, referindo-se aos valores “+” e “-“.

<sup>6</sup> Como as formas pronominais de 3ª.pessoa, o *se* pode acionar uma interpretação semântico discursiva que inclua ou não a 1ª. pessoa do discurso na referência + *qualquer um*, ampliando e generalizando-a, tomando “como referente quaisquer seres presentes no **contexto lingüístico ou pragmático da enunciação** ou mesmo algum ser inferido no discurso.” (FIORIN, 2004, p. 164).



Com base nessas características do processo de gramaticalização, levantamos nossa primeira hipótese:

#### HIPÓTESE 1:

O apagamento do clítico é motivado por diminuição e/ou perda de traços ou propriedades morfossintáticas e semântico-discursivas. Supomos que a perda/diminuição de traços, em particular de pessoa e número, e a mudança progressiva da referência dos clíticos estejam latentes na base da hierarquia do apagamento. Como a descategorização é uma das características do processo de gramaticalização, postulamos esse paradigma como cabível para uma visão totalizante do fenômeno do apagamento do clítico de forma reflexiva.

É possível que outros princípios, estabelecidos por Hopper (1991), como:

- 1) Estratificação (*layering*) – dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas emergem continuamente; as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, podendo continuar a existir e interagir ao lado das camadas mais novas; ou seja, formas diferentes para expressar o mesmo significado.
- 2) Divergência (*divergence*) – trata-se da bifurcação de um item; quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, por exemplo, a original pode continuar autônoma, sofrendo mudanças como as demais formas pertencentes à sua nova categoria; ou seja, formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes.

estejam subjacentes ao processo de gramaticalização dos clíticos de forma reflexiva, mas não exploraremos aqui esta perspectiva de análise, devido à ainda pouco aprofundada abordagem de cunho teórico que este trabalho pode oferecer, face à complexidade da questão e sobretudo ao tempo exíguo para o estudo de um *corpus* mais representativo do percurso histórico.

Concebido como um processo, o percurso diacrônico trilhado por um item em gramaticalização apresenta quadro de variação que produz uma mudança gradual, pressupondo a passagem por estágios a partir da atuação de alguns mecanismos de mudança.

### 2.3 A REANÁLISE

Quando se diz que a implementação do processo de gramaticalização se dá de maneira gradual, está-se fazendo referência a um dos mecanismos<sup>7</sup> atuantes (analogia; reanálise, aumento da frequência de uso etc): o gradualismo. Dessa forma, a perda de traços se dá de forma gradual e a mudança categorial pode ser provocada pela reanálise. Embora estes mecanismos não sejam necessários e suficientes para caracterizar um processo como sendo de gramaticalização, posto que o essencial seja o princípio da Unidirecionalidade, observamos que a reanálise constituiu mecanismo relevante no processo de gramaticalização empreendido pelo clítico *se*, em particular do *se- indeterminador*.

Castilho (1997, p.53) define reanálise como “um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão organizados no eixo sintagmático”. Essa mudança se deve à abdução, que provoca inferências. Através da abdução, apagam-se os limites entre determinados constituintes. As conseqüências da reanálise embora sejam imediatas em termos individuais, não o são em termos da comunidade de fala e podem provocar o surgimento de uma nova categoria gramatical ou a recategorização de itens, incluindo-os em categoria distinta.

Vejamos o exemplo da reanálise das estruturas passivas em estruturas impessoais.

A partir de meados do século XVI, segundo Naro (1976), surgem frases, supostamente de sentido passivo, sem concordância entre o verbo e o argumento interno plural. Como a concordância entre esses elementos era uma das características peculiares da construção com sentido passivo, abriu-se um caminho para uma interpretação de uma estrutura ativa com objeto direto e sujeito não especificado. Assim, uma frase como (5):

(5) *& porem se lee este evangelho na festa da trindade* (Naro, 1976, p.802)

é estruturalmente ambígua, permitindo uma interpretação paralela a:

(6) *& porem o padre lee este evangelho na festa da trindade* (Naro, 1976, p.803)

porque:

- i) não apresenta concordância explícita entre o verbo e o argumento interno;
- ii) há omissão do sintagma agentivo;
- iii) o sujeito ocorre em posição pós-verbal, criando um paralelismo com uma frase ativa.

---

<sup>7</sup> Cf. Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão; Carvalho, (2007, p.37).

As semelhanças de superfície entre frases como (5) e (6) podem ter desencadeado um processo de reanálise sintática da construção com *se-apassivador*. Assim uma oração como (5) constitui o *input* ideal para o processo de reanálise, permitindo uma interpretação como (6). Aliado a isso está o fato de o sentido impessoal estar na base do sentido passivo, uma vez que em ambos os tipos de construção há omissão do agente. Assim, o sentido impessoal, latente nas construções passivas de terceira pessoa do singular, ocasiona que estruturas como (5) possibilitem a interpretação de uma estrutura ativa com sujeito/agente indeterminado:

Esse processo de reanálise foi discutido em Martins (2003):

A associação destes três factores permite que numa frase [como a (5)] o constituinte *este evangelho*, o sujeito gramatical na construção de *se* passivo, seja reanalisado como objecto directo, assim emergindo a construção de *se* impessoal. A identidade semântica entre as frases passivas sintéticas e as correspondentes frases activas "impessoais" com *se* terá sido um factor propiciador da mudança, favorecendo a sua estabilização e difusão.

Mateus et al. (2003, p.532) considera que construções de *se* com verbo transitivo na terceira pessoa do singular (3ª pessoa do singular) “são sistematicamente ambíguas entre uma interpretação de passiva de *-se* e de frase activa com *-se* nominativo:

Descobriu-se uma fuga no reactor nuclear

Int. 1: Foi descoberta uma fuga no reactor nuclear.

Int. 2: Alguém descobriu uma fuga no reactor nuclear.”

A reinterpretação das estruturas passivas em estruturas ativas ocasionou o surgimento do clítico *se- indeterminador* com verbos transitivos. Posteriormente, esse tipo de construção veio a favorecer, com o concurso de outros fatores, o apagamento do clítico.

Nota-se, portanto, que a reanálise interfere diretamente no processo de apagamento do clítico. Essa relação entre o processo de reanálise e apagamento sustenta a hipótese 2 do nosso estudo:

## HIPÓTESE 2:

O enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal nas construções em que o *se* acompanha verbo transitivo direto e a conseqüente reinterpretação das passivas como voz ativa impessoal podem representar uma das etapas do processo que leva ao apagamento do clítico *se*.

## 2.4 O APAGAMENTO COMO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

**“O estágio *zero* é o momento máximo de exaustão da estrutura e anuncia a retomada do processo contínuo que é a gramaticalização.”**  
(CASTILHO, 1997, p. 46)

Supomos que o apagamento dos clíticos de forma reflexiva, em particular, aquele cuja função é *indeterminar*, seja um dos estágios do processo de gramaticalização, pelo qual esses clíticos têm passado. Outros autores, como Vitral (2006) e Mateus et al (2003), também abordam que a existência de diferentes tipos de clíticos de forma reflexiva ao longo de diferentes sincronias seja produto de processo de gramaticalização e o primeiro autor chega a mencionar que o apagamento do clítico *se* é o estágio *zero* do processo.

### 2.4.1 O trajeto da gramaticalização:

Como dito na seção 2.2.3, o processo de gramaticalização passa por estágios ou fases. Nos estudos sobre gramaticalização, Givón (1979, apud CASTILHO, 1997) propõe que o percurso da gramaticalização seja o seguinte:

*discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero.*

De acordo com o paradigma da gramaticalização, no estágio do processo em que o item encontra-se mais gramaticalizado, *zero* ou apagamento, ele pode sofrer apagamento, por ter-se tornado anti-funcional. Segundo Castilho, (1997, p.46) “o estágio zero é o momento máximo de exaustão da estrutura, e anuncia a retomada do processo contínuo que é a gramaticalização.”

Em trabalho sobre gramaticalização dos clíticos de forma reflexiva, do período arcaico (séc. XIV ao XVI) ao português contemporâneo (séc. XX ao XXI), Vitral (2006) observou um considerável aumento da frequência de uso do clítico *se* de caráter não-reflexivo (*apassivador*, *ambíguo*<sup>8</sup>, *indeterminador*) no período moderno (séc. XVII e XIX) e,

---

<sup>8</sup> O autor considera ambíguo o clítico que ocorre com verbo na terceira pessoa do singular e argumento interno singular.

particularmente, do *ambíguo*.

Sabe-se que, no processo de gramaticalização, nos estágios iniciais da mudança, formas/estruturas diferentes precisam possibilitar interpretação igual ou semelhante, condição para a aplicação da reanálise. A indeterminação do *agente* (semelhança entre as construções com *se* com sentido passivo e indeterminador) pode ter desencadeado um processo de reanálise sintática da antiga construção com *se-apassivador*. Nota-se, pois, que, segundo o estudo de Vitral (2006) e de acordo com os *corpora* analisados, a fase moderna da língua portuguesa é período que precede o aumento da frequência de uso do *se* em contextos de indeterminação.

Segundo o paradigma funcional, a frequência de uso interfere consideravelmente no processo de gramaticalização:

De acordo com essa trajetória de gramaticalização, progressivamente, via repetição, seu uso **torna-se previsível** e regular (...) **Com o aumento da frequência de uso, essa construção tende a sofrer desgaste formal e funcional que poderá causar seu desaparecimento, dando início a um novo ciclo.**” (FURTADO DA CUNHA, 2003, p.54)

A proposta de Vitral é que, durante esses períodos, o *se* reflexivo passou por processo de gramaticalização, originando clíticos, que passam a atuar em outros contextos e desempenham outras funções (*estilístico*<sup>9</sup>, *apassivador* e *indeterminador*). Nesses clíticos a noção precípua de reflexividade vai-se atenuando até desaparecer por completo (*indeterminador*).

Schmidt-Riese (2002, p.257) também admite que haja um processo de gramaticalização na formação dos clíticos de forma reflexiva, iniciado no *reflexivo-recíproco*:

Sob o ponto de vista diacrônico, o **pseudo-reflexivo lexical** [clítico que ocorre na voz média] ocuparia evidentemente uma posição intermediária em **um processo de gramaticalização**. Na verdade, ele é **diacronicamente atestado com anterioridade considerável em relação ao pseudo-reflexivo gramatical** [*se apassivador* e *indeterminador*], em textos de baixa latinidade. [grifo nosso]

Ainda segundo Vitral (2006, p.124), o *indeterminador* é o tipo mais gramaticalizado. Para ele, os *se* reflexivo e recíproco têm natureza de clítico, são [+argumental], ocupam posição sintática e detêm papel temático, desempenhando, portanto, uma função gramatical,

---

<sup>9</sup> Denominação dada por Vitral (2006).

porém comportam propriedades “menos gramaticais” do que os demais clíticos (*apassivador* e *indeterminador*, por exemplo). No extremo oposto do processo, encontra-se o *indeterminador* que, ao contrário do reflexo-recíproco não é um argumento, ou seja, é [-argumental] e já não dispõe de traços de pessoa e número, apresentando, portanto, natureza de afixo, e não do clítico, comportamento “mais gramatical”.

Assim os clíticos recíproco e reflexivo estariam na penúltima fase do *cline* proposto por Hopper e Traugott (1993 *apud* VITRAL, 2006, p.129) para a trajetória da gramaticalização:

*item lexical > item gramatical > clítico > afixo.*

Com base também nesta proposta, acreditamos e esperamos então que o *se-indeterminador* seja o mais propenso ao apagamento, uma vez que é o mais gramaticalizado (ver quadro 1, p.37), o que nos leva à nossa terceira hipótese:

### HIPÓTESE 3:

A hierarquia do apagamento seria a seguinte:

a) *função indeterminadora*; b) *função passiva*; c) *função reflexiva*; d) *função recíproca*.

O apagamento do clítico, em particular do *indeterminador*, seria o último estágio do processo de gramaticalização, pelo fato de o clítico, em determinados contextos, ter-se tornado anti-funcional. Ou seja, ao longo do processo de gramaticalização, perdeu traços e propriedades de sua forma-fonte (*recíproco-reflexivo*) e sofreu alterações no nível semântico. Se considerarmos que as mudanças no quadro pronominal do PB levaram a um rearranjo do paradigma verbal e, dentro deste quadro de mudança, a morfologia verbal de 3<sup>a</sup>. pessoa<sup>10</sup> passa a produzir interpretação de sujeito/agente indeterminado, muitas vezes podendo incluir até mesmo o falante, podemos dizer que o uso do clítico passa a ser menos funcional para indeterminar o sujeito/agente do que a morfologia de 3<sup>a</sup>. pessoa, em particular do singular, o que pode contribuir para o seu apagamento. Além disso, ao longo destes cinco séculos, surgiram formas nominais e pronominais que também têm sido usadas para indeterminar (*a gente* e *você*, por exemplo).

Acreditamos que o processo de gramaticalização tenha-se iniciado por volta do séc. XVI, quando surgem construções supostamente passivas, com VTD e sem concordância entre o argumento interno e o verbo, atestadas por Naro (1976), e tenha-se intensificado quando os

<sup>10</sup> Incluímos a 3<sup>a</sup>. pessoa do plural por ter uma abrangência genérica, podendo remeter a um todo não identificável.

clíticos passam a ser usados, com maior frequência, junto a verbos intransitivos e transitivos indiretos, como atestado por Nunes (1995; 1991). Isso deve ter favorecido o enfraquecimento do sentido passivo, o conseqüente aumento do sentido impessoal e, em paralelo, diminuição dos valores dos traços categoriais e alteração da propriedade *referência*. Ao final dessa trajetória, já exaurido semanticamente, é substituído, em alguns contextos, por formas nominais e pronominais de indeterminação ou por estratégias de esquiva ou simplesmente apagado.

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

### 3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a constituição do *corpus*: gêneros textuais que o compõem, quantidades de documentos e uma ligeira descrição destes. Em seguida, refletimos um pouco sobre as diferentes classificações e estudos que têm sido feitos sobre clíticos de forma reflexiva, a fim de direcionar e situar nossa proposta de classificação, que é apresentada logo após este tópico. Em 3.4, expomos os fatores que podem se mostrar mais relevantes para a análise do apagamento do clítico e, antes de apresentarmos a nossa classificação, descrevemos os traços e propriedades que levamos em consideração.

### 3.2 CONSTITUIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

#### 3.2.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* constitui-se de documentos produzidos durante o século XIX: atas de negros africanos e brasileiros, pertencentes à Sociedade Protetora dos Desvalidos, redigidas na Bahia; cartas de leitores de jornais do Rio de Janeiro e da Bahia; anúncios de jornais do Rio de Janeiro. Apesar de as atas de africanos terem sido produzidas no período de 1832-1842 e as atas de brasileiros, no período de 1840 a 1894, o conjunto total destas atas e os demais documentos foram agrupados em períodos. Estes períodos foram estabelecidos para as cartas e anúncios pelos editores e organizadores destes documentos, em “fases que se espelham na divisão geracional de 30 anos”<sup>11</sup>: Fase I (1808-1840); Fase II (1841 – 1870) e Fase III (1871 - 1900).

---

<sup>11</sup> BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. (2006, p.07)



### 3.2.2 Caracterização do *corpus*

Para a constituição do *corpus*, demos preferência a textos que pudessem satisfazer nosso intuito de tentar capturar características mais aproximadas do vernáculo. Foram então selecionadas, após minuciosa leitura, de um conjunto de 113 cartas de leitores de jornais do Rio de Janeiro e da Bahia, apenas as cartas que versassem sobre assuntos do cotidiano e/ou não assinadas por pessoas pertencentes à classe política, doutores, nobres e de alta patente militar. Curiosa e infelizmente esta não era a característica predominante das cartas da Bahia, o que explica o reduzido número de cartas selecionadas.

As cartas e os anúncios de jornais do Rio de Janeiro e da Bahia fazem parte do conjunto de textos editados por pesquisadores do PHPB<sup>12</sup> e as atas constituem parte do *corpus* editado por Klebson Oliveira para sua Tese<sup>13</sup>.

Confirmam-se, abaixo, os números relativos ao total de linhas e documentos do *corpus*:

**Quadro 2:** Constituição do *corpus* por natureza, número de documentos e número de linhas.

<b>Natureza do documento</b>	<b>Nº de documentos</b>	<b>Nº de linhas analisadas</b>
Atas de africanos	55	835
Atas de brasileiros	69	2.934
Cartas de leitores de jornais do RJ	17	583
Cartas de leitores de jornais da BA	10	235
Anúncios	167	792
<b>Total</b>	<b>318</b>	<b>5.379</b>

Fonte: da autora

Os exemplos dos anúncios estão identificados da seguinte forma: sigla do jornal, seguida do número do anúncio e da fase correspondente:

(7) Quem se quizer utilizar **(GA.17,I)**

(Gazeta Do Rio De Janeiro, anúncio 17, fase I)

Os exemplos de cartas identificam-se pelo número da carta em BARBOSA e LOPES, 2006; número da linha e fase:

(8) elle se queixa **(Carta 186.23, I)**

As atas são identificadas pela sigla do redator, seguida do número do documento e número de linha:

<sup>12</sup> Projeto Nacional Para História do Português Brasileiro.

<sup>13</sup> Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história: edição filológica de documentos e estudo lingüístico. OLIVEIRA, Klebson (2006).

(9) deu-se todos poderes

(LTG 01.03)

(Luis Teixeira Gomes, documento 01, linha 03)

O conjunto de 124 Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (doravante SPD) compreende o período de 1832-1842 (atas redigidas por negros africanos) e de 1840 a 1894 (atas redigidas por negros brasileiros). Deve-se esclarecer que, apesar de, a partir de 1874, a sociedade admitir “*cidadãos* brasileiros de cor preta”, ainda que naturalizados, o autor da edição filológica teve o devido cuidado de selecionar as atas por nacionalidade de *redator*.

Ainda sobre a SPD, ou melhor, sobre o “lugar social” de seus membros, sabe-se que, além da cor e naturalidade, uma das exigências mais importantes para a admissão era a ocupação do candidato. Devido também a esta exigência, a SPD sobressaiu-se entre as demais irmandades da sua época por ser composta por uma “elite negra”, como cita Oliveira (2006, p.174):

Mas a SPD, entre os seus, selecionou, em tempos em que negros estavam, sobretudo, ocupados em ofícios que não careciam de qualificação, em que negros exerciam várias profissões ao mesmo tempo, porque a sobrevivência assim exigia, os mais bem situados socialmente, os mais qualificados profissionalmente. A Irmandade, se se levar em consideração o quadro geral desenhado para os livres e libertos (...), congregou, propositadamente, uma ‘elite negra’ da Salvador oitocentista. Quis e se tornou, como já disse Braga (1987), uma *agência de prestígio* e parece ter feito tudo quanto fosse possível para que assim permanecesse ao longo do século XIX.

Além da presença numerosa destes “pretos bem selecionados”, havia no quadro de sócios 06 “indivíduos que se declararam professores”, mas de cuja capacitação para o ofício não se tem conhecimento. Estas considerações sobre o lugar social dos indivíduos desta comunidade se fazem necessárias para que a variedade do português por eles empregada, ao tempo em que se torna conhecida, seja também adequadamente analisada. Além disso, devido à religião mulçumana dos fundadores africanos, que incentivava o domínio da leitura e escrita, embora em língua árabe, pressupõe-se que fossem alfabetizados em português e quanto aos brasileiros, por exercerem, em sua maioria, ofícios manuais qualificados que exigiam certo domínio das letras, infere-se que também fossem alfabetizados. Mas como bem observa Oliveira (2006, p.191) “o domínio da escrita se representou no âmbito da irmandade em graus distintos”.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO DOS CLÍTICOS

#### 3.3.1 Classificações por outros autores

A definição dos pronomes clíticos não se dá uniformemente entre os autores consultados e se mostrou como ponto nevrálgico de todos os trabalhos e da própria análise do apagamento.

A classificação do tipo de clítico revela-se complexa por envolver os três níveis de análise: sintático (considerando a estrutura argumental<sup>14</sup> do verbo “hospedeiro” e os traços categoriais); semântico (papel temático<sup>15</sup> dos argumentos e tipo de verbo) e discursivo (a referência dos argumentos representados pelo clítico), uma vez que clíticos, enquanto pronomes, têm suas propriedades atribuídas pela predicação em que se encontram<sup>16</sup>. Percebe-se então que a classificação deve envolver também o tipo de verbo, sua grade temática (considerando o grau de transitividade) e a predicação como um todo, o que configurará, ressalte-se, não tipos específicos de clíticos, mas propriedades e traços prototípicos de cada tipo. Espera-se então que, ao final das análises, perceba-se que o apagamento não se restringe a um tipo específico de clítico, mas aos clíticos cujos traços incluam todos os fatores acima elencados, além de: tempo, modo e aspecto verbal (fatores não analisados nesse trabalho).

Os diversos trabalhos sobre as construções com *se* ou clíticos anafóricos a que tivemos acesso consideram basicamente duas propriedades: a atribuição de papel temático e a posição em que o clítico é gerado, excluindo propriedades relevantes e intrínsecas aos clíticos.

Em Nunes (1995) encontram-se seis tipos de clíticos anafóricos, classificados a partir dos seguintes critérios: papel temático, com base na Gramática de Casos, e tipo de verbo (processo, estado, ação). Além desses fatores, ele observou ainda os seguintes processos lexicais: lexicalização; pré-fusão e descontinuidade, baseado no aparato descritivo de Cook (1979, apud NUNES, 1995). Nunes observou que verbos de ação favoreceram a supressão do apagamento, contrariando suas análises: “Sob uma perspectiva funcionalista, seria esperável que os dados mostrassem maior ocorrência de supressão nos ambientes em que o clítico

<sup>14</sup> Apesar de estrutura argumental ser uma noção semântico-lexical, tem conseqüências diretas na sintaxe.

<sup>15</sup> Também designado por função semântica ou papel semântico.

<sup>16</sup> Os clíticos constituem-se argumentos verbais, ou seja, são termos da relação predicativa e o verbo é o termo que governa a organização informacional.

anafórico não funciona como argumento do verbo. Os resultados contrariaram tal expectativa...” (NUNES, 1995, p.213). Não considerou, portanto, traços intrínsecos à categoria de clítico nem ao plano discursivo e justificou que não foi do seu intento uma análise teórica, o que destinou à posteridade: “Espero, contudo, que pesquisadores interessados possam se beneficiar com a descrição aqui feita e empreender um estudo mais exaustivo dessa questão.” (NUNES 1995, p.236).

Estudos mais recentes buscam uma explicação pautada no paradigma funcional e/ou na teoria da gramaticalização e nele enveredam de maneira desbravadora, preparando o terreno para novas análises funcionalistas do fenômeno. Os seguintes autores consultados incluem a perspectiva funcionalista em seus trabalhos: Camacho (2002) e Schmidt-Riese (2002), embora não abordem especificamente o apagamento e este último analise o espanhol quinhentista; Vitral (2006), que também não analisa o apagamento, levanta a hipótese de processo de gramaticalização do *se* reflexivo, em trabalho de sintaxe gerativa, e considera os traços categoriais de pessoa e número, embora não os utilize quando da classificação geral dos clíticos, diferenciando-os, quanto à sua natureza argumental, apenas entre *reflexivo*, *apassivador* e *indeterminador*.

Um ponto discordante entre todos esses autores, ainda no plano da classificação, é quanto à possibilidade de ter havido ou não, na história do PB, *se-apassivador*. Por conseguinte classificam-no como: *se-apassivador* (NUNES, 1991); Nominativo ou Médio (CAVALCANTE, 2002); Indefinido (RAPOSO e URIAGEREKA 1996, apud MARTINS, 2003) para o PE.

Cavalcante (2002, p. 14) ao analisar o uso de *se* em “sentenças finitas e infinitivas” diz:

Não considero que em PB tenhamos um *se* *apassivador* nas sentenças finitas, tampouco que seja esse a ser apagado com alguns tipos de verbo. Acredito que em PB haja um *se* *médio* (...). Essa hipótese preliminar no entanto precisa ser trabalhada e testada. Caso seja confirmada, cabe tentar buscar nos dados diacrônicos o momento em que o PB deixou de ter o *se* *apassivador* e passou a ter somente o *se* *médio*. O que não sei responder ainda é se essa diferença se encontra num nível sintático ou semântico.

Raposo e Uriagereka (1996, apud MARTINS, 2003) também não concordam que haja, no português moderno, construções com *se-apassivador* e classificam-nas como *construções ativas* com concordância entre o verbo e o seu *argumento interno* e o *se*, como *indefinido*.

Duarte (2002, p.163), analisando construções com “*se* *apassivador* e *se* *indeterminador* em anúncios de jornais do século XIX”, verifica que, nesse período, a construção com “*se*

*apassivador* não era regra estável, concorrendo com *se indeterminador*”. Também Cavalcante (2002, p.208), analisando a variação na concordância em construções com *se* em verbos transitivos, em textos do século XIX, verificou uma variação, mas os casos de não-concordância nunca ultrapassaram os 12%. Dessa forma, consideraremos nas análises preliminares que as construções com argumento interno plural, com que o verbo concorda, sejam construções com *se-apassivador*.

Uma outra caracterização que não é feita de maneira uniforme e clara pelos autores é a do *se indeterminador*. As classificações ora se utilizam da transitividade verbal, distinguindo o uso do *apassivador* para verbos transitivos e do *indeterminador* para os intransitivos, ora consideram a variação na concordância.

Vitral (2006, p.128), em estudo sobre gramaticalização no “processo de evolução do clítico *se reflexivo* em períodos arcaico, moderno e contemporâneo”, considerou a existência do “*se apassivador*” nesses períodos. Cabe observar que o autor considerou apenas verbos transitivos com concordância com argumento interno para essa classificação, os casos sem concordância foram classificados como de *se-indeterminador*, sem que fosse feita uma análise quanto à distinção da natureza argumental e dos traços “semânticos” entre os dois tipos de clítico. Já o *se indeterminador* do sujeito (análise feita com base em verbo intransitivo), para o autor, não recebe papel temático, ou seja, é [- argumental] e “apresenta natureza de *afixo* e não de clítico”. Ele faz distinção entre as “propriedades interpretativas” do *apassivador* e do *indeterminador*, com a interpretação do sujeito “indefinida, [para o *apassivador*] o que explica a preferência dessa construção com passado ou com referência de tempo específica; enquanto, em relação ao *se indeterminador*, a interpretação é ‘genérica’, o que favorece seu uso em construções com tempo presente ou não específico.”

Note-se que, desde o pioneiro trabalho de Naro (1976) sobre a reanálise de *se-apassivador* em *se-indeterminador* e da dissertação de Nunes (1990) sobre a evolução das construções com *se-apassivador* e *se-indeterminador* no português do Brasil, já decorrem mais de trinta anos e as análises, na maioria das vezes, continuaram seguindo a mesma abordagem teórica e somente estudos feitos a partir do ano 2000 começam a questionar a possibilidade de ter havido ou não, na história do PB, *se-apassivador*. Alguns destes estudos mais recentes percebem que o apagamento do clítico não ocorre nos mesmos contextos para todos os tipos de verbo. Gonçalves (2002, 37-39), ao analisar as construções de 3ª. pessoa do singular de verbos transitivos sem *se* (C3PSSS) constata que os contextos em que o *se impessoal* se apaga não são os mesmos para os verbos transitivos e intransitivos.

Cabe observar que esse autor considerou como fatores condicionantes da não ocorrência

do *se*: aspecto verbal, tipo de verbo e restrição de escopo sobre o sujeito, mas manteve a mesma classificação de *se-indeterminador* para verbos transitivos e intransitivos, como em Nunes (1990).

A partir desse e de outros estudos, levantamos a hipótese de que o *se-impessoal* (PERES; MÓIA, 1995; NARO, 1976) ou *indeterminador* (NUNES, 1991, p.50) que ocorre com verbos intransitivos (VI) não possua as mesmas características dos que ocorrem com verbos transitivos (VT). Portanto faremos, em princípio, uma sutil distinção, classificando, como *indeterminador tipo 1*, aquele que ocorre com verbos intransitivos (sem distinguir, pelo menos, por enquanto entre inergativos e ergativos) e com verbos transitivos usados intransitivamente e, como *indeterminador tipo 2*, os que ocorrem com verbos transitivos. Na seção 3.5.1 esta distinção será mais detalhada.

Distinguimos ainda o *se-médio* para os casos em que ocorre com verbos de transitividade média, que permitem que o argumento interno seja alçado para a posição de sujeito.

### 3.3.2 Proposta de classificação

A motivação para esta proposta encontra-se na necessidade de fazer uma análise que contemple diferentes níveis, para tanto se escolheu o paradigma funcional como base de orientação teórica. A nossa proposta apóia-se em alguns pontos básicos do modelo de Dik (1985 apud NEVES, 1997 p. 82) de gramática funcional, a saber: a análise dos itens a partir da predicação e da Teoria dos Protótipos.

O objeto de estudo da gramática funcional é a *competência comunicativa*, a capacidade que os indivíduos têm de codificar e decodificar expressões e também de saber usá-las e interpretá-las adequadamente ao contexto situacional, e, no modelo de Dik, o mais importante na competência comunicativa é a predicação.

Nesse modelo, todas as expressões lingüísticas são analisadas a partir da predicação. Dessa forma, os predicados são interpretados, semanticamente, como elementos que atribuem propriedades a essas expressões que, por sua vez, têm suas funções definidas a partir das três meta-funções básicas: semântica; sintática; pragmática.

Um componente de análise que não é considerado em outras teorias lingüísticas, mas é relevante para a gramática funcional é o componente discursivo. Para Hopper e Thompson

(1980 apud NEVES, 1997, p. 26), esse componente interfere diretamente no mecanismo da transitividade. O grau de transitividade, bem como a organização da estrutura oracional, está relacionado aos propósitos do falante. A organização da estrutura oracional está relacionada à organização do fluxo da informação que, seguindo uma ordem natural, parte sempre do papel de *agente* ou *experimentador* para o papel de *meta*. Na proposta que aqui apresentamos, consideraremos que o fluxo parte da macro-função CAUSA, que abriga papéis como *agente*, *causa*, entre outros, para a macro-função OBJETO AFETADO, constituída de *paciente*, *tema*, entre outros. As noções de macro-função CAUSA e OBJETO AFETADO baseiam-se em e Cançado (2003).

De acordo com a Teoria dos Protótipos (TRAYLOR, 1992), são protótipos os itens de uma determinada categoria que compartilham todos os traços ou propriedades dessa categoria. Os itens que compartilham um número maior ou menor de traços apresentam diferentes graus de prototipicidade.

A classificação pautada na Teoria dos Protótipos (TRAYLOR, 1992) para os diferentes tipos de clíticos, que conseqüentemente também envolvem diferentes predicções, tem por base um tratamento escalar, e é representada por conjunto de traços com base na entrada lexical dos predicadores (propriedades categoriais e semânticas) e propriedades interpretativas (ou semântico- discursivas).

A aplicação dessas propostas para a análise deve-se ao fato de que estudos pautados na noção de unidades estanques elegem um dos níveis gramaticais (morfológico, sintático ou semântico) para a classificação, o que tem dificultado as análises, uma vez que a definição de classes de palavras é bastante complexa e a divisão das palavras em classes tem sido estabelecida de forma inconsistente. Segundo a Teoria dos Protótipos, os itens que compartilham um número maior ou menor de traços apresentam diferentes graus de prototipicidade. Dessa forma, as classes têm limites imprecisos e os seus componentes possuem diferentes atributos de um protótipo, fato que permite que muitas características possam ser compartilhadas por membros de categorias diferentes. Assim, supomos que seria mais razoável estabelecer um *continuum* entre os diferentes tipos de clíticos (entre um protótipo e outro) cujos traços e propriedades podem variar em quantidade e valor dentro da escala.

A fim de incluirmos diferentes níveis de análise para tais clíticos, propomos que a classificação dos tipos de clítico envolva o nível:

1) sintático: representado pelo *grau de transitividade* (traço 8 cf. quadro 1, Apêndice A, p.153) e *traços categoriais de pessoa e número* (traços 1 e 2).

2) sintático-semântico: representado por *atribuição de papel temático ao clítico* (traço 3) em uma predicação; *animacidade do sujeito* (traço 5); *agentividade do sujeito* (traço 6); *controle do sujeito sobre a ação, estado ou processo* (traço 7).

3) semântico-discursivo: representado por *referência à macro-função CAUSA e/ou ao sujeito* (traço 9); possibilidade de o clítico incluir na referência o falante, a partir da *especificação de pessoa do discurso* (traço 10); grau de participação ativa da entidade representada pelo clítico no estado de coisas, o que está representado no critério *macro-função do sujeito* (traço 4).

Cabe observar que o traço 9 se justifica por se tratar o clítico de um item que não tem referência autônoma, necessitando de uma expressão nominal ou pronominal, no contexto sintático ou discursivo, que fixe seu valor referencial e permita que ele passe a referir expressões lingüísticas só identificáveis no espaço cognitivo determinado por uma dada situação comunicativa.

Pressupomos ainda que a referência representada pelo clítico dependa também do tempo, modo e aspecto verbais, análise a que não procedemos neste trabalho.

Apesar de a proposta apoiar-se na abordagem funcionalista, devemos observar que muitos dos trabalhos que constituíram nossa fundamentação são de base gerativista, dos quais aproveitamos alguns resultados de dados, hipóteses e perspectiva, que não se mostraram excludentes face à abordagem funcionalista.

A análise do plano semântico será muito importante para o estabelecimento de alguns traços, em particular, dos papéis temáticos que podem ocorrer em uma predicação da qual o clítico participe. A distinção entre *sujeito* e *agente*, respectivamente função sintática e papel temático, propriedades que nem sempre incidem em um mesmo elemento, é de suma importância para o entendimento dos tipos de clíticos.

As listas de papéis temáticos, bem como as hierarquias, propostas na bibliografia, que os inter-relacionam não são uniformes, como observa Cançado (2003). Confirmam-se algumas:

(a) *Agent* > *Location/Source/Goal* > *Theme* (JACKENDOFF, 1972 apud CANÇADO, 2003)

(b) *Agent* > *Beneficiary* > *Experiencer* > *Instrument* > *Theme/Patient* > *Locative* (BRESNAN; KANERVA, 1989 apud CANÇADO, 2003).

O grau de participação ativa de uma entidade num dado estado de coisas depende do seu papel nesse estado de coisas e também da diátese (ou voz verbal). Portanto, a proposta de



macro-função temática e de hierarquia apresentada em Franchi<sup>17</sup> e Cançado (2003, p.4) posto que considere, entre outros fatores, a diátese do predicador nos será útil e possivelmente mais adequada.

Os papéis temáticos são, segundo Cançado (2003, p.22), definidos a partir de grupo de propriedades semânticas atribuídas a esse argumento por toda a predicação em que esse argumento se encontra. Eles são ordenados, pelo menos no português, a partir das propriedades que expressam Agentividade e Afetação, segundo Franchi e Cançado (2003, p.18) e são estas propriedades que norteiam, restringem e explicam as possibilidades de alternâncias causativas e construções ergativas no PB, segundo Cançado (2007), nas quais alguns tipos de clítico ocorrem. A proposta desses autores não é excludente, mas, antes, convergente à proposta de Dik (1989 apud CAMACHO, 2003, p.104) para a qual, segundo Camacho:

A condição para a derivação de ergativas a partir de construções causativas é a de que sua rede temática inclua necessariamente um argumento na função semântica de causativo ou Força<sup>18</sup> e um argumento necessariamente afetado ou Meta que passa a ocupar a posição de sujeito sintático nas ergativas.

Para a classificação que aqui propomos, utilizaremos as macro-funções assim estabelecidas por Franchi e Cançado (2003):

Macro-função CAUSA: {Agente; Causa; Beneficiário; Instrumento; Fonte ou Origem}

Macro-função OBJETO AFETADO: {Paciente; Experienciador; Objeto movido;  
Tema; Meta }

Esta proposta, que considera as propriedades que compõem os papéis temáticos (agentividade e afetação, por exemplo) e os agrupa em macro-funções, é interessante para a classificação dos clíticos, que se presume baseada na teoria dos protótipos e, uma vez que não se pode prever o papel temático assumido pelos argumentos nas diversas predicções, pode-se, considerando as propriedades e traços, agrupá-los em uma das macro-funções.

Cabe mais uma vez lembrar que esta proposta é incipiente, despretensiosa e carente ainda de reformulações, mesmo tendo sido estabelecida com base em traços e propriedades que vários autores consideraram relevantes.

<sup>17</sup> A proposta de macro-função (CAUSA e OBJETO AFETADO) também pode ser encontrada em Foley e Van Valin (1984 apud CAMACHO, 2003, p.108) que são denominadas de *Actor* e *Undergoer*.

<sup>18</sup> A função semântica de Força, adotada por Dik (1989 apud CAMACHO, 2003, p.104) é entendida como “entidade não controladora, mas instigadora de um processo”, correspondente à função Causa.

### 3.4.FATORES CONDICIONANTES SELECIONADOS PARA ANÁLISE

#### 3.4.1 A predicação

Como visto no item 3.3.2, o modelo de gramática funcional de Dik (1985 apud NEVES, 1997, p. 82) por nós, em parte, adotado, considera que todas as expressões lingüísticas são analisadas a partir da predicação e, dentro desta, o verbo tem papel central. Dik afirma que a estrutura do predicado se organiza com a intervenção de três tipos de funções: as semânticas, as sintáticas e as pragmáticas. Compreende-se, assim, a escolha do paradigma funcional para orientar as análises, visto ser um quadro teórico que conjuga três níveis de análise, uma vez que as expressões que constituem a predicação, em particular os clíticos, têm suas funções definidas a partir destas três funções.

O predicado das construções com o clítico de forma reflexiva será classificado de acordo com critérios sintáticos e semânticos.

O critério semântico será pautado na subclassificação de predicado apresentada por Neves (2000). Esta subclassificação semântica dos predicados pode ser detalhada da seguinte maneira:

i) **dinâmicos**, que se subclassificam em:

- **ações** ou **atividades**: exprimem uma realização específica de um “fazer”; exprimem uma ação, realizada por um argumento com macro-função CAUSA:

(10) *A mulher cortou o peixe.*

(11) *O menino leu o livro.*

- **processos**: exprimem que uma entidade é origem de um dado “fazer” ou muda de estado ou condição. Esta entidade recebe a macro-função OBJETO AFETADO:

(12) *As pílulas abrem-se no estômago.*

(13) *O menino cresceu.*

ii) **não-dinâmicos:**

- *estados* ou *posições*: indicam que o sujeito é o suporte do estado ou localiza-se em relação a um elemento expresso por um complemento preposicionado:

(14) *Mário encontra-se doente.*

(15) *O cofre encontra-se no banco.*

Essa classificação semântica carece de um refinamento, que inclua os seguintes traços: [ $\pm$  durativo]; [ $\pm$  controlado]; [ $\pm$  permanente], segundo a proposta de Costa (1990, p.14) e outros, da proposta de Mateus et al (2003, p.61) para a tipologia dos predicadores.

A classificação sintática será feita com base no número de argumentos (objeto direto objeto indireto, complemento relativo, complemento circunstancial e sujeito) exigidos pela grade temática do verbo e pela relação semântico-lexical que aqueles mantêm com o predicador. Encontramos, principalmente em Mateus et al. (2003), as classificações mais apropriadas para a proposta de classificação e análise dos clíticos, as quais especificamos da seguinte forma:

i) **intransitivo:**

Não faremos distinção entre inergativos e inacusativos, classificando-os como verbos que selecionam apenas um argumento.

(16) *Pedro morreu.*

ii) **cópula:**

Verbos que selecionam como argumento interno, uma oração mínima.

(17) *[Pedro]<sub>Suj</sub> está [morto]<sub>SAdj</sub>.*

iii) **pronominal:**

São classificados tradicionalmente (ALMEIDA, 1995, p.212) divididos em: essenciais, os que não têm variante ativa, ou seja, sem clítico e com argumento interno e externo; e acidentais: aqueles que indicam reflexividade atenuada.

(18) *Eu me queixei de dor.*

(19) *Eu me defendi.*

iv) **transitivo direto:**

Verbos que selecionam dois argumentos, um externo e outro interno, respectivamente

um sujeito *agente* ou *causativo* e um *objeto afetado*.

(20) *Pedro matou a formiga*

v) **de alternância causativa:**

Segundo Cançado e Ciriaco (2007, p.1), “a alternância causativo-ergativa consiste, sintaticamente, em uma mudança de transitividade, em que o complemento da sentença básica é alçado para a posição de sujeito e o sujeito dessa sentença é apagado”.

Diferem do transitivo direto por apresentarem também uma variante (inacusativa ou ergativa), sem argumento externo, e o argumento que ocorre estabelece relação de sujeito gramatical. É interessante observar que alguns verbos dessa classificação apresentam a opcionalidade do clítico na variante inacusativa. Nestas duas variantes, as relações sintáticas se modificam, embora os papéis temáticos permaneçam.

*variante transitiva ou causativa: X<sub>agente/causa</sub> V Y<sub>tema</sub> :*

(21) *Pedro quebrou o vidro.*

*variante inacusativa ou ergativa: Y<sub>tema</sub> V (-se) :*

(22) *O vidro quebrou (se).*

vi) **simétrico:**

Tipo de verbo de alternância com simetria entre o argumento externo e interno, que são comutáveis, com as seguintes representações:

- a) *X V com Y Pedro casou com Maria;*
- b) *Y V com X Maria casou com Pedro;*
- c) *X e Y V (-se) Pedro e Maria casaram(-se).*

vii) **transitivo direto e indireto:**

Selecionam três argumentos: um externo (sujeito) e dois internos: um objeto direto e um complemento preposicionado (objeto indireto, complemento relativo ou complemento circunstancial).

(23) *Ele deu o dinheiro aos pobres.*

viii) **transitivo indireto:**

Selecionam dois argumentos: um externo (sujeito) e um complemento preposicionado (objeto indireto, complemento relativo ou complemento circunstancial).

(24) *Precisa-se de empregados.*

ix) **causativo:**

Moura Neves (2000, p.31) o separa dos transitivos prototípicos e, apesar de apresentar dois argumentos, o que faria com que fosse classificado como transitivo direto, o argumento interno ocorre em forma de oração, particularidade destes verbos, que expressam modalidade, cognição, manipulação e elocução. Segundo esta autora, os modais, cognitivos e manipulativos estão relacionados com a atitude do falante na situação do discurso e a relação que se estabelece entre o sujeito da oração principal e da oração completiva (objetiva ou subjetiva) é de pressuposição ou implicação. Estes verbos podem ter sujeito correferencial ou não-correferencial e são divididos, segundo a configuração sintática da completiva, entre os que tem: a) completiva iniciada pela conjunção integrante *que*; b) completiva com verbo no infinitivo com sujeito presente ou indeterminado

a) *O padeiro mandou que você arranjasse a farinha.*

b) *O padeiro mandou você arranjar a farinha. / O padeiro mandou arranjar farinha.*

Consideramos que para analisar o apagamento dos pronomes clíticos, tanto se devem levar em consideração os traços semânticos dos argumentos dos verbos, quanto as propriedades semânticas e sintáticas dos próprios verbos, uma vez que o predicador selecionado determina o número de argumentos que têm de ocorrer obrigatoriamente na predicação e a relação semântica que cada um deles mantém com o predicador. O tipo de propriedade ou relação semântica expressa pelo predicador define as relações que com ele mantêm os seus argumentos nucleares.

### 3.4.2 Concordância entre verbo e argumento interno

A análise da variação na concordância do verbo com o argumento interno plural é relevante para a averiguação da reinterpretação de estruturas passivas em estruturas ativas, a partir de processo de reanálise.

Segundo Naro (1976), a partir de meados do século XVI, surgem frases, supostamente passivas (*se-apassivador*), sem concordância entre o verbo e o argumento interno plural. Como a concordância era uma das características peculiares da construção com sentido passivo, abriu-se um caminho para uma interpretação de uma estrutura ativa com objeto direto

e sujeito não especificado. Naro (1976) acredita que o processo de reanálise tenha sido desencadeado a partir de frases como:

(25) *& porem se lee este evangelho na festa da trindade* (NARO, 1976, p.802) por ser estruturalmente ambígua e por:

- iv) não apresentar evidência de concordância explícita entre o verbo e o argumento interno, devido ao fato deste argumento ser singular;
- v) haver omissão do sintagma agentivo;
- vi) o sujeito sintático ocorrer em posição pós-verbal, criando um paralelismo com uma frase ativa, como:

(26) *& porem o padre lee este evangelho na festa da trindade* (NARO, 1976, p.803)

A extensão desse fenômeno a orações com argumento interno plural leva a que uma frase como:

(27) *Compra-se pneus velhos.*

seja reinterpretada como de *se -indeterminador*.

A variação na concordância e as semelhanças de superfície desencadearam um processo de reanálise sintática da antiga construção com *se-apassivador*. Assim orações como (25) constituem o *input* ideal para o processo de reanálise, permitindo uma interpretação como (26), ou seja, uma estrutura ativa, mas cujo agente seja indeterminado.

A hipótese se sustenta ainda no fato de que, nos estágios iniciais da mudança, as formas/estruturas divergentes precisam ter significado igual ou semelhante, condição para a aplicação da *reanálise*.

Nunes (1991, p.37) observou que construções com concordância (*se-apassivador*) começam a ser menos freqüentes a partir do século XVI e entram em franca decadência no século XIX.

Sabemos, no entanto, que a posição do argumento também deve ser considerada, aliada à variação na concordância, bem como outras propriedades, o que esperamos possa ser feito em trabalho posterior.

### 3.4.3 Graus de referência

O grau de referência do argumento representado pelo clítico será analisado tanto em relação aos traços categoriais de pessoa e número (em relação ao sujeito) quanto aos traços semântico-discursivos que incluem: i) a especificação de pessoa do discurso, possibilidade de incluir ou excluir o falante; ii) atribuição de papel temático; iii) referência à macro-função CAUSA, particularmente aos papéis de *agente* e *causa*, tendo em vista que esses são mais comumente atribuídos: ao termo que ocupa a posição do sujeito, na voz ativa, e ao argumento ao qual o clítico se refere quando há destransitividade, voz média:

(28) *O menino*<sub>[agente]</sub> *quebrou a vidraça.* (voz ativa)

(29) *A vidraça* <sub>[tema]</sub> *quebrou (-se).* (voz média)

(30) *A porta abriu(-se) (com o vento)*<sub>[causa]</sub>.

A análise da referência dos argumentos representados pelos clíticos considerará os seguintes graus:

i) **determinada<sub>1</sub>** :

Quando o elemento que recebe macro-função CAUSA (papel temático de agente) for o sujeito gramatical. Assim o clítico é co-referencial ao sujeito/agente e está coindexado com este:

(31) *Os amigos se abraçaram.*

ii) **determinada<sub>2</sub>** :

Nas construções em que o sujeito sintático não recebe a macro-função CAUSA e a macro-função OBJETO AFETADO é preenchida pelo sujeito, o clítico faz referência a um *agente* ou *causa* (que podem estar em adjunção na oração) e estabelece relação morfossintática com o sujeito, mantendo os traços de pessoa e número. Desta forma, diferem dos anteriores por não apresentarem referência dupla ao sujeito, mantendo apenas os traços categoriais, [+pessoa] [+número]:

(32) *Ele* <sub>[experenciador]</sub> *se assustou com os fogos* <sub>[causa]</sub>.

(33) *Nós* <sub>[paciente]</sub> *nos machucamos nos espinhos.*

A classificação *iii* foi feita a partir de alguns conceitos encontrados em Lopes (2003), no que se refere à gradualidade de referência [ $\pm$ genérica], [+arbitrária].

*iii*) **indeterminada**

Já a indeterminação estende sua referência a qualquer pessoa (1<sup>a</sup>; 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa), tendo a generalização como característica essencial, estabelecida por diferentes recursos. Para Milanez (1982), a indeterminação comporta graus, podendo ser maior ou menor a depender do contexto, podendo ter os seguintes traços:

a) [+genérica]

(34) *Vendeu-se a casa.*

Neste exemplo, o clítico, que se refere a agente indeterminado, pode ser substituído por *alguém*. Os traços semânticos da referência serão aqui distinguidos entre *genérico* e *arbitrário*. O *genérico* tem valor igual ao que a literatura denomina de ‘indefinido’, ou seja, interpretação similar a um quantificador existencial, *alguém*, e geralmente está relacionado a tempo específico. Não utilizaremos o termo ‘indefinido’ para o traço, a fim de que não se confunda com a referência que pode ser *indefinida*.

b) [+arbitrária]

(35) *Vive-se bem aqui.*

O traço semântico *arbitrário* tem valor equivalente ao que a literatura denomina de quantificador universal, podendo incluir qualquer pessoa, inclusive o falante.

A análise dessa propriedade está intrinsecamente relacionada à hipótese 1, para a qual a perda ou diminuição de traços ou propriedades sintáticas e semânticas do clítico motiva seu apagamento, e à hipótese 2, para a qual o apagamento se daria com maior frequência em contextos de referência indeterminada.

A investigação dessa propriedade é relevante também para as mudanças que envolvem o PSN<sup>19</sup> no PB, que têm apontado uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal tanto de referência determinada quanto indeterminada, partindo de um progressivo aumento do preenchimento dos sujeitos de referência menos acessível para os de referência mais acessível (DUARTE, 2003). Assim, o falante, quando não utiliza construção com o clítico apagado, utiliza-se de formas pronominais para realizar o sujeito, como uma estratégia de esquiva. Confirmam-se os exemplos a seguir:

---

<sup>19</sup> Parâmetro do Sujeito Nulo.



- (36) *Não  $\emptyset$  usa mais galocha nesta cidade.*  
 (37) *A gente não usa mais galocha nesta cidade.*

Além disso, Tarallo (1993) identificou a relação direta e inversamente proporcional entre o apagamento dos clíticos (reflexivos ou não) e a tendência à retenção pronominal dos sujeitos, ao observar que, na segunda metade do século XIX, já se evidenciava uma tendência ao maior preenchimento da posição sujeito e ao menor preenchimento pronominal da posição objeto pelos clíticos acusativos. Essa relação entre o apagamento dos clíticos e o preenchimento da posição de sujeito foi assim apresentada pelo autor:

No português brasileiro, entretanto, uma vez que o uso do sujeito pronominal alcançou alta frequência de uso, o sistema já abriu espaço para uma interpretação indeterminada da categoria vazia. No Brasil, portanto, uma sentença como *Não usa mais saia* forçosamente recebe uma interpretação indeterminada, no sentido do *se*. (TARALLO, 1993, p.85).

### 3.5 TRAÇOS E PROPRIEDADES UTILIZADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS CLÍTICOS.

A classificação dos clíticos foi feita a partir de descrições já estabelecidas por outros autores e da análise que se propõe para os dados encontrados. Tentando buscar suporte teórico na proposta funcionalista, propomos o estabelecimento de alguns traços prototípicos, uma vez que, como visto anteriormente, os diferentes tipos de construções de voz nos quais o clítico ocorre constituem fenômenos lingüísticos escalares, tendo por referência um modelo, protótipo. O quadro 1 (ver apêndice A, p.153) procura sintetizar as principais características de cada tipo de clítico (levando em conta seu potencial de uso sincrônico e diacrônico), que possam nos auxiliar na análise das ocorrências do *corpus*.

No quadro 1 (ver apêndice A, p.153), podemos observar a gradiência entre os tipos de clítico em relação aos traços e propriedades, muitos dos quais compartilhados por diferentes tipos de clíticos, o que torna seus limites, muitas vezes, imprecisos.

Supomos que, de acordo com hipóteses pautadas na teoria da gramaticalização, há perda ou redução de traços sintático-semânticos no domínio escalar percorrido pelo clítico que vem a ser apagado. A natureza de clítico, que só adquire suas características dentro da predicação, incluindo o contexto discursivo, impõe uma classificação que envolva os seguintes traços

inerentes aos próprios clíticos, à predicação (incluindo a diátese) e ao contexto:

- i) categoria de pessoa;
- ii) categoria de número;
- iii) atribuição de papel temático ao clítico;
- iv) animacidade do sujeito;
- v) agentividade do sujeito;
- vi) controle do sujeito sobre a ação, estado ou processo;
- vii) macro-função do sujeito;
- viii) grau de transitividade;
- ix) referência à macro-função CAUSA e/ou ao sujeito;
- x) especificação de pessoa do discurso.

A seguir, justificamos a necessidade de cada um destes traços e propriedades para a caracterização dos tipos de clíticos.

**i) e ii) Traços categoriais de pessoa e número:**

Sendo traços formais, são determinados sintaticamente pelo argumento que ocupa a posição de sujeito, com o qual o clítico estabelece a relação sintática. Se considerássemos apenas estes traços, não haveria distinção entre os clíticos *reflexivo*, *recíproco*, *inerente*, *pseudo-reflexivo* e *médio*, embora estes traços sejam de fundamental importância para a distinção dos demais clíticos, como se vê no quadro 1 (Apêndice A, p.53).

(38) *Eu me visto.* [+ pessoa] [+ número]

(39) *Compra-se pianos.* [- pessoa] [-número]

**iii) Atribuição de papel temático ao clítico:**

A atribuição de papel temático é fator relevante para diferenciar os tipos de clítico. Os clíticos reflexivos e recíprocos são [+temático] por apresentarem papel temático e ocuparem função sintática na estrutura do predicado, reservada ao argumento interno:

(40) *João matou-se* (X matar Y)

representando X e Y funções sintáticas distintas (*sujeito* e *objeto*), diferente de:

(41) *João queixa-se de dor*

na qual o clítico não ocupa função sintática nem lhe é atribuído papel temático, portanto [-temático]

**iv) Macro-função do sujeito:**

Mais uma vez lembramos que não determinamos, no quadro<sup>20</sup> de traços e propriedades, os papéis temáticos, por se tratar de noção escalar, ou seja, os diferentes estados de coisas em que o clítico ocorre admitem diferentes papéis temáticos. Assim, não se pode determinar qual o papel de determinado sujeito, mas o seu grau de participação no desencadeamento do estado de coisas, com a macro-função CAUSA, ou o grau de afetamento, com a macro-função OBJETO AFETADO.

Esta propriedade, aliada à agentividade e ao controle, caracteriza a maioria das construções médias, pois uma das principais características da diátese média é a afetação do sujeito, do ponto de vista pragmático, considerando que o falante procura instaurar a perspectiva da entidade afetada, com conseqüente redução do grau de transitividade. Para alguns estados de coisas da diátese média, a macro-função CAUSA indica que o responsável pelo acionamento do evento é exterior à entidade afetada, nestes casos, normalmente, o elemento com a macro-função CAUSA está detematizado e *pode* ocorrer em posição de adjunção (oblíquo):

(42) *A porta abriu (-se) (com o vento forte).*

Na diátese reflexo-recíproca o acionamento do evento é de responsabilidade do sujeito, cujo papel temático é a macro-função CAUSA.

**v) Animacidade do sujeito sintático:**

Esta propriedade foi considerada, pois Cançado e Ciriaco (2007) propõem que animacidade, juntamente com desencadeador, afetação, estativo e controle são propriedades que compõem os papéis temáticos. Além disto, é característica distintiva entre os sujeitos de algumas construções que necessariamente devem ser: [-animado] ou [-humano], como com o clítico *médio* e [+animado], com o reflexivo ou recíproco:

(43) *A tv desligou (-se).*

(44) *Os cães se morderam.*

**vi) Agentividade do sujeito:**

*Agentividade* foi selecionada, de acordo com a proposta de Cançado (2003), como uma propriedade que pode ocorrer em diferentes papéis temáticos - cabe dizer que a autora utiliza

---

<sup>20</sup> Quadro 1 em Apêndice A

o termo *desencadeador*. A propriedade *agentividade*, normalmente associada a sujeitos [+humano] ou [+animado], especifica o grau de participação de determinado argumento no estado de coisas. Esta propriedade está associada à capacidade de uma entidade desencadear, iniciar um evento. Assim, para o sujeito do recíproco e reflexivo este traço é obrigatório, portanto [+Agentivo], enquanto pode variar para os demais tipos de clíticos.

(45) *O menino se assustou com os fogos.* [-agentivo]

**vii) Controle do sujeito sobre a ação, estado ou processo:**

Juntamente com agentividade, esta propriedade se refere ao grau de envolvimento e participação do sujeito no evento descrito. Para a proposta apresentada por Cançado (2007, p.5):

Essa propriedade é assumida de forma mais ampla, podendo ser associada também a pacientes, experienciadores e até mesmo a estados. Desse modo, a propriedade de controle é definida como a capacidade de se interromper uma ação, um processo ou um estado, estando intimamente relacionada à animacidade.

Essa proposta nos interessa, porque é conveniente à noção escalar para a descrição sintático-semântica dos clíticos em uma predicação. Assim, pode haver um sujeito com macro-função de OBJETO-AFETADO, apesar de ter valor positivo para [+controle] e [+agentivo]:

(46) *Ele se levantou*

Verbos que permitem a alternância causativo-ergativa não podem ter sujeito “estritamente agentivo”, ou seja, ter macro-função CAUSA, valor [+agentivo] e ter controle sobre o estado de coisas [+controle], ao mesmo tempo. Por isso, os valores para a diátese média foram estabelecidos como [ $\alpha$  agentivo] e [ $\alpha$  controlado] ou [-agentivo] e [-controlado], confira-se quadro 1 (Apêndice A, p.153).

Nota-se que a adoção de um valor para determinado traço isoladamente não determina a diátese em que o clítico se encontra ou o sujeito ao qual se refere, mas a associação de traços e propriedades a determinada macro-função é que os definirá.

**viii) Grau de transitividade:**

Antes de definir o traço, faz-se necessário esclarecimento sobre o critério adotado para a noção de transitividade. As gramáticas tradicionais, de um modo geral, tratam o conceito de

transitividade como uma propriedade inerente do verbo. Nesses termos, não se admite que um verbo encontra-se em uma *construção transitiva* ou *intransitiva*, mas que um verbo é transitivo ou intransitivo.

Como visto na seção 3.2.1, o verbo será analisado, considerando-se sua a estrutura argumental, que determina quantos termos vão acompanhá-lo e quais papéis vão desempenhar na oração, mas esta é uma “estrutura de expectativas”, uma vez que a estrutura argumental parece ser variável. Desta forma, assumiremos que as estruturas podem sofrer redução ou aumento de valência, a partir de processos léxicos, sintáticos e semânticos, alternando *construções mais* ou *menos transitivas*. A adoção de transitividade como propriedade escalar não pertencente ao verbo, mas a toda a predicação, está de acordo com a proposta teórico-metodológica por nós seguida, fundamentada na abordagem funcionalista. Porém não se pode negar a existência de verbos cuja entrada lexical inclui estrutura argumental invariável, tais como: *queixar-se*, *arrepender-se*, etc, sendo classificados, por autor funcionalista (CAMACHO, 2003), como médios. Da mesma forma não se pode negar a existência de verbos cuja entrada lexical inclui propriedade de transitivos ou intransitivos. Cabe reforçar que o grau da transitividade foi estabelecido, a partir dos critérios estabelecidos por Hopper e Thompson (1980 apud FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 37). Desta forma, o grau de transitividade de uma construção é dado por toda a predicação, incluindo os níveis sintático e semântico.

O traço correspondente à transitividade é relevante, porque construções médias geralmente são obtidas a partir da redução de valência de uma construção causativa (de transitividade alta):

(47) *Pedro quebrou o vaso com o martelo.* (construção causativa)

(48) *O vaso quebrou-se.* (construção média)

Este traço corresponde a mais uma característica de uma predicação na qual determinado tipo de clítico se manifesta.

#### **ix) Referência em relação à macro-função CAUSA e ao sujeito:**

A relação que os clíticos mantêm com o termo em posição sujeito é mencionada por alguns autores: Camacho (2003, p.98) define como “uma relação semântica de correferência com o sujeito” e sintática de coindexação com este, para os reflexivo-recíprocos; Schmidt-Riese (2002, p.254) entende a “relação reflexiva como a referência dupla a um só objeto na mesma estrutura predicativa” e que esta “vai diminuindo podendo chegar ao grau zero”. Essa

referência dupla pode ser percebida pelos traços categoriais de pessoa e número e traço semântico referente à macro-função CAUSA, atribuídos ao mesmo argumento que ocupa a posição sujeito quando em estrutura ativo-transitiva.

Esta referência dupla a um mesmo argumento (sujeito) é definida por Schmidt-Riese, como sendo propriedade inerente aos reflexivo-recíprocos, tipo de clítico que, segundo estudos diacrônicos (VITRAL, 2006, p.116; SCHMIDT-RIESE, 2002, p.254) é anterior aos outros tipos e a partir do qual os demais clíticos se originam via processo de gramaticalização.

Desta forma, para “Esse *se* que abandona sua função co-referencial originária (...) chamado de não-reflexivo ou pseudo-reflexivo” (SCHMIDT-RIESE, 2002, p.254) por ocorrer em voz média, diátese na qual o sujeito é OBJETO AFETADO e a “responsabilidade pelo acionamento do evento é exterior à entidade afetada” (CAMACHO, 2003, p.104)<sup>21</sup>, consideraremos a referência em relação à macro-função CAUSA e ao sujeito.

A referência em relação à macro-função CAUSA, para o *recíproco*, por exemplo, é determinada, mas para o *indeterminador* é indeterminada, pois este refere o papel temático *agente*, que não é representado pelo sujeito. Assim em:

(49) *Eles se beijaram*, a referência é determinada <sub>1</sub>, pois o sujeito é também agente, mas em:

(50) *Precisa-se de empregados*, o sujeito/agente tem referência indeterminada.

Além desses tipos de estruturas, quando ocorrem operações de alternância causativo-ergativa, o argumento com macro-função CAUSA é geralmente apagado, tendo, por isso, referência indeterminada ou recuperado pelo contexto (indeterminada<sub>2</sub>), embora a referência ao sujeito se mantenha nos traços de pessoa e número, sendo, pois:

(51) *O vaso [sujeito] quebrou (-se)*. determinada <sub>2</sub> ou indeterminada

(52) *O vaso [sujeito] quebrou (-se) com o vento [causa]* determinada <sub>2</sub>

#### x) A especificação de pessoa do discurso:

Esse traço semântico-discursivo relaciona-se à possibilidade de o clítico (seus traços categoriais) aliado à morfologia verbal incluir na referência a 1ª pessoa do discurso (o falante) [+Eu] além de qualquer outro referente. Em princípio, este traço se mostra relevante e distintivo apenas para o *se indeterminador* (tipo 1). Para a forma de 3ª pessoa do plural,

<sup>21</sup> Mas deve-se esclarecer que nem sempre há necessidade de um agente ou causa externos ao evento, a exemplo de *levantar-se*, *lembrar-se*.

geralmente associada ao clítico *apassivador*, não há possibilidade dessa referência ampliada:

(53) *Vendem-se casas na praia.*

Mas as formas de 3ª pessoa singular, associadas ao clítico *indeterminador*, possibilitam uma referência um pouco mais ampliada com a interpretação de “*qualquer um*”, a qual denominaremos de *genérica*. Segundo a hipótese levantada por Vitral (2006, p.128), “construções com tempo presente ou não específico” são favorecidas pelo *se indeterminador* e a referência nesses casos é ainda mais ampliada, chegando a um máximo de generalização: “*qualquer um*”, inclusive “*eu*”:

(54) *Vive-se bem aqui nesta cidade.*

(55) *O professor mandou que se lesse o texto*

Enquanto traço semântico-discursivo deve-se considerar também o contexto, além dos demais elementos da predicação.

Em síntese, pode-se observar, a partir dos traços e propriedades expostos no quadro 1 (Apêndice A, p.153), perda gradativa de propriedades para alguns tipos de clíticos tais como: *os traços categoriais de número e pessoa* (traços 1 e 2) e do potencial de referencialidade (traço 10), chegando ao grau máximo de indeterminação e podendo acionar uma interpretação semântico-discursiva que inclua ou não a 1ª. pessoa do discurso na referência : [+Eu] ; [-Eu], respectivamente. Nota-se, pois, que subjaz ao processo de apagamento do clítico um dos mecanismos da gramaticalização, perda/alteração gradativa de traços sintático-semânticos. No nível semântico, ao considerarmos o grau de referência do argumento representado pelo clítico.

Espera-se, então, que o apagamento ocorra com maior frequência com clíticos cujos traços categoriais<sup>22</sup> sejam [-pessoa] [-número]; [Φ pessoa] [Φ número] e/ou referência indeterminada [+genérica]; [arbitrária]; [+Eu].

<sup>22</sup> A formalização dos traços seguiu os valores e tipos de subespecificação de traços estabelecidos por Rooryck (1994, *apud* LOPES, 2001, p.133) para o qual:

- [+X]: valor positivo (para atribuição de traço);

- [-X]: valor negativo (traço ausente);

- (α traço): “subespecificação α” para traços variáveis, isto é, os traços podem ter um valor “+” ou “-”, sintaticamente subespecificado.

- (Φ traço): subespecificação para traços não-variáveis, isto é, não há variação de traço, é neutro, referindo-se aos valores “+” e “-”.

### 3.5.1 Tipos de clítico

Antes de traçarmos uma proposta de tipologia para os clíticos, faz-se necessário breve conceito sobre anáfora pronominal.

Os clíticos em análise são anáforas pronominais sem valor referencial fora do enunciado, se considerarmos que toda relação que faz uso de uma forma que não tem “referência virtual” em si mesma (pronomes clíticos) e uma expressão que fixa seu valor é anafórica (MATEUS, 2003, p.802).

Chamaremos de co-referencial o clítico cujo valor referencial é dado pela relação de co-indexação com o antecedente sintático, sendo coindexado e anafórico. Quando a relação faz uso de *expressões nominais* ou pronominais na posição de sujeito (com referência virtual autônoma) e o pronome (clítico) tem a referência fixada por este argumento, consideraremos como co-referência.

Chamaremos de anafórico o clítico que tem seu valor referencial (semântico) estabelecido pela relação com o antecedente no contexto discursivo ou pragmático sem ser a este coindexado.

Passaremos agora à descrição de cada tipo de clítico:

#### i. *recíproco*

Entendemos como construção recíproca aquela em que cada um dos termos – o sujeito e o complemento (pronome clítico) - representa em si mesmo os dois termos da relação transitiva (NEVES, 2000, p.452), o que Schmidt-Riese (2002, p.254) designa por *participação dupla* ou *referência dupla*. Dessa forma este clítico apresenta, particularmente, as seguintes características:

- i) recebe macro-função (OBJETO AFETADO) papel temático de paciente;
- ii) refere-se a agente determinado e realizado lexicalmente, na maioria das vezes, sendo coindexado ao sujeito/agente (CAMACHO, 2003, p.98).

Sintaticamente, ele refere o sujeito através dos traços categoriais de pessoa e número, por isso [+pessoa]; [+número]. Sintática e semanticamente, absorve o papel temático do objeto [+temático]. Como o elemento que recebe o papel temático de agente é determinado e é também o sujeito ao qual o clítico está coindexado, a referência é estabelecida como *determinada*<sub>1</sub>. Esta dupla relação estabelecida diretamente com o sujeito representa uma



simetria que, a partir dos inerentes, é quebrada, diminuindo a participação ou referência dupla do clítico em relação ao mesmo argumento.

## ii. *reflexivo*

O *reflexivo* é aquele que, como o recíproco, também incide na estrutura dos argumentos, ou seja, é [+temático] e refere o argumento interno (SCHMIDT-RIESE, 2002, p.255).

Distingue-se do recíproco substituindo-se o pronome clítico por termos esclarecedores como: *a nós mesmos, a ti mesmo, a si próprio*.

Nas classificações a seguir, os tipos de clítico continuam sendo anafóricos, contudo não são mais co-referenciais e ocorrem na voz média (CAMACHO, 2003, p.99):

## iii. *inerente*

Os clíticos desse tipo ocorrem com predicadores estativos ou de processo, sendo o sujeito o suporte do estado ou a sede do processo, portanto seu papel temático é, geralmente, de *Experienciador*, caso tenha o traço [+animado], ou *Tema*, se [-animado]. Mas como qualquer destes papéis encontra-se no mesmo paradigma, adotaremos a denominação macro-função OBJETO AFETADO. Diferem, na prática, do verdadeiro reflexivo por não permitir, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo, a ti mesmo* e a forma “reflexa” nem sempre pode ser substituída pelos verbos *ser* nem *ficar* mais a forma participial, além de não terem papel temático, por isso [-temático].

Confira-se exemplo de predicador prototípico, considerado como pronominal pela GT:

(56) *João queixou-se*

Já com um predicador, também considerado pronominal, como *arrepender-se* pode haver a forma *ficou arrependido*.

O predicador prototípico para esse tipo de clítico é unário e exprime que uma dada entidade, designada pelo argumento *Experienciador*, é sede psicológica ou física de um estado ou processo. Ocorrem também com verbos copulativos (cf. 57) cujo sujeito pode ser *Tema* e teria traços [-humano] e [-animado] e manutenção dos traços [+pessoa] e [+número] por parte do clítico.

(57) *[O cofre]Tema encontra-se[no banco]Locativo*

Para muitos autores, os clíticos que aparecem com os predicadores prototípicos são propriedades dos próprios verbos, por isso chamados inerentes, sem conteúdo semântico ou

morfofossintático, visto que não preenchem qualquer posição argumental e não têm papel temático, o que os distingue dos clíticos tratados anteriormente.

Diferem dos anteriores por não apresentarem referência dupla ao sujeito, mantendo apenas os traços categoriais, [+pessoa] [+número]. Alguns autores os definem como sem “qualquer função semântica”, pois não referem um dos papéis temáticos mencionados e a macro-função OBJETO AFETADO é preenchida pelo sujeito, sendo assim [-temático].

#### ***iv. pseudo-reflexivo***<sup>23</sup>

Essa classificação abrange uma série de tipos de verbos que designam processo, movimento ou ação, mas, sem idéia de direção reflexa, não indicam que seja o sujeito o verdadeiro agente da ação ou movimento, indicando apenas que o sujeito é afetado pela ação que não sai do seu âmbito como nos ergativos/inacusativos. A seguir, apresentamos características de alguns tipos:

Em alguns casos, o sujeito não tem controle [-controle] e intencionalidade sobre o estado de coisas (cf.58) diferentemente dos verdadeiros reflexivos (cf.60).

Os predicadores que designam evento com causa externa apresentam, na estrutura ativa, sujeito com macro-função CAUSA (cf. 59) e, na variante inacusativa (cf. 58), causa externa em adjunção, como *locativo*<sup>24</sup>. A eliminação do clítico só é possível, com a presença deste elemento em adjunção, sendo o clítico, pois, muito dependente do contexto no qual se encontra, ao contrário dos reflexivos.

Os predicadores de movimento são, em geral, de alternância<sup>25</sup> causativa, apresentando uma variante causativa (62) e uma inacusativa (61)<sup>26</sup>. Verifica-se, pela variante inacusativa, que não se trata de verdadeiros reflexivos por não admitirem os termos esclarecedores *a si mesmo, a mim mesmo etc* (cf. 63):

(58) *João feriu (-se) nos espinhos.*

(59) *Os espinhos feriram João.*

(60) *João se feriu com uma faca para incriminar José.*

<sup>23</sup> Alguns autores (SCMIDT-RIESE, 2002, p.255) consideram *pseudo-reflexivo* todos os clíticos que não são verdadeiros reflexivos e recíprocos.

<sup>24</sup> Lê-se em Duarte (2003) que “estruturas existenciais e inacusativas admitem, além do argumento interno ao qual atribuem uma função temática de ‘tema’, um argumento extra (ligado à estrutura do predicado) que manifesta uma função locativa, como se fosse um secundário, esse elemento teria um comportamento muito próximo ao de um argumento externo”.

<sup>25</sup> De acordo com Mateus et al (2003, p.306) a variante inacusativa apresenta obrigatória ou opcionalmente o clítico reflexivo.

<sup>26</sup> Exemplos retirados de Mateus et al. (2003, p.520).

- (61) *O bebê deitou (-se).*  
 (62) *João deitou o bebê .*  
 (63) *\*O bebê deitou-se a si mesmo.*

A referência será considerada *determinada*<sub>2</sub>, quando o argumento que, em estrutura ativa, recebe a macro-função CAUSA ocorrer como adjunto (cf. 58) e/ou quando o clítico referir relação o sujeito através dos traços categoriais e à macro-função CAUSA a outro elemento não realizado.

O elemento que ocorre como adjunção e é CAUSA é definido por Cançado (2007, p.14) como “desencadeador indireto”, definido, por ela, como uma das condições para a transformação de estruturas causativas em ergativas ou inacusativas<sup>27</sup>:

- (64) *A ironia de Maria irritou a amiga.*  
 (65) *A amiga (se) irritou [com a ironia de Maria.] desencadeador indireto*

Segundo Pontes (1986), esse tipo de clítico (pseudo-reflexivo) ocorre na voz média, uma vez que o “*se* tem a função de indicar que o sujeito é quem sofre a ação.” “Na verdade, ele [o *se*] não tem sentido reflexivo”, na medida em que o sujeito não participa da ação sobre si mesmo, como nos verdadeiros reflexivos”. Ainda segundo a autora, em construções desse tipo, como o sujeito não é agente, o *se* não estaria mais sendo usado pelos falantes, pois o verbo já indicaria por si mesmo que o sujeito é paciente.

Esse comportamento do clítico poderia ser analisado da seguinte forma: já que o sujeito recebe a macro-função OBJETO-AFETADO, o clítico, por não desempenhar função sintática, recebe o traço [-temático]. Alie-se ao fato de o sujeito receber macro-função OBJETO-AFETADO ter os traços [+agentivo] [+controlado], o que acarreta a característica semântica de “fusão de papéis” (NUNES, 1995, p. 204; CAMACHO, 2003, p.106), e torna o sujeito “agente” e “paciente” ao mesmo tempo e o clítico dispensável.

- (66) *João levanta (-se) da cama às seis horas.*

Algumas predicções com este clítico apresentam semelhança com os verbos inacusativos devido ao fato de que ocorre, em geral, apenas um argumento, conquanto o verbo seja transitivo, e o clítico funciona para detransitivizar, reduzir a valência do verbo, aproximando-o de um afixo verbal como ocorre com os inerentes.

- (67) *João levantou (-se)*

<sup>27</sup> Exemplos retirados e adaptados de Cançado (2007, p.14).

Incluem-se, entre os pseudo-reflexivos também os clíticos que ocorrem com predicadores simétricos com possibilidade de alternância de seus argumentos (MATEUS, 2003 p.195; 202 e 309). Nesse tipo de processo de alternância, o argumento interno oblíquo (*com Maria*) pode ocorrer como sujeito (cf.69) ou pode a estrutura média (cf.70) ser interpretada como (cf.71) e com *agente* detematizado:

- (68) *João casou (- se) com Maria.*  
 (69) *João e Maria casaram (-se) (um com o outro)*  
 (70) *João casou (-se.)*  
 (71) *João foi casado pelo padre.*

Como, nestes e em outros casos, há ou pode haver um agente indeterminado, o sujeito apresentará os traços [ $\alpha$  Agentivo] e [ $\alpha$  controlado];

A referência será considerada indeterminada para os casos, como (cf.70), em que não ocorre o elemento com a macro-função CAUSA.

Como se pode ver, dos inerentes aos pseudo-reflexivos há uma escala de predicadores cuja variação de traços sintático-semânticos inclui desde verbos que indicam estado, posição, processo, movimento e até mesmo ação, sem que haja idéia de direção reflexa.

#### v. *Se-médio*<sup>28</sup>

Ocorre, preferencialmente, com verbos binários de alternância causativa (MATEUS, 2003, p.306) que exigem um argumento com a macro-função OBJETO AFETADO e podem ter argumento com macro-função CAUSA, indeterminado ou em adjunção (cf.74), possibilitando que o argumento interno seja alçado à posição sujeito, numa construção inacusativa ou ergativa (cf.72), em oposição a sua construção causativa (cf.73), o que diminui o seu grau de transitividade<sup>29</sup>. Difere do clítico *pseudo-reflexivo* principalmente por ocorrer com argumento [-humano] [-animado] e, portanto, [-agentivo] e [-controlado].

O tipo de construção em que esse clítico ocorre não possibilita a ocorrência de um sintagma agentivo como acontece em construções de voz passiva (cf.75), mas possibilita a ocorrência de um adjunto que explicita a causa externa, que, em uma estrutura transitiva, teria a macro-função CAUSA (cf.73). Considerando a possibilidade de o argumento ser alçado

<sup>28</sup> A denominação de *se médio* para o clítico em questão pode ser encontrada em Schmidt-Riese.

<sup>29</sup> Esse é um dos motivos que nos leva a considerar baixa a transitividade desses predicadores prototípicos. (cf. Quadro 1). Pode-se falar também em operação lexical de Redução, que deriva um predicado mono-argumental a partir de um predicado de dois lugares ou ainda redução de valência, segundo Camacho (2003).

para a posição sujeito e desencadear a concordância verbal e manter os traços categoriais identificados com o argumento que ocupa posição de sujeito, recebe os traços [+pessoa]; [+numero] (cf.74 e 76)

- (72) [O vidro da janela] *Tema* *partiu* (-se). (construção inacusativa ou ergativa)  
 (73) [O vento] *Causa* *partiu* [o vidro da janela] *Tema* (construção causativa)  
 (74) O vidro da janela *partiu* (-se) [com o vento.] *Causa*  
 (75) O vidro da janela *foi partido* [pelo menino.] *Agente*  
 (76) Os vidros da janela *partiram* (-se)

Em relação à referência, os traços [determinada<sub>2</sub>] / [indeterminada] aplicam-se pelos mesmos motivos que permitem aplicação ao clítico *pseudo-reflexivo*.

Segundo Mateus et al. (2003, p.841), esse tipo de clítico tem comportamento de afixo “derivacional”, pois sua ocorrência inibe a presença do argumento externo com papel temático de agente. Segundo ela, a sua função é fundamentalmente a de destransitivizar o verbo, comportando-se desse modo como um sufixo “derivacional” destransitivizador. Referência a esse comportamento do clítico também pode ser vista em Camacho (2003, p.93), quando ao “defender” a existência da voz média, diz: “Embora a categoria de voz básica no português não apresente expressão desinencial, a morfologia verbal permite distinguir a diátese ativa da média mediante o uso do clítico *se*.”

Pode-se observar que os clíticos *inerente*, *pseudo-reflexivo* e *médio* têm em comum o fato de que: “o pronome reflexivo, que perdeu completamente seu estatuto argumental, pode ser considerado uma espécie de afixo pronominal que concorda em pessoa e número com o sujeito da sentença.” (CAMACHO, 2003, p.99). Para este autor o clítico que apresenta estas características faz parte da voz média, posição aqui também adotada.

Na classificação a seguir, o clítico também ocorre na voz passiva:

#### **vi. *Se-apassivador***

Embora estejamos adotando a proposta de Martins (2003, p.2) e de Raposo e Uriagereka (1996, apud MARTINS, 2003, p.2) de que a construção dita de *se* passivo não tem, na verdade, natureza passiva no português moderno, analisando-a como uma estrutura ativa com concordância entre o verbo e o seu argumento interno (“*se* indefinido”), por se tratar de *corpus* relativo ao século XIX, de registro escrito, admitiremos a possibilidade da existência

do *se-apassivador*, o que somente a análise do *corpus* irá confirmar ou refutar.

Como visto na seção 3.3.1, alguns trabalhos comprovam a variação na concordância neste período como regra variável, principalmente para *corpus* de registro escrito e formal, redigido por pessoas de escolaridade alta. Como nosso intuito foi selecionar documentos mais próximos do vernáculo, mesmo em registro escrito, e redigidos, de preferência e quando possível de identificação, por pessoas que não tivessem escolaridade alta, esperamos que o número de ocorrência de *se-apassivador* seja baixo.

No tratamento do nosso *corpus*, o *se* só será efetivamente classificado como *apassivador* e computado como tal, a depender da frequência de ocorrências de construções em que haja concordância explícita entre verbo e argumento interno, o que só pode ser devidamente verificado para os argumentos internos no plural, a fim de averiguarmos a afirmação dos autores que não acreditam ter havido no PB, em particular no PB moderno, *se-apassivador*.

Nas classificações a seguir, os clíticos também são anafóricos e não co-referenciais, mas ocorrem na voz ativa:

**vii. *Se-pseudo-apassivador***

Embora não adotemos a denominação dada por Raposo e Uriagereka<sup>30</sup> (1996, apud MARTINS, 2003, p.2), este clítico apresenta as mesmas características do “se-indefinido”. Difere particularmente do *se-médio* por ocorrer com verbos de transitividade alta, que não permitem que o argumento interno seja alçado à posição sujeito a não ser que passem por operações de *determinação*<sup>31</sup>, com redução da transitividade e com conseqüente perda do clítico, ao menos na oralidade, para o que concorre o contexto pragmático:

(77) *A casa consertou ontem.*

(78) *Essas calças vendem (-se) bem.*

(79) *Essas calças vestem bem.*

Pontes (1986, p.33) considera construções como (77) da seguinte maneira: “O paciente é tópico e o verbo indica simplesmente a ação na terceira pessoa, sem que o agente seja especificado. Ou seja, a principal finalidade da passiva, que é a escamoteação do agente é

<sup>30</sup> Os autores denominam os clíticos com as mesmas características que este de *indefinido*.

<sup>31</sup> Segundo Mateus et al. (2003, p. 221) trata-se de processos de natureza semântico-pragmática para que nominais designem um determinado referente numa dada situação de comunicação, podendo individualizá-lo e localizá-lo em relação às pessoas do discurso.

conseguida através da **forma ativa**” .[grifo nosso].

Lyons (1968, p.366) analisa frases como (78)<sup>32</sup> como construções pseudo-intransitivas e sua principal característica é ser orientada para o processo, enquanto frases como passivas nominais seriam orientadas para o agente. Além disso, o autor conclui que está implícita, no contexto, alguma qualidade do objeto.

Em Mateus et al. (2003, p.538) construções como (79) são classificadas como médias que passam por operação de *Saturação* do papel temático externo (*agente*).

A partir do exposto acima, inferimos que nesse tipo de construção, atuam pelo menos cinco processos: a) *Redução*; b) *Saturação*, c) *Determinação*, d) *Leitura (interpretação) de descrição de propriedades caracterizadoras do argumento* e e) *necessidade da presença de advérbios*. Com a aplicação desses processos, nota-se que construções ativas podem ser rearranjadas como construções de voz média, revelando a tênue fronteira entre ambas. Quanto ao apagamento do clítico, a hipótese que se levanta é a de que, com a eliminação do papel temático externo e rearranjo de todo o predicado, possivelmente origine-se um outro item lexical (*vender bem; vestir bem*) efeitos estes que seriam dados pelo clítico, o qual se torna anti-funcional.

No período em questão (século XIX), mesmo nos casos de concordância explícita acreditamos que tais construções configurem concordância aparente entre o verbo e o argumento interno plural e como o alçamento para a posição sujeito não seria permitido, o argumento interno seria alçado à posição mais periférica, de tópico-objeto marcado<sup>33</sup> com estatuto de foco informacional. Essa mesma perspectiva foi adotada por Nunes (1991, p.39) ao analisar que o *se indeterminador* não pode ser deslocado para a posição de sujeito e, nos casos de aparente posição pré-verbal, o argumento estaria deslocado para uma posição fora do núcleo oracional.

Um dos testes aplicados por Raposo e Uriagereka (1996 apud MARTINS, 2003, p.5) para verificar que o argumento interno não é o sujeito, como nas verdadeiras passivas, é que a topicalização dos sintagmas nominais simples é possível desde que este constituinte tenha sido movido a partir da posição de objeto sem passar pela posição canônica de sujeito. Confirmam-se os exemplos dados pelos autores:

(80) *Salsichas, o Nestor compra no talho Sanzot.*

(81) *\*Salsichas, são compradas no talho Sanzot.*

<sup>32</sup> Os exemplos dados pelo autor: *Detergents sell well / The books sold quickly.*

<sup>33</sup> Segundo Mateus et al. (2003, p.491): “quando o mesmo constituinte acumula a relação gramatical de sujeito com o papel discursivo de tópico, chama-se-lhe **tópico não marcado**; quando o tópico frásico não tem a relação gramatical de sujeito, denomina-se **tópico marcado**.”

(82) *Salsichas, vendem-se no talho Sanzot.*

Caso essa suposição se verifique, o clítico será classificado como *se-pseudo-apassivador*, para o qual a concordância aparente (com argumento interno plural) se daria entre o clítico e o sujeito pronominal não realizado, subentendido na flexão verbal (3ª plural.) empregada para indeterminar o agente. O valor [ $\alpha$  genérica] para a referência indeterminada será aplicado tendo em vista que o pronome nulo de 3ª pessoa do plural pode ter duas interpretações: i) como um sujeito/agente que pode ser recuperado no contexto e cuja referência seria *indeterminada* [-genérica]; [+acessível] *discursivamente*; ii) agente indeterminado, sem referente no contexto discursivo, cuja referência seria *indeterminada* [+genérica], em ambos os casos a 3ª plural restringe a interpretação semântico-discursiva não permitindo incluir o falante [-Eu]. Quanto aos traços categoriais teriam valores subespecificados [ $\alpha$  pessoa]; [ $\alpha$  número], devido à possibilidade de haver concordância, pois segundo Raposo e Uriagereka (1996 apud MARTINS, 2003, p.9) e Martins (2003, p.9) a relação de concordância pode ser assim estabelecida: “*se* [indefinido] tem traços de [pessoa – número] subespecificados de valor variável (i.e., traços –  $\alpha$ , conforme dissemos acima), cujo valor pode ser preenchido desde que *se* estabeleça uma relação de concordância com um DP objecto”.

Dessa forma, espera-se que o número de ocorrência com argumento interno posposto ao verbo seja superior ao número com argumento anteposto e que este, quando ocorrer, não esteja em posição canônica de sujeito, mas de tópico-objeto marcado.

Uma hipótese que levantamos, considerando o processo de gramaticalização do *se reflexivo* (VITRAL, 2006, p.124; SCHMIDT-RIESE, 2002, p.254) é a seguinte: considerando que, no século XIX, a variação entre o *apassivador* e o *indeterminador* era expressiva, segundo Nunes (1991, p.37) e Cavalcante (1999, p.21), esta não se daria entre o *se* com valores [+pessoa] [+número], para *se-apassivador* e [-pessoa] [-número] para *se-indeterminador*, mas antes haveria um *se* com valor variável [ $\alpha$ ], que possibilitasse essa variação. Além disso, dentro de uma escala de perdas e diminuição de traços, em particular categoriais, (cf. quadro 1, Apêndice A, p.153) seria de esperar que o valor destes traços passasse de [ $\alpha$ ] para [-] e deste para [ $\Phi$ ].

A reinterpretação mais recorrente das construções com *se-apassivador* como *se-indeterminador*, a partir do século XIX, e a afirmação dos autores de que não acreditam ter havido no PB, em particular no PB moderno, *se-apassivador*, permite inferir que, nesse período, a reanálise do clítico *apassivador* deveria estar praticamente estabelecida e o processo de gramaticalização, bem avançado. Ciente disto, a proposta que se estabelece para



um *pseudo-apassivador*, nesse período, torna-se, se não plausível, coerente.

### viii. Se-indeterminador (tipo 2)

Para esse tipo de clítico, assim como para o *pseudo-apassivador*, a referência é *indeterminada* [+genérica]. Por outro lado, devido à perda de traços categoriais, os valores seriam [-pessoa], [-número]. Se considerarmos que o argumento realizado não é o sujeito, o clítico não pode estabelecer relação sintática com sujeito.

Alguns autores admitem que o *se-indeterminador* tenha “natureza argumental [+argumental] por receber papel temático do argumento externo” e que receba caso nominativo. Outros, como Vitral (2006, p.128), acreditam que este não receba caso nominativo e seja [-argumental], não esteja relacionado à posição argumental, mas à flexão verbal, apresentando natureza muito semelhante à de afixo gramatical e não de clítico. Gama Kury (1985 apud VITRAL, 2006, p.116) também afirma a semelhança de características de morfema do clítico indeterminador: “Na realidade, ele [o *se* indeterminador] é um simples morfema que unido ao verbo dá-lhe um sentido impessoal, com referência a um agente indeterminado”.

Propomos, então, que este possa ter características parciais de afixo e seja [-temático] por: i) não ocupar posição de sintagma; ii) ocorrer em adjunção ao verbo hospedeiro.

A fim de manter certa coerência com os prováveis traços sintático-semânticos do processo de gramaticalização que propomos, o classificamos como *indeterminador (tipo 2)* pelo seguinte motivo:

Se a reanálise se deu com verbos transitivos, os quais têm um argumento interno que pode, eventualmente, estabelecer a relação de concordância, o *continuum* de traços categoriais deveria ter sido ao longo do processo de gramaticalização do clítico:

[+pessoa] [+número] (construções com *se apassivador*) > [α pessoa] [α número] (construções de *se indefinido*<sup>34</sup> ou *pseudo-apassivador*) > [-pessoa] [-número] (construções sem concordância, *indeterminador (tipo2)*).

Nesta perspectiva, o *se-indeterminador (tipo 2)* concorreria com o *pseudo-apassivador* nos contextos em que a concordância fosse prevista, não esquecendo de que esta hipótese é para o português moderno.

<sup>34</sup> Segundo denominação de Raposo & Uriagereka (1996) e Martins (2003).

### ix. Se-indeterminador (tipo 1)

Considerando que, durante o processo de gramaticalização, a perda dos traços categoriais chegaria ao ponto de esse tipo de clítico ter traços de valor não variável [ $\Phi$  pessoa] [ $\Phi$  número]<sup>35</sup> além de não ter natureza argumental sendo, portanto, [-temático] [-argumental], estaria relacionado, pois, apenas a verbos intransitivos ou transitivos usados intransitivamente. Ou seja, se os valores para os traços categoriais são não variáveis [ $\Phi$ ], isto significa dizer que não há qualquer possibilidade de o clítico estabelecer “concordância sujeito-verbo” (traço [+]) ou não-concordância (traço [-]) pelo fato de não haver argumento que a faculte. Portanto a primeira distinção entre o *indeterminador* (tipo2) e *indeterminador* (tipo1) deve-se ao fato de o primeiro só ocorrer com os verbos transitivos devido à possibilidade de o argumento interno desencadear ou não concordância, como visto anteriormente, o que é impossível com os intransitivos. Em estudo recente, Gonçalves (2002, 37-39) percebe que os contextos em que o *se impessoal* se apaga não são os mesmos para os verbos transitivos e intransitivos e a interpretação da referência indeterminada (genérica e arbitrária) não se mostrou igual para as construções de 3ª. pessoa do singular sem se (C3PSSS) com estes verbos:

Esperaria-se (*sic*), portanto, que as C3PSSS pudessem ocorrer com qualquer tipo de verbo, mas os exemplos a seguir mostram que isso não é verdade (...) C3PSSS são possíveis com (muitos) verbos transitivos, mas são marginais ou até mesmo agramaticais com os demais verbos.

Como mencionado na seção 3.3.1, o autor manteve as mesmas características, para contextos diferentes, do clítico impessoal que era apagado.

Verifica-se, no quadro 1, que há distinção, no que concerne à referência, ou propriedades interpretativas, como mencionado por Vitral (2006, p.128), para o *se indeterminador* (tipo 1 e 2) em diferentes contextos e à possibilidade de o clítico estabelecer “relação de concordância sujeito-verbo” com o argumento interno, nos VT, como mencionado por Martins (2003, p.2, 9) para o *se indefinido* (que denominamos *pseudo-apassivador*), o que não pode ocorrer com o VI.

Observe-se que no PE e no espanhol, e também no PB, têm sido constatadas as seguintes construções não normativas, tanto na oralidade quanto em textos escritos por

---

<sup>35</sup> Martins (2003, p.9) admite que: “... por não haver no caso do *se* impessoal preenchimento dos valores subespecificados dos traços de [pessoa – número] de *se*.[...] ou seja, podemos admitir que os traços de [pessoa-número] de *se* impessoal sejam traços subespecificados de valor não variável (traço  $\theta$ -cf. ROORYCK, 1994), (MARTINS, 2000)”.

falantes cultos:

- (83) *A Espanha pretende que, ainda antes das adesões previstas pra 1996, se avancem com as reformas institucionais.* (PERES; MOIA 1995, p.236)

Para estes autores trata-se de um *se* “apassivante”, visto que “o *se* impessoal só se combina com formas verbais singulares (PERES; MOIA 1995, p.236)”. Martins (2003, p. 11), por sua vez, analisa da seguinte forma:

A existência de tais frases resulta, de acordo com a perspectiva adoptada neste trabalho, da generalização aos complementos verbais oblíquos do mecanismo de activação da concordância sujeito-verbo manifestado nas estruturas de *se* indefinido das variedades standard portuguesa e espanhola. Nestas variedades a relação de "parceria" entre *se* e o DP objecto, de que decorre o preenchimento dos traços subespecificados de [pessoa - número] de *se* encontra-se limitada ao objecto directo. Nas variedades inovadoras estende-se aos complementos oblíquos de verbos transitivos preposicionados.

Esta citação serve para reforçar a idéia de que o argumento interno é elemento utilizado como “mecanismo de ativação da concordância” sem que esteja associado à posição sujeito, uma vez que, entre outros fatores, sua conversão para uma estrutura ativa não o permitiria. Tratar-se-ia, na perspectiva adotada por Martins (2003), de *se indefinido*, para a denominação aqui proposta, um *pseudo-apassivador*.

Estas considerações reforçam a hipótese de que a presença de um argumento interno, não importando se direto ou oblíquo, possibilita o desencadeamento ou não de concordância. Mas essa distinção sintática não se limita aos traços categoriais e pode ter conseqüências ao nível semântico, veja-se o que diz Vitral (2006, p.128):

A razão da distinção [...] em relação ao *se* apassivador e o *se* indeterminador do sujeito se liga a propriedades interpretativas das construções em que aparecem (cf. Cinque (*op.cit.*:546). A principal delas é o fato de que, no caso do *se* apassivador, a interpretação do sujeito é ‘agentiva’, mas ‘indefinida’, o que explica a preferência dessa construção com passado ou com referência de tempo específica; enquanto que, em relação ao *se* indeterminador, a interpretação do sujeito é ‘genérica<sup>36</sup>’ ou ‘prototípica’, o que favorece seu uso em construções com tempo presente ou não específico.”

Inferimos, pois, que os intransitivos favorecem o uso de determinados tempos e aspectos verbais, além de propiciar uma interpretação mais ampla do agente. Assim a

<sup>36</sup> Segundo alguns autores consultados, a interpretação indefinida é vista como similar a um quantificador existencial e pode envolver a 2ª. ou 3ª. pessoas, enquanto a genérica é similar a um quantificador universal, podendo envolver “qualquer um”, “pois passa a indicar “+de um” para se referir a um todo abstrato e genérico.

interpretação da referência do agente que se estabelece com esse tipo de clítico seria indeterminada [+arbitrária], podendo incluir o falante [+Eu], o que configura um alto grau de indeterminação, diferente da do *indeterminador* (tipo2).

Lembramos mais uma vez que, para o presente trabalho, não será possível fazer distinção entre intransitivos inergativos ou inacusativos, razão pela qual conferimos valor [ $\alpha$ ] aos traços [agentivo] e [controlado].

Alguns estudos revelam que esse tipo de clítico<sup>37</sup> (*indeterminador* tipo 1 e 2) tem sido substituído de maneira recorrente, pelo menos na oralidade, por formas pronominais e nominais de indeterminação tais como, *você* e *a pessoa*.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES

Observa-se que as fronteiras entre os tipos de clítico nem sempre são muito nítidas, por se tratar de *continuum*, e que entre o *se-médio* e o *se-pseudo-apassivador*, por exemplo, a possibilidade de alçamento do argumento à posição sujeito e o processo de topicalização, respectivamente, são limites muito tênues que podem desencadear processos de reanálise de um tipo de clítico a outro<sup>38</sup>, o que confirma a existência de um *continuum* entre os tipos de clítico. Este *continuum* está relacionado à hipótese de gramaticalização dos clíticos.

Observa-se que dos *inerentes* aos *médios*, passando pelos *pseudo-reflexivos* há praticamente unanimidade entre os autores consultados no que diz respeito a estes clíticos apresentarem características de afixo verbal, o que também revela perda de característica de clítico [+temático] > [-temático], dos recíprocos e reflexivos aos demais. O clítico, então passa a “marcador morfológico sem posição valencial”<sup>39</sup> ou, nas palavras de outro autor, “afixo derivacional destrantivizador”<sup>40</sup>. Vale lembrar a proposta de *cline* de gramaticalização de Hopper e Traugott:

<sup>37</sup> Duarte (2002, p.155) diz que: “As construções com o clítico *se* para indeterminar o agente em sentenças finitas são cada vez menos frequentes no português falado no Brasil, que prefere outras formas pronominais para tal função, particularmente *você*, *a gente*, *eles*, ou ainda uma categoria vazia à qual se atribui referência arbitrária por não estar ligada a um SN previamente mencionado”

<sup>38</sup> A esse respeito, Schmidt-Riese (2002, p.262) diz: “O *se* anti-causativo ou *se* médio constitui, a meu ver, a base do pseudo-reflexivo gramatical”. Vale dizer que este autor considera como pseudo-reflexivo gramatical o *se* *apassivador* e *indeterminador* (SCHMIDT-RIESE, 2002, p.255).

<sup>39</sup> Camacho (2003, p.98)

<sup>40</sup> Mateus et al. (2003, p.841)

*item lexical > item gramatical > clítico > afixo > zero*

O apagamento seria o último estágio, antes de ser substituído por um item lexical, o que tem acontecido, em particular com o clítico que tem traços [ $\phi$ pessoa] [ $\phi$ número] (GONÇALVES, 2002, 35) (*indeterminador* (tipo1)), fechando e reiniciando o ciclo da gramaticalização.

## CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

“Ao 5 Dia do Mez de Majo de 1835 Fez  $\emptyset$  a xam|ada<sup>41</sup>”

### 4.1 INTRODUÇÃO:

Neste capítulo, dando continuidade à metodologia de investigação, expomos, de forma sumária, o tratamento que se dará aos dados. Em seguida, apresentamos as análises feitas para identificar quantitativamente a variação presença / ausência de clíticos de forma reflexiva e, a partir deste resultado, verificar quais os fatores que favorecem o apagamento dos clíticos, bem como as funções exercidas por estes mais propensas ao apagamento.

### 4.2 TRATAMENTO METODOLÓGICO DE ANÁLISE

A fim de mapear as funções mais propensas ao apagamento, foi feita uma coleta, seleção e quantificação de dados inspirados na sociolinguística variacionista e abordagem descritivo-quantitativa.

Os dados assim tratados serão submetidos a análise de base funcionalista, fundamentada na teoria da Gramaticalização.

A partir do enfoque variacionista, serão consideradas como variáveis dependentes:

- a) a representação plena dos clíticos de forma reflexiva
- b) a representação nula;

Os fatores, variáveis explanatórias independentes, a serem observados serão divididos em:

#### 1. Lingüísticos:

- a) predicação verbal (análise sintática e semântica);

---

<sup>41</sup> Manuel Vítor Serra, documento 05.

- b) concordância entre verbo e argumento interno plural;
- c) tipo de clítico;
- d) graus de referência dos argumentos representados pelos clíticos.

2. Extralingüísticos:

- a) período de tempo;
- b) redator (apenas para as atas);
- c) gênero textual

#### 4.3 LEVANTAMENTO E SELEÇÃO:

Os dados foram obtidos de um total de **577** ocorrências, em 318 documentos, em que o contexto lingüístico preveria o uso do clítico, em orações finitas matrizes ou subordinadas:

- (84) **fezse** cha | mada (MSC 11.03)
- (85) **fes**  $\emptyset$  a chamada (MVS 07.02)
- (86) man dou o socios Adimins tradores *que sefizesse* estes Termo (MSC 06.16)
- (87) mandou o Prezidente e mais Membro da Junta que este  $\emptyset$  **fizese** (MSC 01.16)

Além destas ocorrências, observamos a incidência de uma grande quantidade de clíticos em orações infinitivas e gerundivas, uso não prescrito pelas gramáticas normativas, mas, por ora, estas ocorrências não serão analisadas. As gramáticas normativas não recomendam o uso do clítico nos casos em que o infinitivo e o gerúndio não são controlados por um antecedente definido, considerando que tais formas verbais, nestas circunstâncias, por si só, já dão idéia de indeterminação<sup>42</sup>. Confirmam-se alguns exemplos encontrados no *corpus*:

- (88) ***pagando-se** adiantadamente e **dando-se** fiador* (JB 7,III)

<sup>42</sup> Confirmam-se as gramáticas de Cegalla (1995, p.296) e Luft (1996, p.25).

- (89) *por / ocasião de tratar-se do drainage applicado no tratametro*(Carta 206. II)  
 (90) É preciso pois **ser-se** muito injusto (Carta206. II)

Curiosamente também houve ocorrências de “duplo se”, particularmente nas atas, mas estas ocorrências também não foram analisadas:

- (91) toda pessoa, que **se** quizer **se** servir do seu prestimo (GA.26,I)  
 (92) *os dois o fisi que si achavasi na meza* (JCBM 02.20)

Para o exemplo (91) foi encontrada uma contraparte sem “duplo se” que aqui colocamos para melhor visão do fenômeno lingüístico em questão:

- (93) quem **se** quizer servir do seu préstimo (GA.24,I)

As análises serão feitas, em um primeiro momento, por conjunto de documentos com características de gênero textual mais próximas: i) atas de africanos; ii) atas de brasileiros; iii) anúncios; iv) cartas de leitores de jornais da Bahia e v) cartas de leitores de jornais do Rio de Janeiro.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS:

##### 4.4.1 Atas de africanos

###### 4.4.1.1 Variação na realização do clítico

Os dados foram recolhidos em 835 linhas de um conjunto de 55 atas. Inicialmente verificou-se a variação na realização do clítico. Foram encontradas 101 ocorrências em predicções que incluem verbos plenos, locuções verbais e predicados complexos (formados pelo causativo *mandar*), em que se pode prever o uso do clítico, sendo a distribuição da variação encontrada a seguinte:

**Tabela 1:** Variação presença / ausência do clítico

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
63	62,4	38	37,6	101

Fonte: da autora



Este alto índice de ausência (apagamento) do clítico deve-se, sobretudo ao grande número de ocorrência do verbo *assinar-se*, muito comum para este gênero textual. Foram 33 ocorrências de *assinar-se*, sendo 26 estruturas com apagamento do clítico e 7 apenas em que houve a realização (presença). Confirmam-se exemplos dessas estruturas, registradas para o mesmo redator:

(94) *por estar Conforme Ø asinei* (MVS 02.08)

(95) *e por esta bem me Asinei* (MVS 05.09)

Devemos considerar ainda que o verbo *assinar-se* é considerado pela bibliografia consultada (CAMACHO, 2003) como verbo cuja medialidade está associada à intransitividade, sendo a presença do clítico uma forma marcada, o que favorece, entre outros fatores, a “sua realização nula”. Já Nunes (1995, p.209) considera-o como caso de pré-fusão: “situação em que o clítico anafórico e o elemento que o liga estão numa relação de parte/todo, e o clítico deve ser parafraseado por sintagmas contendo um pronome possessivo, e não por reflexivos propriamente ditos”: *eu (me) assino* por *eu assino meu nome*.

Em uma das atas, pode-se perceber esta relação mencionada por Nunes (1995), quando o redator deixa claro que *assina o documento*:

(96) o despaxo que a Commissão em Vioiv em Nome da De-| uocaõ ev que fis easiner  
(MC 02.20)

Ao refazermos os cálculos, excluindo *assinar-se*, encontramos os seguintes valores:

**Tabela 2:** Variação presença/ausência do clítico, excluindo verbo *assinar-se*.

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
56	82,3	12	17,7	68

Fonte: da autora

Confirmam-se alguns exemplos da variação:

(97) *fes-se aReunião do Costume* (JFO 11.02)

(98) *fes Ø a chamada* (MVS 07.02)

Se compararmos este resultado com os resultados da pesquisa feita por Cavalcante (2001) em que houve 15,6% de apagamento para o NURC/RJ (década de 90) e 17,6% para o *corpus* APERJ (com informantes pouco escolarizados do interior do RJ), o percentual de 17,7% é considerável, principalmente porque se trata de *corpus* escrito, de registro formal, e do século anterior.

#### 4.4.1.2 Fatores lingüísticos:

##### 4.4.1.2.1 Predicação verbal (abordagem semântica)

Das 68 ocorrências (55 atas) em que o contexto indicaria o uso do clítico, 11 dos 12 casos de apagamentos foram com verbos de ação (*fazer, mandar*), os quais, nos contextos em que ocorreram, apresentaram as seguintes características: exigem que um dos argumentos deva ter o traço [+agentivo], com macro-função CAUSA (papel temático de *agente*), pois o verbo apresenta a propriedade de ser [+dinâmico]; o outro argumento (se considerarmos voz passiva), com macro-função de OBJETO AFETADO [-animado], para o verbo *fazer*.

(99) *fes*  $\emptyset$  *o inventario naforma* (JFO 12.02)

(100) *epor estar Conforme mandou*  $\emptyset$  *passar este/termo* (JFO 10.08)

Estas propriedades da predicação verbal aliadas à posposição do argumento [-animado] favorecem a uma reanálise da estrutura como sendo de voz ativa, cujo sujeito (*agente*) está indeterminado.

O verbo *mandar*, causativo que expressa manipulação e controle entre o sujeito da oração matriz e da oração completiva, foi um dos que mais favoreceu o apagamento (04 ocorrências das 11 dos verbos de ação/atividade) muito provavelmente devido à relação semântica expressa por este predicador, que também exige que um dos argumentos seja [+humano], [+agentivo]. Desta forma, a carga semântica expressa pelo verbo *mandar* aliada ao apagamento do clítico e a ocorrência de verbo na terceira pessoa do singular, sem antecedente definido, permitem uma interpretação indeterminada do sujeito.

No cômputo geral, foram encontrados os seguintes valores:

**Tabela 3:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado

<b>Tipo semântico de predicado</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Ação/Atividade	38	55,9	<b>11</b>	<b>16,2</b>	49
Estado	02	2,9	01	1,4	03
Posição	03	4,4	-	0	03
Processo	13	19,1	-	0	13
Total	56	82,3	12	17,6	68

Fonte: da autora

É interessante observar também que o apagamento se deu praticamente nas estruturas mais freqüentes do documento. Segundo a abordagem funcionalista, quanto mais freqüente é uma estrutura ou uma relação comunicativa, mais propensa a ser gramaticalizada. Assim, o item ou estrutura tende a diminuição de sua carga semântica. Uma das características da análise funcional é considerar a avaliação que o falante faz do conhecimento e das expectativas do ouvinte. Desta forma, supomos que em uma interação verbal, em que uma estrutura manifesta-se com freqüência, o conhecimento compartilhado é tal que o apagamento de determinado item, pouco funcional, não afeta o processo interacional.

Assim, a interpretação do falante será baseada, em parte, na informação contida na expressão lingüística e parte na informação que o destinatário já possui.

Relacionamos os resultados obtidos com outros trabalhos, em particular com estudos sobre aquisição de língua portuguesa como L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub>. Abraçado (2003) constatou a influência de algumas propriedades por nós observadas também, em particular, da agentividade, na relação que crianças em estágios iniciais de aquisição do português como L<sub>1</sub> estabelecem entre sujeitos geralmente não-humanos e inanimados de verbos mono-argumentais, pospostos ao verbo, com objetos de construções altamente transitivas.

(101) *Caiu a bicicleta.*

(102) *A bicicleta caiu.*

Em qualquer um dos exemplos acima, a propriedade da agentividade é que determinará a interpretação do argumento como objeto.

A autora constatou que a agentividade é relevante para que as crianças relacionem os sujeitos de construções com baixo grau de transitividade ao objeto de construções altamente transitivas. Ou seja, a reanálise do SN posposto ao verbo como objeto não se deve apenas à ordenação dos constituintes, mas também ao conjunto de propriedades sintático-semânticas compartilhadas entre objeto de verbos de alta transitividade e sujeito paciente de construções de *se-apassivador*.

Pelo que se depreende dos dados e do estudo de Abraçado (2003) esse processo de reanálise encontra-se tanto em aquisição de português como L<sub>1</sub> como L<sub>2</sub>. Quanto ao apagamento do clítico, supomos que se deva: ao enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal, com conseqüente reanálise das passivas como voz ativa impessoal (hipótese 2); ao grau de referência deste (indeterminada), que será analisada mais adiante, como proposto na hipótese 3.

Outra ocorrência, em que o uso do clítico “nos” seria esperado, foi com verbo de estado:

(103) *epor*  $\emptyset$  **Achamos** todos| Corformes (MVS 03.09)

Os verbos de estado em que o sujeito, não sendo agente, portanto expressando macrofunção OBJETO AFETADO, porém com propriedades [+controle] e [+agentivo] podem facultar o apagamento, como em *Eu levanto (-me) às seis horas*, além disso, a morfologia verbal de 1<sup>a</sup>. pessoa do plural (*-mos*) pode favorecer a ausência do clítico, uma vez que a esta morfologia não geraria interpretação de sujeito/agente indeterminado no contexto em que se encontra, pois este pode ser recuperado textualmente.

#### 4.4.1.2.2 Abordagem sintática

No que se refere à classificação sintática do verbo, das 12 ocorrências de apagamento, 07 foram com o verbo transitivo direto *fazer* e 04 com o causativo *mandar* (cf. 104 e 105). Ou seja, dos 17,7% de apagamento, 10,3% foram com o verbo *fazer*, verbo de transitividade alta que exige argumento externo agente e argumento interno [-animado].

(104) *Ao* <Sic> ~~quatro~~ *doDia de Mez de Majo* <1835> **fes**  $\emptyset$  *a Chamada*<sup>43</sup>  
(MVS 05.01)

(105) *epor esta| Com forme mandou*  $\emptyset$  *lavra este*  
(JFO 13.16)

Como se pode ver, as ocorrências de apagamento se deram preferencialmente com o verbo transitivo *fazer*. Além disso, tais ocorrências suscitaram duas considerações: i) o

<sup>43</sup> Cabe observar que as quatro primeiras linhas foram corrigidas, porém a frase com o apagamento permaneceu inalterada.

apagamento se deu em partes formulares das atas<sup>44</sup>, ocorrência menos previsível, uma vez que tais fórmulas são aprendidas; ii) essas estruturas são superficialmente ambíguas, como já discutido a partir dos exemplos (25) e (26), na seção 3.4, o que favorece o processo de reanálise e conseqüente reinterpretação dos constituintes da oração, sendo que o sintagma nominal, quando posposto ao verbo transitivo direto é reinterpretado como objeto direto, dado o padrão SVO (para estruturas ativas) e o traço [-humano] para o SN.

É interessante notar que não houve ocorrência de *mandar* com a presença do clítico. Todas as 12 ocorrências de *mandar* que foram encontradas, com presença do clítico, além das 04 já mencionadas, tinham sujeito lexicalmente realizado:

(106) mandou o Prezidente | que selança-çe es te termo (GMB 02.07)

Assim, para os causativos, o apagamento correspondeu a 5,9% do total de ausência do clítico, mas 100% se considerarmos as ocorrências em que se preveria o uso do clítico, a partir dos demais fatores.

Confirmam-se os valores encontrados para as ocorrências:

**Tabela 4:** Variação presença / ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado

Tipo sintático de predicado	Presença	%	Ausência	%	Total
Cópula	06	8,8	01	1,5	07
Pronominal	04	5,9	0	0	04
Simétrico	0	0	0	0	0
Alternância Causativa	07	10,3	0	0	07
Transitivo direto	36	52,9	<b>07</b>	<b>10,3</b>	44
Causativo	0	0	<b>04</b>	<b>5,9</b>	<b>04</b>
Tran. direto e indireto	01	1,5	0	0	0
Transitivo indireto	02	2,9	0	0	02
Intransitivo	0	0	0	0	0
Total	56	82,3	12	17,7	68

Fonte: da autora

#### 4.4.1.2.3 Estratégias de esquiva

Embora não fizesse parte do nosso objetivo primeiro analisar estratégias de esquiva do uso do clítico, alguns recursos para indeterminar o sujeito nos chamaram a atenção. Foram encontradas 06 estruturas com verbo no infinitivo consideradas como estratégias de esquiva, tais verbos formavam predicado complexo com o verbo causativo *mandar*. Abaixo listamos as ocorrências de estratégias de esquiva do uso do clítico:

<sup>44</sup> Verificou-se que essas estruturas se repetem como modelos, na maioria das atas.

(107) <i>Mandou / ameza Administradora <u>passar</u> <u>aprezente</u></i>	(MSC 10.09)
(108) <i>epor esta Com forme mandou o Provedor <u>lavra</u> este termo</i>	(JFO 05.06)
(109) <i>epor estar Com forme mandou <u>lavra</u> este</i>	(JFO 07.07)
(110) <i>epor estar Comforme mandou <u>passar</u> este termo</i>	(JFO 10.08)
(111) <i>epor esta Comforme mandou <u>passar</u> este pormim</i>	(JFO 11.07)
(112) <i>epor esta/ Com forme mandou <u>lavra</u> este</i>	(JFO 13.16)

As construções com o verbo no infinitivo foram consideradas como estratégias devido aos seguintes critérios:

i) a possibilidade de ocorrer uma oração desenvolvida, ou seja, sem ser reduzida de infinitivo com o uso do clítico como a que foi encontrada em mesma parte formular de outras atas:

(113) *mandou a Junta que se Lavrase este Termo* (MSC 08.10)

iii) o fato de a oração reduzida apresentar o verbo no infinitivo impessoal, visto que segundo Cegalla (1995, p.296-7), o uso do verbo no infinitivo é mais uma opção para indeterminar o sujeito.

Além disso, cabe observar que estas estruturas com *mandar* e completiva com verbo no infinitivo ocorreram em datas posteriores às estruturas com subordinada e uso do clítico.

#### 4.4.1.2.4 Variação na concordância

Foram analisadas as orações finitas com clítico e com verbos transitivos diretos acompanhados de argumento interno plural, a fim de verificarmos a concordância/não-concordância entre o verbo e o argumento interno. Foram computadas, no conjunto total de 101 ocorrências, 09 ocorrências de orações com verbo transitivo direto e argumento interno plural, dessas, nenhuma exibiu concordância explícita entre verbo e argumento.

**Tabela 5:** Variação na concordância verbo-argumento interno plural

<b>Concordância</b>	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
0	0	09	100	09

Fonte: da autora

Confirmam-se dois dos exemplos:

- (114) *deu-se todos poderes* (LTG 01.03)  
 (115) *Leo-se as cartas deregeite* (LTG 05.03)

Esse resultado revela que o clítico *apassivador* era reinterpretado como *se-indeterminador*. Essa afirmação baseia-se nos estudos de Naro (1976) e Martins (2003), para os quais as estruturas com VTD e argumento interno singular serviram como *input* para a reanálise de *se-apassivador* em *indeterminador*. Se as estruturas com argumento interno eram reinterpretadas como estruturas ativas, as estruturas com argumento interno, supostamente passivas, que serviram de *input* para a reanálise, já deveriam sê-lo também. Devido a esse fato, este clítico realizado (09 ocorrências) com verbo transitivo direto e argumento interno plural, sem sujeito antecedente expresso e/ou recuperável no contexto, foi interpretado e classificado como *se-indeterminador* (tipo 2).

#### 4.4.1.2.5. Tipo de clítico

No que se refere ao fator tipo de clítico, houve 11 ocorrências de apagamento para o clítico *se-indeterminador* (tipo 2), 07 com o verbo *fazer* e 04 com o causativo *mandar*:

- (116) Ao <Sico> ~~quatro~~ doDia de Mez de Majo <1835> *fes*  $\emptyset$  a Chamada (MVS 05.01)  
 (117) Ao Ao 5 Dia do Mez de Majo de1835 *Fez*  $\emptyset$  a xam| ada (MVS 05.05)  
 (118) *fes*  $\emptyset$  a chamada (MVS 07.02)  
 (119) *mandou o Presidente e mais Membro da Junta que este*  $\emptyset$  *fizese* (MSC 01.16)  
 (120) *estan do o Vice Provedor imais mezarioz* *fes*  $\emptyset$  a chamada (MSC 13.03)  
 (121) *mandou o Pro-/ vedor que este*  $\emptyset$  *fizesse* (JFO 12.07)  
 (122) *fes*  $\emptyset$  o inventario naforma (JFO 12.02)  
 (123) *epor estar Com forme* *mandou*  $\emptyset$  lavra este (JFO 07.07)  
 (124) *epor esta Com forme* *mandou*  $\emptyset$  lavra este para Constar (JFO 13.16)  
 (125) *epor estar Comforme* *mandou*  $\emptyset$  passar este|termo (JFO 10.08)  
 (126) *epor esta Comforme* *mandou*  $\emptyset$  passar este pormim (JFO 11.07)

Para os casos com o causativo *mandar*, consideramos o apagamento de *se-indeterminador*, devido ao verbo estar na 3ª pessoa do singular sem antecedente expresso, sendo recuperável somente em outras atas do mesmo *redator* em mesma parte formular, como no exemplo abaixo:

(127) *epor esta Com forme mandou o Provedor lavra este termo* (JFO 05.06)

Cabe observar que as estruturas com *mandar* sem o clítico são posteriores às com o sujeito realizado, o que revela a importância do contexto discursivo para a classificação do tipo de clítico.

A outra ocorrência de apagamento foi com o clítico classificado como inerente por ocorrer com verbo cópula / estado:

(128) *epor  $\emptyset$  **Achamos** todos/ Corformes* (MVS 03.09)

A tabela abaixo mostra os valores da variação presença/ausência por tipo de clítico:

**Tabela 6:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico

<b>Tipo de clítico</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Recíproco	0	0	0	0	0
Reflexivo	0	0	0	0	0
Inerente	10	14,7	<b>01</b>	<b>1,5</b>	11
Pseudo-reflexivo	0	0	0	0	0
Médio	07	10,3	0	0	07
Apassivador	0	0	0	0	0
Pseudo-apassivador	0	0	0	0	0
Indeterminador (tipo2)	39	57,3	<b>11</b>	<b>16,2</b>	50
Indeterminador (tipo1)	0	0	0	0	0
Total	56	82,3	12	17,7	68

Fonte: da autora

O índice absoluto de não-concordância explica a não ocorrência de clíticos *apassivadores* e *pseudo-apassivadores*.



## 4.4.1.2.6 Graus de referência

O total da classificação da referência foi a seguinte:

**Tabela 7:** Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva

Grau de Referência	Oc.	%
determinada <sub>1</sub>	0	0
determinada <sub>2</sub>	01	5,6
indeterminada	0	0
[+genérica]	11	61,1
[+arbitrária]	06	33,3
<b>Total</b>	18	100

Fonte: da autora

A única ocorrência de referência determinada<sub>2</sub> (quando não há referência dupla<sup>45</sup> a um mesmo argumento como nos reflexivo-recíprocos, havendo apenas a relação sintática com o sujeito, mantida pelos traços categoriais de pessoa e número) foi para o clítico *inerente*:

(129) *epor ∅ Achamos todos/ Corformes* (MVS 03.09)

As 11 ocorrências para a referência indeterminada [+genérica] foram as 07 com verbo *fazer* e as 04 com o causativo *mandar*. A referência indeterminada [+genérica] relativa ao verbo *mandar* poderia ser ainda classificada, segundo Cunha (1995, p.38), como “indeterminação parcial com referência implícita no contexto”, pois esta se caracteriza quando o referente não está presente no texto, mas pode ser depreendido do contexto através de inferência, como nos dois exemplos de atas diferentes de um mesmo redator:

(130) *epor esta Com forme mandou o Provedor lavra este termo* (JFO 05.06)

(131) *epor esta Comforme **mandou ∅** passar este pormim* (JFO 11.07)

As seis ocorrências de referência indeterminada [+arbitrária], podendo incluir qualquer pessoa, inclusive o falante [+Eu], configuram estratégias de esquiva.

Note-se que houve ocorrência em maior número para a referência indeterminada

<sup>45</sup> O conceito e definição de referência dupla podem ser encontrados em Schmidt-Riese (2002, p. 254).

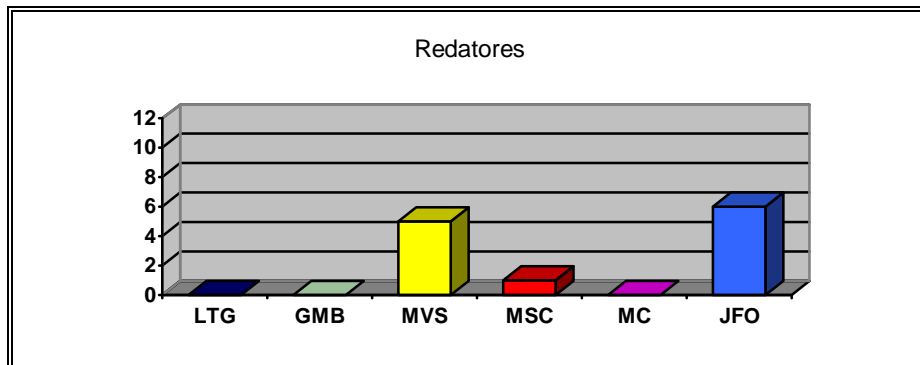
[+genérica], seguida da [+arbitrária], o que está de acordo com a hipótese 3, para a qual a maior supressão e/ou ocorrência de estratégias de esquiva se dão nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora, ou cuja referência seja indeterminada genérica ou arbitrária.

#### 4.4.1.3 Fator extra-lingüístico: redator

É interessante dizer uma última palavra sobre a análise do apagamento nas atas destes africanos. Ao analisarmos os casos de apagamento, excluindo as ocorrências com o verbo *assinar-se*, notamos que alguns *redatores* se destacaram quanto ao número de ocorrência para este fenômeno.

Confira-se o gráfico abaixo:

**Gráfico 01:** Ocorrência de apagamento do clítico por redator



Fonte: da autora

Para LTG e MC todas as ocorrências (09 e 01, respectivamente) de apagamento foram com *assinar-se*. As duas únicas atas do *redator* GMB não apresentaram um só caso de apagamento, mas 03 presenças do clítico, 02 com *assinar-se*. Excetuando as atas (15) de LTG, só havia 02 atas para cada um dos dois outros *redatores*, o que pode explicar a pouca ocorrência de apagamento. As atas (13) de José Fernandes do Ó (vendedor de toucinho) e (08) Manuel Vitor Serra (negro de ganho) apresentaram, respectivamente, 06 e 05 casos de apagamento. O lugar social destes *redatores* é classificado, segundo Oliveira (1988 apud Oliveira, 2006, p.213) como “atividade não manual” e que não carece de qualificação, diferente das ocupações dos demais (pedreiro e marceneiro) que são classificadas como “ofícios manuais qualificados”. Lembrando o que nos diz Mattos e Silva (2004) a respeito dos papéis sociais e mobilidade geográfica dos africanos e afro-descendentes, estes dois

indivíduos desempenhavam atividades cuja mobilidade permitia contato com outras variedades do português, além do vernáculo, e conseqüentemente com membros de outras comunidades de fala.

#### 4.4.1.4 Fatores que mais favoreceram o apagamento:

A tabela 8 mostra os fatores que mais favoreceram o apagamento no *corpus* analisado.

**Tabela 8:** Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva

<b>Fatores</b>		<b>Oc.</b>	<b>%</b>
<b>Tipo semântico de predicado</b>	Ação	<b>11</b>	<b>16,2</b>
<b>Tipo sintático de predicado</b>	Transitivo direto	<b>07</b>	<b>10,3</b>
	Causativo	04	5,9
<b>Tipo de clítico</b>	Indeterminador (tipo2)	<b>11</b>	<b>16,2</b>
<b>Grau de referência</b>	Indeterminada [+genérica]	<b>11</b>	<b>61,1</b>
	Indeterminada [+arbitrária]	06	33,3

Fonte: da autora

Se considerarmos que o elevado número de ocorrências com o VP *assinar-se*, deveu-se ao gênero textual e ao contexto discursivo, o apagamento deu-se em maioria para VTD de ação e causativo com clítico reinterpretado como *indeterminador* (tipo 2), confirmando as hipóteses de que: i) o enfraquecimento do sentido passivo também concorre para o apagamento do clítico; ii) há uma hierarquia do apagamento, para a qual o apagamento é mais freqüente para o *se-indeterminador*, cuja referência é genérica ou arbitrária.

O percentual de 17,7% é praticamente o mesmo para o do *corpus* APERJ (17,6%) (com informantes pouco escolarizados do interior do RJ) e muito próximo do apresentado pelos informantes (15,6%) do NURC/90, o que pode significar que a comunidade de fala desses indivíduos, nesse período (1832-1842), revela a base de um processo que, segundo Nunes (1991), inicia-se no século XIX, e se implementou nas últimas décadas do século XX.

A partir do estudo de Corrêa (1991 apud KATO, 1999), Kato (1999) infere que a recuperação dos clíticos na escrita, a partir do processo escolar, difere muito da “aquisição natural”. Ou seja, a aquisição de clíticos via processo escolar como L1 pode ser comparado ao

mesmo processo como L2<sup>46</sup>, posto que representam “gramáticas” distintas: i) para o falantes de L1, da gramática da fala; ii) para os falantes de PB como L2, da sua língua primeira.

Se a aquisição de clíticos se dá primeiro na escrita e sendo esta uma gramática estranha à de L1, pode-se dizer que a aprendizagem de clíticos para a criança brasileira está para uma aprendizagem de L2 e, assim, os dados encontrados podem não ser muito distantes do que se esperaria para falantes de português como L1 pouco escolarizados.

Além disso, pode-se supor que o contato lingüístico entre falantes de língua portuguesa (LP) como L2 e falantes de LP como L1, tenha acelerado o processo do apagamento, se considerar que este uso de L2 se tornou dado lingüístico primário para crianças em processo de aquisição, com o agravante do pouco ou nenhum acesso à escolarização, principalmente para os afro-descendentes, que marcou todo o período colonial e pós-colonial. Os dados que resultam da aquisição imperfeita, com o processo sistêmico da reanálise, em situação de contato lingüístico dá-se em particular no português não-padrão e daí podem subir para os registros informais da linguagem urbana culta.

Ainda não se pode dizer se a perda gradativa de traços e propriedades sintático-semânticos relacionados ao apagamento já vieram embutidas no sistema devido à atualização do quadro pronominal (a partir da inserção de *você* e *a gente* no Brasil no século XVIII) e/ou encontrou na *transmissão lingüística irregular* terreno fértil para sua difusão.

#### 4.4.2 Atas de brasileiros

##### 4.4.2.1 Variação na realização do clítico

Foram encontradas 206 ocorrências (nas 69 atas) em predicções que incluem verbos plenos, locuções verbais e predicados complexos (formados pelo causativo *mandar*), em que se pode prever o uso do clítico, sendo a distribuição da variação encontrada a seguinte:

---

<sup>46</sup> “A criança iletrada com pais incapazes de fornecer o ‘input’ da linguagem escrita, enfrenta, na escola, uma situação de aprendizagem de uma gramática ‘estrangeira’”. (KATO, 1996, p.209)

**Tabela 9:** Variação presença / ausência do clítico

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
<b>177</b>	<b>85,9</b>	29	<b>14,1</b>	206

Fonte: da autora

Desta vez, o número de ocorrência do verbo *assinar-se*, muito comum para este gênero textual, foi controlado, sendo computados apenas os casos em que se encontra nas atas do mesmo *redator* a variação do *assinar-se* com e sem a presença do clítico, por exemplo:

- (132) *termo em que todos **o** Assinamos* (FPF 01.07)  
 (133) *nos **nos** assinanos* (FPF 10.21)

Nos demais tipos de ocorrências, pode-se perceber que o *redator* deixa claro que *assina o documento*:

- (134) *que esta fiz|e assignei* (FJST 04.145)  
 (135) *lavrei aprezenete **acta que** assigno* (FB. 08.57)  
 (136) *lavrei a|prezente **a qual** assigno.* (FB. 16.81)  
 (137) *Eu 2º. Secretario Fiz i **asinnngno esta Acta*** (JCBM 02.37)

Desta forma, ao refazermos os cálculos, excluindo os tipos de ocorrência acima mencionados, encontramos os seguintes valores:

**Tabela 10:** Variação presença/ausência do clítico, excluindo verbo *assinar-se*.

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
<b>167</b>	<b>86,1</b>	27	<b>13,9</b>	194

Fonte: da autora

Este resultado confirma nossa hipótese de que nem sempre o verbo empregado era *assinar-se*. O percentual de 13,9% de ausência, apesar de um pouco mais baixo, está próximo do valor encontrado para as atas dos africanos (17,7%). Essa diferença pode colocar os *redatores* brasileiros em um nível de aquisição de clíticos um pouco acima dos africanos.

#### 4.4.2.2 Fatores lingüísticos

##### 4.4.2.2.1 Predicação verbal (abordagem semântica)

Dos 27 casos de apagamentos, 22 foram com verbos de ação, 12 só para o verbo *fazer*, sempre na mesma parte formular dos documentos. Os demais foram: *passar* (03); *trocar* (02); *observar* (01); *lavrare* (01); *demitir* (01); *mandar* (01); *apresentar* (01). Estes verbos apresentaram as seguintes características: exigem que um dos argumentos deva ter o traço [+agentivo], pois o verbo apresenta a propriedade de ser [+dinâmico]; sujeito com macro-função CAUSA (papel temático de *agente*) e macro-função OBJETO AFETADO [-animado], exceto para *demitir*.

- |   |              |
|---|--------------|
| (138) <b>fez</b> $\emptyset$ os   trabalhos   | (FPF 03.04)  |
| (139) mando o nosso Provedor   que disso $\emptyset$ <b>passasce</b> tremo  | (FPF 06.16)  |
| (140) <b>troca-</b>   <b>raõ</b> $\emptyset$ <b>alguns apartes</b>  | (FB 06.45)   |
| (141) e que deve-se acabar e que $\emptyset$ <b>observasse</b>  | (FJST 03.15) |
| (142) mandou o nosso Provedor $\emptyset$ <b>Lavrare</b> o termo  | (FPF 07.14)  |
| (143) pode se adimitir qualquer soçio e si não  for bom <b>pode</b> $\emptyset$ <b>dimitir</b> (FJST03.226)   |              |
| (144) epor estar comfrome <b>Mandou</b> $\emptyset$ $\emptyset$ fizes   esse term FPF 12.44   |              |
| (145) um requerimento do Senhor  pedindo para  ser admitido <como> socio e que<br><b>naõ</b> $\emptyset$ <b>aprezen-</b>   <b>tava</b> por se ter esquecido | (FB 05.41)   |

Os verbos de processo<sup>47</sup> contribuíram com 1,0% dos casos de apagamento, sendo um dos exemplos encontrados de alternância causativa, como no exemplo:

- (146) O trabalho começou.

O outro exemplo encontrado apresenta argumento interno plural, posposto e sem concordância do verbo, o que também pode significar uma interpretação de voz ativa, cujo sujeito (agente) seja indeterminado:

- (147) **Comesou**  $\emptyset$  **os trabalhos** da nossa devo| Cão (MJR 01.03)

<sup>47</sup> Tipo de verbo que exprime que uma dada entidade muda de estado ou de condição, sem necessariamente haver uma causa externa, às vezes indica um “acontecimento”.

No cômputo geral, foram encontrados os seguintes valores:

**Tabela 11:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado

Tipo semântico de predicado	Presença	%	Ausência	%
Ação/Atividade	76	39,2	<b>22</b>	<b>11,4</b>
Estado	36	18,5	02	1,0
Posição	5	2,6	01	0,5
Processo	50	25,8	02	1,0
Total	167	<b>86,1</b>	27	<b>13,9</b>

Fonte: da autora

Desta forma, vê-se que o traço negativo da propriedade [-agentividade] é relevante para que os sujeitos deste tipo de verbo sejam relacionados a objetos de construções transitivas, o que, aliado à posposição do SN, pode favorecer a reanálise de construções de *se-indeterminador* (tipo 2).

As duas ocorrências com verbo de estado foram:

- (148) os seus dinheiros **ø** **achava** dipozitado em| mão do ex thizoureiro visto ceirem  
elles iludidos (JCBM 23.35)
- (149) e que se átorizase ao Senhor Vizita| dor ir no Domingo 24, a caza do emfermo  
vi| zitallo afim di ver **se** **ø** **achava** bom (FJST 02.102)

Para a primeira ocorrência, o traço [-animado] do sujeito (os seus dinheiros) pode ter favorecido o apagamento do clítico, o que seria menos provável com sujeito [+humano]:

- (150) João (se) achava doente.

Para a segunda ocorrência, apesar de ter um sujeito [+humano], a contigüidade da conjunção *se*, gerando cacofonia, pode ter contribuído para o apagamento do clítico.

A única ocorrência para o verbo de posição também apresenta sujeito (quantia) com traço [-animado]:

- (151) Senhor Viturino José do Reis foiaprovado sendo descontado da quantia di  
duzentos milres **que** **ø** **a| chasi** emdepozito (JCBM 17.10)

#### 4.4.2.2.2 Abordagem sintática

No que se refere à classificação sintática do verbo, das 27 ocorrências de apagamento, 21 foram com verbo transitivo direto (exemplos 138 a 145). Ou seja, dos 13,9% de apagamento, 10,8% foram com verbos de transitividade alta que exigem argumento externo agente e argumento interno [-animado].

É interessante notar que tanto para os causativos quanto para os de alternância causativa, para cada ocorrência de presença do clítico, houve outra de ausência:

- |   |             |
|---|-------------|
| (152) <b>Emandose</b>   <i>que</i> ficase corendo deste dia endiante        | (MJR 10.06) |
| (153) epor estar comfrome <b>Mandou</b> <b>ø</b> <i>ø</i> fizes   esse term | (FPF 12.44) |
| (154) <b>Comesou</b> <b>ø</b> os trabalhos da nossa devo  Cão               | (MJR 01.03) |
| (155) <i>que se</i> tivesse <b>acabado</b> o trabalho                       | (FPF 09.10) |

Para os verbos causativos, o apagamento do clítico deve ter sido favorecido pela intenção do falante de indeterminar o sujeito. Já para os verbos de alternância causativa, pode ter entrado em jogo a posposição do argumento (sujeito), reanalisado como objeto e conseqüente indeterminação do sujeito. Mas os verbos de alternância causativa, em muitos casos, também apresentam a opcionalidade do clítico:

- (156) O trabalho começou.
- (157) Começou (-se) o trabalho.

Assim, para os causativos e verbos de alternância causativa, o apagamento correspondeu a 0,5% do total de apagamento, mas a 50% se considerarmos as ocorrências em que se previa o uso do clítico. O que reforça a hipótese de que estes verbos, juntamente com os transitivos são os que mais favorecem o apagamento destes clíticos.

Confirmam-se os valores encontrados para as ocorrências:



**Tabela 12:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado

Tipo sintático de predicado	Presença	%	Ausência	%	Total
Cópula	35	18,0	03	1,6	38
Pronominal	33	17,1	01	0,5	34
Simétrico	0	0	0	0	0
Alternância Causativa	01	0,5	<b>01</b>	0,5	<b>02</b>
Transitivo direto	89	45,9	<b>21</b>	<b>10,8</b>	110
Causativo	01	0,5	<b>01</b>	0,5	<b>02</b>
Tran. direto e indireto	07	3,6	0	0	07
Transitivo indireto	01	0,5	0	0	01
Intransitivo	0	0	0	0	0
Total	167	86,1	27	13,9	193

Fonte: da autora

Vale apresentar o único caso de ocorrência de clítico com verbo transitivo indireto:

(158) pedia que **se proseguisse na** leitura da acta (FJST 04.39)

Conquanto o verbo *proseguir* tenha sido empregado no sentido de proceder, continuar a falar, o verbo *proceder* foi utilizado como transitivo direto (20 ocorrências):

(159) **Iproçedeisi**|a leitura da Acta da çeição anterior (JCBM 04.13)

(160) **procedeu-se a** leitura (FB 16.26)

#### 4.4.2.2.3 Estratégias de esquiva

Foram encontradas 33 construções com o verbo no infinitivo consideradas como estratégias de esquiva (cf. Anexo D), tais como:

(161) Senhor Presidente | abriu a sessaõ mandou **ler** a acta (FB 03.12)

Estas estruturas foram consideradas como estratégias de esquiva do uso do clítico devido ao seguinte critério: haver a possibilidade de ocorrer uma oração desenvolvida, ou seja, sem ser reduzida de infinitivo com o uso do clítico como a que foi encontrada em mesma parte formular de outras atas, embora o verbo causativo fosse outro que não *mandar*:

(162) oPresidente (...)pedia que se proseguisse na leitura da acta (FJST 04.39)

Note-se que o infinitivo com o causativo *mandar* deve ter necessariamente sujeitos não-correferenciais. Com o verbo *pedir*, contudo, pode haver correferencialidade (NEVES, 2000, p. 347):

(163) O presidente pedia para ler a ata

Desta forma, o uso do infinitivo com o verbo *mandar* se revela muito mais eficaz para indeterminar o sujeito do que o uso de outro tipo de verbo, evitando também o uso do clítico. Estas estruturas são muito freqüentes nas atas analisadas e, mais uma vez, observa-se que a freqüência de uso é fator favorecedor ao processo de gramaticalização.

#### 4.4.2.2.4 Variação na concordância

Foram analisadas as orações finitas com clítico e com verbos transitivos diretos e argumento interno plural, a fim de verificarmos a concordância / não-concordância entre esses elementos. Foram computadas, no conjunto total de atas de brasileiros, 28 ocorrências de orações com verbo transitivo direto e argumento interno plural. Analisamos a variação da concordância em presença e ausência de clítico. Confirmam-se os valores encontrados:

**Tabela 13:** Variação na concordância verbo-argumento interno plural

<b>Concordância</b> com clítico	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b> com clítico	<b>%</b>	<b>Total</b>
03	15,8	16	84,2	19
<hr/>				
<b>Concordância</b> sem clítico	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b> sem clítico	<b>%</b>	<b>Total</b>
02	22,2	07	77,8	09
<hr/>				
<b>Concordância</b>		<b>Não-concordância</b>		<b>Total</b>
<b>05</b>	<b>17,9</b>	<b>23</b>	<b>82,1</b>	<b>28</b>

Fonte: da autora

Nas 19 ocorrências de presença de clítico, 16 (84,2%) não exibiram concordância entre verbo e argumento. Nas 09 ocorrências de ausência de clítico, 07 (77,8%) não exibiram concordância. No cômputo geral, foram 23 casos de não-concordância, perfazendo um total de 82,1%.

A partir destes valores, percebe-se que a variação na concordância era praticamente a mesma tanto com a presença quanto com ausência do clítico. Diante do elevado percentual (82,1%), depreende-se que a concordância não era regra variável e que o clítico *apassivador* era reinterpretado como *indeterminador*. O elevado índice de não concordância aliado ao de apagamento (13,9%) parece estar de acordo com a hipótese 2, para a qual o enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal nas construções em que o *se* acompanha verbo transitivo direto e a conseqüente reinterpretação das passivas como voz ativa impessoal podem representar uma das etapas do processo que leva ao apagamento do clítico *se*.

Vale lembrar que, de acordo com a nossa proposta, para os casos de possível concordância, em que o percentual da não-concordância seja acima de 50%, o clítico será classificado como *pseudo-apassivador*.

Confiram-se dois dos exemplos de concordância entre verbo e argumento plural:

(164) **i trocaraõ-se muitos** outros diversos apartes. (FJST 03.201)

(165) **troca-| raõ ø alguns** apartes (FB 06.45)

Se as estruturas com argumento interno plural eram, em sua maioria, reinterpretadas como estruturas ativas, as estruturas com argumento interno singular, que serviram de *input* para a reanálise, já deveriam sê-lo também. Devido a esse fato, classificamos como *pseudo-apassivador* as estruturas com argumento interno plural que exibiram concordância:

(166) **i trocaraõ-se muitos** outros diversos apartes. (FJST 03.201)

e como *se-indeterminador* (tipo 2), as estruturas com argumento interno plural sem concordância e as estruturas com argumento interno singular:

(167) **que se no| measse** 4 Comissões (FJST 03.26)

(168) **Leu çe o** requerimento (FPF 11.07)

Comparando resultados de trabalho sobre construções com *se* e a não-concordância com argumento interno, durante o século XIX, este elevado índice de não-concordância fica muito próximo aos encontrados por Duarte e Lopes (2002, p.161) em cartas (80%) e por Duarte (2002, p.163) em anúncios (92%) respectivamente de jornais do Paraná e de Santa Catarina. Desta forma, observa-se que, quanto a este fato lingüístico, o afastamento do centro cultural e

o pouco ou nenhum acesso a instrução formal (distância entre as formas do vernáculo e o português prescrito nos manuais e gramáticas) e conseqüentemente à norma culta, favoreceram o predomínio da não-concordância.

#### 4.4.2.2.5 Tipo de clítico

No que se refere ao tipo de clítico, houve 20 ocorrências de apagamento para o clítico *se-indeterminador* (tipo 2), todas as ocorrências com os transitivos diretos, excetuando os dois casos com *trocar* (cf. 169 e 170), pois exibiram concordância. Para estas duas ocorrências, classificamos o clítico como *pseudo-apassivador*:

(169) **troca-**| **raõ ø** **alguns** **apartes** (FB 06.45)

(170) **trocaraõ ( ø )** **alguns**| **aparte** (FB 06.61)

A única ocorrência de *se-médio* foi com o verbo de alternância causativa *começar*:

(171) **Comesou ø** os trabalhos da nossa devo| Cão (MJR 01.03)

Confira-se a tabela abaixo:

**Tabela 14:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico

<b>Tipo de clítico</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Recíproco	0	0	0	0	<b>0</b>
Reflexivo	0	0	0	0	0
Inerente	59	30,4	<b>04</b>	2,1	63
Pseudo-reflexivo	09	4,6	0	0	09
Médio	01	0,5	<b>01</b>	0,5	<b>02</b>
Apassivador	0	0	0	0	0
Pseudo-apassivador	03	1,6	<b>02</b>	1,0	05
Indeterminador (tipo2)	95	49,5	<b>20</b>	10,3	115
Indeterminador (tipo1)	0	0	0	0	0
Total	167	86,1	27	13,9	194

Fonte: da autora

Note-se que se confirma nossa hipótese de que os clíticos *indeterminadores* seriam os mais propensos ao apagamento, seguido do *pseudo-apassivador* e do *se-médio* se confirma.

As exceções ficam para os *pseudo-reflexivos*, que não sofreram apagamento, muito provavelmente por terem sido utilizados para enfatizar o processo. Confirmam-se alguns exemplos:

(172) eu **me calarei** (FJST 04.54)

(173) **Pedro Augusto** o qual **negou-se** (FB 11.64)

As (04) quatro ocorrências de apagamento para os *inerentes* foram as seguintes:

(174) Senhor Viturino José do Reis foi aprovado sendo descontado da quantia di  
duzentos milres **que ø a| chasi** em depósito (JCBM 17.10)

(175) os seus dinheiros **ø achava** depositado em| mão do ex thizoureiro visto ceirem  
elles iludidos (JCBM 23.35)

(176) e que se átorizase ao Senhor Vizita| dor ir no Domingo 24, a caza do emfermo  
vi| zitallo afim di ver **se ø achava** bom (FJST 02.102)

(177) pode se admitir qualquer soçio e si não| for bom **reune ø** epode ø dimitir  
(FJST 03.226)

Como vimos anteriormente, para os dois primeiros exemplos, o apagamento pode ter sido favorecido pelo traço [-animado] dos sujeitos (quantia e dinheiros), além de o sujeito do primeiro exemplo poder ser interpretado como objeto de verbo transitivo *achar*, cujo sujeito estaria indeterminado. O terceiro exemplo é o caso já relatado da proximidade da conjunção *se*. O último exemplo, mais complexo, não apresenta sujeito explícito, podendo sê-lo o conselho de administradores, o que foi considerado e levou à classificação do clítico como *inerente*. Mas note-se que *reúne* está entre dois verbos transitivos: *admitir* e *demitir*, o que pode ter levado a uma interpretação de *reunir* como transitivo também e daí o apagamento seria de clítico *indeterminador* (tipo 2).

Considerando todas estas suposições, as ocorrências de *inerente* poderiam ser reduzidas a 02, mas devemos considerar também que estas ocorrências são casos excepcionais dentro de um universo de 63 casos em que se previam tais clíticos.

## 4.4.2.2.6 Graus de referência

O total da classificação da referência foi a seguinte:

**Tabela 15:** Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva

<b>Grau de Referência</b>	<b>Oc.</b>	<b>%</b>
<b>determinada<sub>1</sub></b>	0	0
<b>determinada<sub>2</sub></b>	04	6,8
<b>indeterminada</b>		
[+genérica]	22	37,3
[+arbitrária]	33	<b>55,9</b>
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>100</b>

Fonte: da autora

As 04 ocorrências de referência determinada<sub>2</sub> correspondem a casos de clíticos inerentes que foram apagados (cf.174- 177).

As 33 ocorrências para a referência indeterminada [+arbitrária] foram as ocorrências de infinitivo com causativo *mandar*, consideradas como estratégias de esquiva. O traço [+arbitrária] indica que o falante também pode estar incluído [+Eu], o que amplia o grau de referência:

(178) o Prezidente mandou **fazer** a chamada (FJST 03.13)

(179) O presidente mandou alguém fazer a chamada

(180) O presidente mandou-me fazer a chamada

As 22 ocorrências de referência indeterminada [+genérica] representam os casos de *se-indeterminador* (tipo 2) e *se-pseudo-apassivador*.

Note-se que neste conjunto de atas<sup>48</sup>, houve ocorrência em maior número para a referência indeterminada [+arbitrária], seguida da [+genérica], o que está de acordo com a hipótese 3, para a qual a maior supressão se dá nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora, ou cuja referência seja indeterminada genérica ou arbitrária. Supomos, pois, que a partir da segunda metade do século XIX este grau de referência começou a ser mais recorrente.

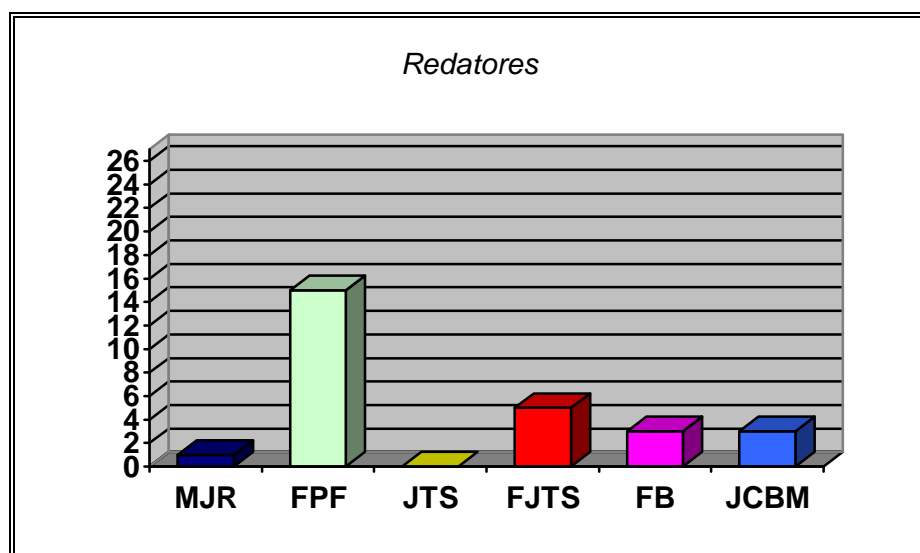
<sup>48</sup> Nas atas dos africanos (até 1842) o número de ocorrência de referência [+arbitrária] (33%) ainda era menor do que a [+genérica] (61%).

#### 4.4.2.3 Fator extra-lingüístico: redator

Relacionamos o número de ocorrências de apagamento com o lugar social do *redator* e com sua provável baixa escolaridade, como nas atas dos africanos.

Confira-se o gráfico abaixo:

**Gráfico 02:** Ocorrência de apagamento do clítico por redator



Fonte: da autora

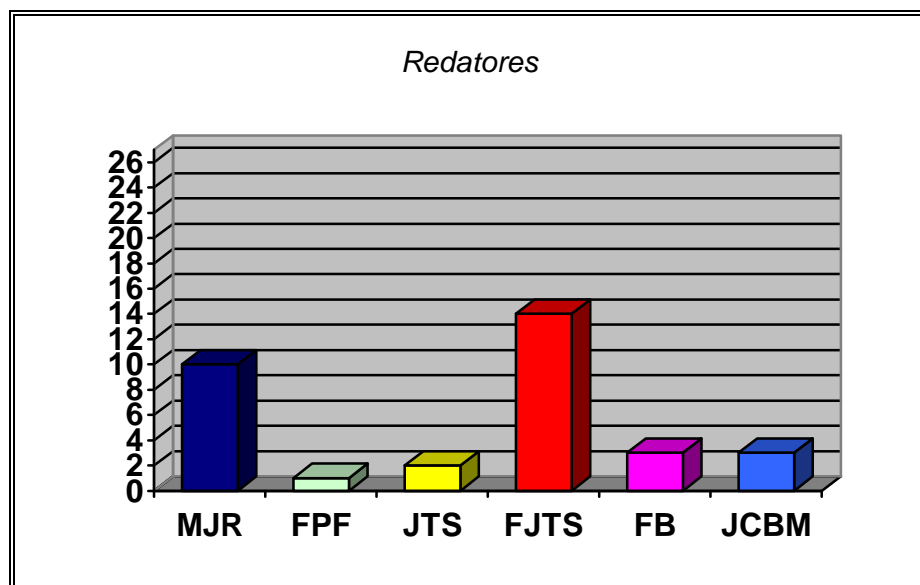
Para FPF, redator que apresentou maior número de ocorrência de apagamento (15), a maioria foi com o verbo *fazer*. Este *redator* desempenhava a função de comerciante de madeira, uma das atividades classificadas por Oliveira (1988 apud Oliveira, 2006, p.213) como não qualificada. Lembremos que entre os africanos os que apresentaram maior número de ocorrência de apagamento também tinham atividades classificadas como sem qualificação: vendedor e negro de ganho. JTS não apresentou um só caso de apagamento nas suas atas (02). Este *redator* era marceneiro, uma das atividades consideradas como mais qualificada. Os *redatores* africanos cujas atividades também eram qualificadas (marceneiro e pedreiro, respectivamente MC e LTG e GMB) também não apresentaram apagamento de clítico. FB e JCBM apresentaram o mesmo número de ocorrência de apagamento (03), carpinteiro e marceneiro, respectivamente. A relação entre o lugar social, dividido em “atividade não manual” e “ofícios manuais qualificados”, destes *redatores* e o apagamento parece ser, nesse conjunto de documentos, relevante para explicar este fenômeno morfossintático.

As estratégias de esquiva, por sua vez, foram mais favorecidas justamente pelo que apresentou pouco apagamento MJR (comerciante de louça, “bem estabelecido<sup>49</sup>”)(10

<sup>49</sup> (OLIVEIRA, 2006, p.213)

ocorrências, em 10 atas) e por aquele que também tinha ofício qualificado (alfaiate) FJTS (14 ocorrências, em 04 atas).

**Gráfico 03:** Ocorrência de estratégias de esquiva por redator



Fonte da autora

#### 4.4.2.4 Fatores que mais favoreceram o apagamento:

A tabela 16 mostra os fatores que mais favoreceram o apagamento no *corpus* analisado.

**Tabela 16:** Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva

Fatores		Oc.	%
<b>Tipo semântico de predicado</b>	Ação	22	11,4
<b>Tipo sintático de predicado</b>	Transitivo direto	21	10,8
<b>Tipo de clítico</b>	Indeterminador (tipo2)	20	10,3
<b>Grau de referência</b>	Indeterminada		
	[+genérica]	22	37,3
	[+arbitrária]	33	55,9

Fonte: da autora



O maior número de ocorrências de apagamento deu-se em maioria para verbos transitivos diretos de ação com clítico reinterpretado como *indeterminador* (tipo 2), confirmando as hipóteses de que: i) o enfraquecimento do sentido passivo também concorre para o apagamento do clítico; ii) há uma hierarquia do apagamento, para a qual o apagamento é mais freqüente para o *se indeterminador*, cuja referência é genérica ou arbitrária.

A atividade desempenhada pelo *redator*, classificada como manual ou não manual, qualificada ou não qualificada, que pode estar relacionada a uma maior proficiência da língua e ao grau de instrução, revelou-se como fator relacionado ao número de ocorrências do apagamento e de estratégias de esquiva, como explicitado nos gráficos 2 e 3.

#### 4.4.3 Anúncios de jornais cariocas

##### 4.4.3.1: Variação na realização do clítico

Foram encontradas 201 ocorrências em predicções que incluem verbos plenos e locuções verbais, em que se pode prever o uso do clítico, sendo a distribuição da variação encontrada a seguinte:

**Tabela 17:** Variação presença/ausência do clítico

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
195	97,0	6	3,0	201

Fonte: da autora

Confiram-se exemplos da variação presença/ausência do clítico:

(181) **cura-se** em pouco tempo qualquer das molestias mencionadas (AN.8,III)

(182) **Cura ø** inflamação de garganta (AN.8,III)

Vale lembrar que os anúncios, bem como as cartas de leitores de jornais, foram agrupados pelos editores e organizadores destes documentos, em fases: Fase I (1808-1840); Fase II (1841 – 1870) e Fase III (1871 -1900).

Para a Fase I, foram identificadas 66 ocorrências com presença de clítico e apenas uma ocorrência de apagamento:

- (183) Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição sem que fique defeituoso, nem **o passe pelo menor risco** de vida o que dellas se curar, como tem se verificado por este continente: toda pessoa, que se quizer se servir do seu prestimo, o pode procurar na *Rua dos Ferrasores* na casa número 175. *Gazeta do Rio de Janeiro*, 31 de abril de 1809.

Este único caso de apagamento do clítico ocorre justamente no mesmo anúncio em que aparece o único caso de “duplo *se*” nos anúncios:

- (184) toda pessoa, que **se quizer se servir** do seu préstimo (GA.26,I)

Para a Fase II, foram identificadas apenas 14 ocorrências com presença de clítico e nenhuma ocorrência de apagamento.

Apesar de não ter havido ocorrência de apagamento, um outro fenômeno mostrou-se crescente a partir desta fase, a topicalização do argumento de construções com *se* e verbo transitivo direto<sup>50</sup>. Um outro critério importante que se faz para distinguir tópicos é que geralmente estes são definidos. Confirmam-se alguns dos exemplos encontrados:

- (185) a LEGITIMA tinta extra-fina Monteiro.|**Vende-se** em todas as livrarias da corte (DN.7,II)  
.
- (186) OS LEGITIMOS REMEDIOS DO DOUTOR AYER ||**Vendem-se** á 15 Rua Sete de Setembro 15.| (DN.9,II)
- (187) Uma brochura contendo 100 rões, **vende-se** por 1\$000 (DN.12,II)

Como visto na seção 3.5.1 para o *pseudo-apassivador*, Raposo e Uriagereka (1996 apud MARTINS, 2003, p.5) consideram que, no português moderno, o argumento de tais estruturas, consideradas por estes autores como estruturas ativas com concordância entre o verbo e o seu argumento interno, não é o sujeito. Um dos testes aplicados por eles para confirmar que o argumento interno não é o sujeito, como nas verdadeiras passivas, é a topicalização deste sintagma. Confirmam-se os exemplos dados pelos autores:

- (188) *Salsichas, o Nestor compra no talho Sanzot.*  
(189) *Salsichas, vendem-se no talho Sanzot.*

<sup>50</sup> Em construções consideradas como de voz passiva, este argumento é analisado pela gramática normativa como sujeito da passiva.

Para um melhor esclarecimento, observe-se que, enquanto nas construções de tópico com deslocamento à esquerda de sujeito ou de objeto direto, há retomada do tópico:

(190) **Recuperação, isso** não existe<sup>51</sup>

(191) **Planos**, eu não faço **planos**

nas construções de topicalização do objeto, não há retomada:

(192) **Os problemas da cidade**, ninguém resolve \_\_\_ minha filha

Em ambas (construções de tópico) há algum tipo de vínculo de ordem sintática entre tópico e algum elemento ou posição vazia no comentário, mas na topicalização há movimento de um elemento interno à oração para uma posição inicial, externa, restando uma posição vazia no lugar de origem (Vasco, 2006, p.76).

Poder-se-ia questionar que se trata de posição vazia do sujeito, mas devemos lembrar, alguns trabalhos sobre retenção pronominal em posição sujeito e objeto, (DUARTE, 1993; TARALLO, 1993) que revelaram para este período, segunda metade do século XIX, uma crescente tendência ao preenchimento da posição de sujeito e menor preenchimento da posição objeto. Ou seja, nesse período, caracterizador de uma emergência do PB, também começa a haver um privilégio da retomada dos sujeitos por SNs idênticos, por expressões anafóricas ou pronomes demonstrativos (cf.190) e para os objetos diretos, o apagamento.

Quanto à concordância aparente nesta fase, as ocorrências de não concordância tornaram-se mais freqüentes na fase seguinte.

Para a Fase III, foram apenas identificadas 115 ocorrências com presença de clítico e cinco (05) ocorrências de apagamento.

A pouca ocorrência de apagamento (3%) em relação às atas era prevista, uma vez que se trata de pessoas com certo nível de instrução formal, residentes na sede da colônia e, portanto, centro difusor de norma padrão. No entanto, o pouco número de ocorrência de apagamento foi compensado pela manifestação de outros fatos lingüísticos que confirmam algumas de nossas hipóteses, tais como: mudança da posição do argumento interno, ao longo do período; aumento das estruturas de tópico e apagamento com verbo transitivo indireto.

---

<sup>51</sup> Exemplos (215 - 217) extraídos de Vasco (2007).

#### 4.4.3.2 Fatores lingüísticos:

##### 4.4.3.2.1 Predicação verbal (abordagem semântica)

Dos 6 casos de apagamentos, 05 foram com verbos de ação:

- (193) **Cura**  $\emptyset$  inflamação de garganta (AN.8,III)
- (194) Modas, Chapeos|A irmã de *Madame Valle* tem sempre chapéus modernos  
(...)|**Lava**  $\emptyset$ , **enforma**  $\emptyset$  e **enfeita**  $\emptyset$  á moda (JC. 26,III)
- (195) Leques|Concertão-se com perfeição e **vende**  $\emptyset$  a preços baratissimos  
(JC. 26,III)

Antes de fazermos a análise semântica, fazem-se necessários alguns comentários e esclarecimentos a respeito das ocorrências. O exemplo (218) trata-se do uso do medicamento *Prompto Allivio de Radway* e foi considerado apagamento devido ao emprego, no mesmo anúncio, do uso do clítico com o mesmo verbo:

- (196) Com a aplicação do *Prompto Allivio cura-se* em pouco tempo qualquer das molestias mencionadas. (AN.8,III)

O exemplo (219) pode ser considerado também como um caso ambíguo, devido à presença do sintagma nominal “A irmã de *Madame Valle*”, pois se note que, além de estar no mesmo anúncio que o terceiro exemplo, assim como este também tem um sintagma topicalizado (Chapeos).

O terceiro exemplo está em estrutura coordenada e note-se que o primeiro verbo (com o clítico) está em concordância com o argumento (Leques), o que não acontece com o verbo *vender* sem o uso do clítico.

A ambigüidade estrutural e de sentido presente no primeiro e segundo exemplos também pode ser considerada como fator desencadeador de apagamento em outros contextos, como no terceiro exemplo.

No cômputo geral, foram encontrados os seguintes valores:

**Tabela 18:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado

<b>Tipo semântico de predicado</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Ação/Atividade	116	57,7	<b>05</b>	2,5	<b>121</b>
Estado	13	6,5	-	0	13
Posição	02	1,0	-	0	02
Processo	64	31,8	<b>01</b>	0,5	<b>65</b>
Total	195	97	6	3	201

Fonte: da autora

A partir destes valores, nota-se que os verbos de ação são favorecedores do apagamento do clítico, principalmente em contextos em que o traço das propriedades [+agentividade] e [+controle] é positivo. Nestes contextos, a macro-função CAUSA também está presente, seja para o *agente* indeterminado da voz passiva, ou o sujeito indeterminado da voz ativa.

A outra ocorrência deu-se com verbo considerado como de processo em que uma entidade muda de estado ou condição e recebe a macro-função OBJETO AFETADO:

- (197) Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição sem que fique defeituoso, nem **o passe pelo menor risco** de vida  
(GA.26,I)

Neste exemplo, o papel temático do sujeito é Experienciador e a propriedade de controle tem traço negativo [-controle]. Para este tipo semântico de verbo, de experiência psicológica, o sujeito não é considerado *agente* por não ter nenhum papel do desencadeamento do processo e experiência um novo estado, havendo, pois, mudança de estado, característica dos processos. Os traços categoriais são [-pessoa] [-número], uma vez que não há concordância entre verbo e argumento (oblíquo – complemento relativo).

#### 4.4.3.2.2 Abordagem sintática

No que se refere à classificação sintática do verbo, das 06 ocorrências de apagamento, 05 foram com verbo transitivo direto:

- (198) **Cura o** inflamação de garganta (AN.8,III)  
 (199) Modas, Chapeos|A irmã de *Madame Valle* tem sempre chapéus modernos  
 (...)|**Lava o, enforma o e enfeita o á moda** (JC. 26,III)  
 (200) Leques|Concertão-se com perfeição e **vende o a preços baratissimos**  
 (JC. 26,III)

Os verbos *lavar*, *enformar*, e *vender*, bem como o verbo *enfeitar*, não empregados no sentido pronominal, apresentam normalmente transitividade alta e selecionam, na voz ativa, dois argumentos, um externo com macro-função CAUSA e outro interno [-animado].

Confiram-se os números de ocorrências encontradas para os tipos sintáticos:

**Tabela 19:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado

Tipo sintático de predicado	Presença	%	Ausência	%	Total
Cópula	14	7,0	-	-	14
Pronominal	55	27,4	-	-	55
Simétrico	01	0,5	-	-	01
Alternância Causativa	01	0,5	-	-	01
Transitivo direto	105	52,1	<b>05</b>	2,5	110
Causativo	0	0	-	-	0
Tran. direto e indireto	07	3,5	-	-	07
Transitivo indireto	<b>04</b>	2,0	<b>01</b>	0,5	<b>05</b>
Intransitivo	08	4,0	-	-	08
Total	195	97,0	06	3,0	201

Fonte: da autora

Os verbos transitivos indiretos<sup>52</sup>, para os quais houve um caso de apagamento (cf. 197) (GA.26,I), apresentaram-se como um tipo sintático de verbo com, no total nas atas, de 03 ocorrências (1,2%) de presença de clítico e ocorrência total crescente ao longo do século nos anúncios, com um total de 05 ocorrências (2,5%). Confiram-se as 04 ocorrências com presença de clítico e verbo transitivo indireto:

- (201) **Precisa-se** de huma mulher para huma Senhora Ingleza (GA.12,I)  
 (202) **Precisa-se** de meninos (DN.1,II)  
 (203) **Precisa-se** de uma casa (JB.7,III)  
 (204) onde **se informa** acerca das condições (JC.2,III)

Um outro destaque deve ser dado aos verbos intransitivos, que não ocorreram nas atas e apresentaram um total de 08 ocorrências de presença de clítico nos anúncios, todas na Fase III (1871 – 1900). Destas ocorrências 04 foram de verbos transitivos indiretos empregados intransitivamente, confronte-se o exemplo (230) com os demais:

<sup>52</sup> Vale lembrar que estamos considerando que os verbos transitivos indiretos têm como argumento interno um complemento preposicionado que pode ser: um complemento circunstancial (como o do exemplo 197), um objeto indireto ou ainda um complemento relativo.

- |  |             |
|--|-------------|
| (205) onde <b>se informa</b> <u>acerca das condições</u> | (JC.2,III)  |
| (206) <b>informa-se</b> por favor, á rua Luiz de Camões  | (JC.15,III) |
| (207) <b>informa-se</b> por favor na rua Bragança        | (JC.17,III) |
| (208) <b>trata-se</b> na mesma rua do Araújo             | (JC.19,III) |
| (209) <b>Trata-se</b> na redacção                        | (OJ.1,III)  |

O aumento da freqüência de uso do *se* com verbos transitivos e conseqüente processo de reanálise, via enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal, está de acordo com o que se prevê no processo de gramaticalização, para o qual o uso freqüente leva ao enfraquecimento semântico e ao emprego do item em outros contextos com o novo valor semântico.

Os dados analisados têm confirmado que o apagamento ocorre com maior freqüência com clíticos cujos traços categoriais são [-pessoa]; [-número]; [Φ pessoa]; [Φ número] e referência indeterminada [+genérica]; [+arbitrária]; [+Eu], de acordo com o que propusemos na hipótese 1) e na hipótese 3). Ou seja, o apagamento se dá com maior freqüência para os clíticos caracterizados por perda de traços categoriais e alteração na referência, particularmente, o *indeterminador*. A não ocorrência de apagamento de clítico para os intransitivos não invalida nossa hipótese de que estes verbos, juntamente com os transitivos são os que mais favorecem o apagamento. Devemos considerar que os verbos intransitivos só começam a ser empregados com clítico *indeterminador*, no *corpus*, a partir das duas últimas décadas do século XIX. Ou seja, a freqüência de uso do clítico *indeterminador* para este tipo sintático de verbo ainda era muito baixa. Esta ocorrência tardia do uso do clítico para estes de verbo, parece estar de acordo com os resultados de Nunes (1991, p.45) que observou “uma expansão do emprego de *se indeterminador*”, dos não transitivos diretos para os transitivos indiretos e daí para os intransitivos.

#### 4.4.3.2.3 Posição do argumento [-animado] de verbos transitivos diretos ao longo do século XIX nos anúncios

Apesar de não ter sido um dos fatores selecionados como condicionantes do apagamento do clítico, a posição do argumento [-animado] de verbos transitivos diretos se mostrou variável ao longo deste período e de interesse para a hipótese de que o clítico, nos contextos de verbos transitivos diretos e concordância com argumento interno, poderia ser

considerado como *pseudo-apassivador*.

Vejam-se os valores encontrados em cada fase:

**Tabela 20** : Posição do argumento [-animado] de verbos de ação ao longo do século XIX.

Posição do argumento	Fase I	%	Fase II	%	Fase III	%	
Anteposto	05	26,3	01	10,0	04	6,7	
Posposto	11	<b>57,9</b>	02	20,0	38	<b>63,3</b>	
Topicalizado	03	15,8	07	<b>70,0</b>	18	30,0	
<b>Total</b>	<b>19</b>	100	<b>10</b>	100	<b>60</b>	100	<b>89</b>

Fonte: da autora

Vale lembrar que nem todos os verbos transitivos diretos eram de ação, pois alguns foram classificados como de processo (cf.210) e que não foram computadas as ocorrências dos argumentos modificados por cláusulas relativas introduzidas pelo pronome *que*:

(210) em todos os casos que **se sente** dor (AN.8,III)

(211) a imensa multidão de tintas **que** por ahi **se vendem** (DN.7,II)

O percentual de ocorrências de anteposição do argumento, aproximadamente 26% do total computado para Fase I, foi menor que o das ocorrências de topicalização do objeto, na Fase II, e suplantado pelo percentual de posposição do argumento interno na Fase III, respectivamente:

(212) A obra já anunciada(...) **vende-se** a 640 reis (GA.6,I)

(213) a LEGITIMA tinta extra-fina Monteiro. | **Vende-se** em todas as livrarias da corte  
(DN.7,II)

(214) **vende-se** todo o grande sortimento de roupas (DN.11,III)

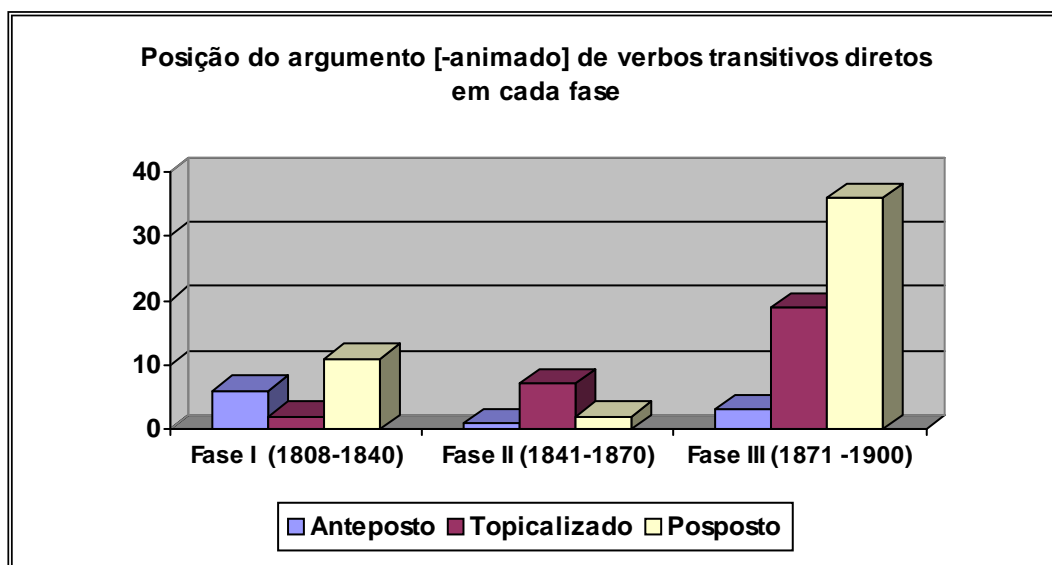
O aumento progressivo da topicalização e das ocorrências de posposição do argumento nos leva a considerá-los como consequências da reanálise do que seria o sujeito da passiva como objeto de voz ativa impessoal:

(215) Pannos para lustre, **compra-se** na rua Sete de Setembro, (JC.9,III)

(216) **Compra-se** moveis, louças e crystaes de casa de família (JC.25,III)



**Gráfico 4:** Posição do argumento [-animado] de verbos transitivos diretos



Fonte: da autora

Observe-se, no gráfico acima, que, no período de constituição de uma nova norma culta para o português do Brasil, certamente de maior pressão normativa, houve maior número de ocorrências de topicalização do argumento (objeto), período também que precede o maior número de posposição do argumento. Nos anúncios por nós analisados, das 18 ocorrências de não-concordância, 11 foram de argumento topicalizado e 05 pospostos. A topicalização do argumento nestes anúncios pode também ser vista como recurso (pragmático / discursivo) para atrair a atenção do leitor para o objeto anunciado, predominante em textos com função conativa.

#### 4.4.3.2.4 Variação na concordância

Analisamos a variação na concordância entre verbo e argumento interno plural em presença (60) e ausência de clítico (04). Nas 60 ocorrências de presença de clítico, 14 (23,3%) não exibiram concordância entre verbo e argumento. Nas ocorrências sem clítico, nenhuma exibiu concordância. No cômputo geral, foram 18 casos de não-concordância, perfazendo um total de 28,1%. Como se pode verificar na tabela a seguir:

**Tabela 21:** Variação na concordância verbo-argumento interno plural

<b>Concordância</b> com clítico	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b> com clítico	<b>%</b>	<b>Total</b>
46	<b>76,7</b>	14	<b>23,3</b>	60
<hr/>				
<b>Concordância</b> sem clítico	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b> sem clítico	<b>%</b>	<b>Total</b>
0	-	04	<b>100</b>	04
<hr/>				
<b>Concordância</b>		<b>Não-concordância</b>		<b>Total</b>
<b>46</b>	<b>71,9</b>	18	<b>28,1</b>	64

Fonte: da autora

A partir destes percentuais, percebe-se que todos os clíticos apagados foram das estruturas sem concordância entre verbo e argumento interno plural. Quando da análise dos tipos de clítico, veremos qual foi este tipo mais propenso ao apagamento.

O percentual de 28,1%, um dos mais baixos dentre os anúncios analisados de outros estados, para o mesmo período, (DUARTE, 2002, p.163), porém praticamente igual ao percentual para as cartas de leitores de vários estados (29%) (DUARTE e LOPES, 2002, p.161), está acima dos encontrados para editoriais e artigos de opinião (12%) (CAVALCANTE, 2002, p.208) e abaixo dos 55% para as cartas pessoais analisada por Nunes (1991, p.41). Esta comparação revela que os anúncios apresentam uma norma muito próxima das cartas de leitores de jornais da época, mas menos conservadora que os textos mais formais e mais próxima do vernáculo das cartas pessoais.

Diante destes valores, depreende-se que a concordância era favorecida. Assim sendo, apesar do aumento da posposição e das construções de tópico do argumento interno, o clítico será classificado como *apassivador*, para os casos de argumento plural com concordância (cf.217), para os casos sem concordância (cf. 218), o clítico será classificado como *indeterminador* (tipo 2):

(217) **se vendem folhinhas** para este anno de 1809 (GA.19,I)

(218) **deve-se exigir os dous** carimbos juntos. (JC.21,III)

O clítico será classificado como *pseudo-apassivador* para as ocorrências sem concordância explícita com argumento interno singular:

(219) **Aluga-se** um commodo mobiliado (JC.18,III)

## 4.4.3.2.5 Tipo de clítico

No que se refere ao tipo de clítico, das 06 ocorrências de apagamento, houve 01 para o clítico *pseudo-apassivador* e 05 para o *se-indeterminador* (tipo 2). A ocorrência para o *pseudo-apassivador* deu-se com verbo classificado como de ação, transitivo direto com argumento [-animado] posposto:

(220) **Cura**  $\emptyset$  inflamação de garganta (AN.8,III)

Das 05 ocorrências de *indeterminador* (tipo 2) 04 foram com verbo transitivo direto e argumento plural topicalizado e 01 com verbo classificado como transitivo indireto com complemento oblíquo, respectivamente:

(221) Modas, Chapeos|A irmã de *Madame Valle* tem sempre chapéus modernos  
(...)|**Lava**  $\emptyset$ , **enforma**  $\emptyset$  e **enfeita**  $\emptyset$  **á moda** (JC. 26,III)

(222) Leques|Concertão-se com perfeição e **vende**  $\emptyset$  **a preços baratíssimos**  
(JC. 26,III)

(223) Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a  
perfeição sem que fique defeituoso, nem  $\emptyset$  **passe pelo menor risco** de vida  
(GA.26,I)

Dentre as ocorrências de presença de clítico *apassivador* uma merece destaque:

(224) **acha-se** á venda|por| José da Silva Costa(...)|1 *volume* nitidamente impresso .  
(JB.5,III)

Este foi o único caso de verbo transitivo com argumento interno singular em que o clítico foi considerado como *apassivador* devido à presença do sintagma agentivo. Mas este caso isolado não chega a invalidar a hipótese de que o processo de reanálise de clítico *apassivador* como *indeterminador* estivesse em curso. Vejam-se abaixo os exemplos extraídos de um mesmo jornal da Fase III. Os exemplos revelam a variação no uso do clítico com verbos de mesma transitividade, bem como a variação da posição do argumento [-animado]:

- (225) **Paga-se** no New London and Brazilian Bank Limited os juros vencidos .  
(JC.3,III) (*se-indeterminador*(tipo 2) argumento posposto)
- (226) Ama de leite**Aluga-se** uma, de côr branca, na ladeira do Seminário  
(JC.4,III) (*pseudo-apassivador* com argumento topicalizado)
- (227) **Aluga-se** ou **vende-se**, por modico preço, o chalet (JC.5,III)  
(*pseudo-apassivador* com argumento posposto)
- (228) **Vendem-se** machinas de costura Singer (JC.7,III)  
(*apassivador* com argumento posposto)

Veja-se a tabela abaixo:

**Tabela 22:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico

<b>Tipo de clítico</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>
Recíproco	01	0,5	-	-
Reflexivo	0	0	-	-
Inerente	66	32,8	-	-
Pseudo-reflexivo	03	1,5	-	-
Médio	01	0,5	-	-
Apassivador	47	23,4	-	-
Pseudo-apassivador	52	25,9	<b>01</b>	0,5
Indeterminador (tipo2)	17	8,4	<b>05</b>	2,5
Indeterminador (tipo1)	08	4,0	-	-
<b>Total</b>	195	97	06	3,0

Fonte: da autora

Observe-se que o número de ocorrências de *apassivador* foi um pouco menor do que de *pseudo-apassivador*, mas muito próximo, o que pode significar um processo de reanálise em curso. A baixa ocorrência de clítico com este tipo de verbo deve-se, possivelmente, a pouca frequência de uso dos intransitivos no *corpus*.

O apagamento com verbos transitivos ocorreu em maioria com argumento interno plural, sem concordância explícita, nítida reinterpretação do clítico como *indeterminador*. Não houve ocorrência de apagamento com concordância entre verbo e argumento interno plural. Isto significa que realmente o *indeterminador* era o mais passível de apagamento e que o clítico, que classificamos como *pseudo-apassivador* (01 ocorrência), poderia estar em vias de reanálise de *apassivador* para *indeterminador*.

De qualquer sorte, os dados parecem confirmar nossa hipótese de que os clíticos *indeterminadores* seriam os mais propensos ao apagamento, seguido do *pseudo-apassivador*.

#### 4.4.3.2.6 Estratégia de esquiva

Embora muitos estudos que tomamos como base para nossa fundamentação teórica não incluam os pronomes indefinidos como estratégias de indeterminação do sujeito, e a definição dos limites do domínio da determinação, indefinição e indeterminação de nomes e pronomes seja ainda muito controversa e complexa, Lopes (2003, p.6), ao analisar a pronominalização de nominais, considerando a perda de referencialidade, nos dá um bom exemplo de um pronome indefinido (*homem*) com propriedades equivalentes de um *se-indeterminador*, segundo a autora, empregado para indeterminar o sujeito:

- (229) “... porque ão pode **homẽ** partir-se de sy mesmo, ca, en qualquer razõ que seja senhor da sua culpa ou peccado, a consciencia nũca se dele parte (**pronome indefinido, homẽ = alguém, -se**)”

E a própria autora (LOPES, 2003, p.7) admite que “não há como negar que artifícios sintático-discursivos determinam sobremaneira os graus de referência que um determinado item pode assumir”. Desta forma, em alguns contextos, pode-se admitir que um pronome indefinido tenha sua referenciabilidade diminuída, tornando-se genérico ou não-referencial como no exemplo encontrado no *corpus*:

- (230) **Ninguem** faça transacção com o bilhete inteiro de número 406.614(JC. 20, III)

A propriedade [+genérica] da referência pode ser mais bem percebida quando se substitui o pronome por *se* e acrescenta-se o advérbio de negação:

- (231) **Não se** faça transacção com o bilhete inteiro de número 406.614

Desta forma, além das 05 ocorrências de apagamento, houve uma estratégia de esquiva para o indeterminador (tipo 2).

#### 4.4.3.2.7 Graus de referência

O total da classificação dos graus de referência foi a seguinte:

**Tabela 23:** Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva

Grau de Referência	Oc.	%
determinada <sub>1</sub>	-	-
determinada <sub>2</sub>	-	-
indeterminada		
[+genérica]	<b>06</b>	-
[+arbitrária]	-	-
<b>Total</b>	06	100

Fonte: da autora

As 06 ocorrências de referência indeterminada [+genérica] correspondem aos apagamentos dos clíticos (01) *pseudo-apassivador* e (05) *indeterminador* (tipo 2).

Todas as 06 ocorrências para a referência indeterminada [+genérica] foram assim classificadas devido ao verbo estar na 3<sup>a</sup>. pessoa do singular sem referente expresso sintaticamente, principalmente no exemplo:

- (232) Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição sem que fique defeituoso, nem **o** **pass**e pelo menor risco de vida (GA.26,I)

A possibilidade de recuperar um antecedente para as demais ocorrências, devido à ambigüidade gerada por terem, no contexto, um sintagma nominal [+humano] ou com possibilidade de ter macro-função CAUSA, já foi discutida na seção *abordagem semântica*.

A outra ocorrência de referência indeterminada [+genérica] deve-se à estratégia de esquiva analisada na seção anterior.

A ocorrência da referência indeterminada [+genérica] para os casos de apagamento está de acordo com a hipótese 3, para a qual a maior supressão se dá nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora e/ou cuja referência seja indeterminada genérica ou arbitrária.

#### 4.4.3.3 Fatores que mais favoreceram o apagamento:

A **tabela 24** mostra os fatores que mais favoreceram o apagamento no *corpus* analisado.

**Tabela 24:** Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégia de esquiva

<b>Fatores</b>		<b>Oc.</b>	<b>%</b>
	Ação	05	2,5
<b>Tipo semântico de predicado</b>	Processo	01	0,5
<b>Tipo sintático de predicado</b>	Transitivo direto	05	2,5
	Transitivo indireto	01	0,5
<b>Tipo de clítico</b>	Indeterminador (tipo2)	05	2,5
	Pseudo-apassivador	01	0,5
<b>Grau de referência</b>	Indeterminada [+genérica]	07	100

Fonte: da autora

O maior número de ocorrências de apagamento deu-se em maioria para verbos transitivos diretos de ação com clítico reinterpretado como *indeterminador* (tipo 2), confirmando as hipóteses de que: i) o enfraquecimento do sentido passivo também concorre para o apagamento do clítico; ii) a hierarquia do apagamento, para a qual o apagamento é mais freqüente para o *se- indeterminador*, cuja referência é genérica ou arbitrária.

#### 4.4.4 Cartas de leitores de jornais cariocas

##### 4.4.4.1 Variação na realização do clítico

As cartas de leitores apresentaram um percentual (2,4%) de apagamento um pouco menor, mas muito próximo dos anúncios (3,0%). Em 82 predicções em que se previa o uso do clítico apenas 02 não o apresentaram, como pode ser visto na tabela abaixo:

**Tabela 25:** Variação presença / ausência do clítico em cartas de leitores de jornais cariocas

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
80	97,6	<b>02</b>	2,4	<b>82</b>

Fonte: da autora

Os percentuais de apagamento do clítico dos anúncios e das cartas de leitores de jornais do Rio de Janeiro podem indicar que as normas lingüísticas empregadas nestes documentos

estão mais próximas entre si do que em relação à das atas, pelo menos no que diz respeito a esse fato lingüístico.

#### 4.4.4.2 Fatores lingüísticos:

##### 4.4.4.2.1 Predicação verbal (abordagem semântica)

A abordagem semântica revelou, contudo, uma distinção entre as ocorrências de ausência de clítico. Nos anúncios o apagamento do clítico ocorreu em maioria para verbos de processo, ao passo que, nas cartas, as duas únicas ocorrências foram com verbos de processo (*lastimar* e *casar*), tipo semântico de predicado mais recorrente nas cartas, como se pode observar na tabela abaixo:

**Tabela 26:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo semântico de predicado

<b>Tipo semântico de predicado</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Ação/Atividade	22	26,8	-	-	22
Estado	08	9,8	-	-	08
Posição	02	2,4	-	-	02
Processo	48	58,5	<b>02</b>	2,4	<b>50</b>
<b>Total</b>	80	97,6	02	2,4	82

Fonte: da autora

Enquanto nos anúncios os verbos de ação representaram quase o dobro de ocorrências dos verbos de processo, nas cartas esta proporção se inverteu.

Além da elevada frequência dos verbos de processo, uma outra explicação, para o apagamento nestes contextos, reside no fato de que tais verbos (*lastimar* e *casar*) admitem sujeitos Experienciadores com certa participação ativa nos eventos, ou seja, [+agetivo] e [+controlado]. A combinação destas propriedades acarreta praticamente uma fusão de papéis temáticos, tornando o sujeito “agente” e “paciente”, o que pode tornar o clítico dispensável. O predador (*casar (-se)*) de uma das ocorrências de apagamento apresenta estas características.

##### 4.4.4.2.2 Abordagem sintática

A análise sintática dos predicadores de processo que apresentaram ausência do clítico os separa em *pronominal* e *simétrico*. O verbo pronominal *lastimar-se* foi empregado com argumento interno preposicionado:



(233) que **o lastime** | o Brasil da desgraça em que se acha (Carta 184.09, I)

Este uso, com objeto preposicionado e sem o clítico, parece derivar dos dois outros previstos pela norma padrão: i) com objeto direto (sem clítico, sendo o verbo transitivo direto) e ii) com objeto preposicionado e pronome (verbo pronominal). Estas variações de estruturas sintáticas são muito semelhantes às do verbo *esquecer(se)*, cujas propriedades sintáticas e semânticas (sujeito Experienciador, por exemplo) também são as mesmas de *lastimar(se)*.

O outro verbo de processo foi classificado, de acordo com Mateus (2003, p.309), como verbo simétrico, com uma única ocorrência nas cartas como se pode ver na tabela abaixo:

**Tabela 27:** Variação presença / ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado

Tipo sintático de predicado	Presença	%	Ausência	%	Total
Cópula	10	12,2	-	-	10
Pronominal	38	46,4	<b>01</b>	1,2	<b>39</b>
Simétrico	0	0	<b>01</b>	1,2	01
Alternância Causativa	02	2,4	-	-	02
Transitivo direto	23	28,1	-	-	23
Causativo	01	1,2	-	-	01
Tran. direto e indireto	02	2,4	-	-	02
Transitivo indireto	02	2,4	-	-	02
Intransitivo	02	2,4	-	-	02
Total	80	97,6	02	2,4	82

Fonte: da autora

Vale destacar que a frase em que o verbo de processo aparece é uma transcrição, por parte do autor da carta, de um artigo da Consolidação das leis civis :

(234) artigo de lei: “As | viúvas, que **o** casão de cincoente ou mais anos...”

(Carta 205.12, I)

O predicador *casar(se)*, quando não acompanhado do argumento interno preposicionado, tem o uso facultativo do clítico, equiparando-se a um verbo intransitivo.

É interessante notar que, quanto aos tipos sintáticos de predicado, as cartas apresentaram todos os tipos previstos. A abrangência de todos os tipos sintáticos de predicado pode estar relacionada ao gênero textual, que não exige fórmula para estrutura das orações, como nas atas, nem a prevalência de recursos persuasivos, como nos anúncios. Assim como para o simétrico, houve apenas uma ocorrência de causativo, este, contudo, não sofreu

apagamento do clítico:

(235) e **se manda** construir em lugares | apropriados moradias (Carta 211.45, III)

Os verbos transitivos diretos e indiretos, transitivos indiretos e intransitivos tiveram o mesmo número de ocorrência cada, mas seus percentuais, em relação ao total de ocorrências, foram menores do que nos anúncios. Isto pode indicar uma frequência ainda baixa de uso de clítico *indeterminador* para os utentes do PB da comunidade de fala representada pelos redatores das cartas.

#### 4.4.4.2.3 Variação na concordância

A variação na concordância entre o verbo e o argumento interno plural revelou um percentual de não-concordância um pouco maior que o apresentado pelos anúncios, confira-se a tabela abaixo:

**Tabela 28:** Variação na concordância verbo-argumento interno plural

<b>Concordância</b>	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
05	62,5	03	37,5	08

Fonte: da autora

Cabe observar que as 03 ocorrências de não-concordância são da Fase I (1808-1840), sendo uma da mesma correspondência em que houve o apagamento do verbo *lastimar(se)* e as outras duas de uma mesma carta, respectivamente:

(236) escrevinhava suas obras(...)isto se sabe pela nota do 3 o N.º | em que **se menciona** algumas (Carta 184.26, I)

(237) como ali **se usava, obreias** | verdes e amarellas, (Carta 190.04, I)

(238) a quem **se pode-** | **ria revelar algumas** recordações (Carta 190.28, I)

Outra observação importante é que das 05 ocorrências de concordância 02 foram empregadas por um mesmo leitor e as outras 03 por outro. Tendo em vista o reduzido número de estruturas de verbos transitivos diretos com argumento interno plural e estando estas

praticamente circunscritas às cartas de 04 leitores num total de 17, o percentual de não concordância não pode ser entendido como maior, em termos absolutos, ao encontrado nos anúncios. Isso nos leva a crer que estes dados podem não revelar de maneira precisa a variação na concordância para esta comunidade de fala, embora Duarte (2002, p.161) tenha encontrado o percentual de 40% para a não-concordância para as cartas e leitores e redatores de jornais cariocas para o mesmo período.

É importante mencionar que 04 dos 05 argumentos das ocorrências de concordância estavam pospostos ao verbo.

Diante destas observações, classificaremos os clíticos das ocorrências de não-concordância como *indeterminador* (tipo 2) (cf. 239) e os clíticos sem concordância explícita (cf. 240), classificaremos como *pseudo-apassivador*:

(239) a quem **se pode-** | **ria revelar algumas** recordações (Carta 190.28, I)

(240) Nem **se diga** que é cousa de pouca monta (Carta 190.16, I)

#### 4.4.4.2.4 Tipo de clítico

Os tipos de clítico apagados foram o inerente e o pseudo-reflexivo, muito provavelmente devido ao elevado número de ocorrência de verbo de processo e aos fatores já discutidos nas abordagens semântica e sintática:

(241) que **o lastime** | o Brasil da desgraça em que se acha (Carta 184.09, I)

(242) artigo de lei: “As | viúvas, que **o** casão de cincoente ou mais anos...”

(Carta 205.12, I)

Devido à abrangência de todos os tipos sintáticos de predicados, houve também ocorrência de praticamente todos os tipos de clítico, exceto para o reflexivo, como se pode ver na seguinte tabela:

**Tabela 29:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo de clítico

<b>Tipo de clítico</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Recíproco	01	1,2	-	-	01
Reflexivo	-	-	-	-	-
Inerente	44	53,7	<b>01</b>	1,2	<b>45</b>
Pseudo-reflexivo	05	6,1	<b>01</b>	1,2	06
Médio	02	2,4	-	-	02
Apassivador	05	6,1	-	-	05
Pseudo-apassivador	15	18,3	-	-	15
Indeterminador (tipo2)	06	7,3	-	-	06
Indeterminador (tipo1)	02	2,4	-	-	02
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>97,6</b>	<b>02</b>	<b>2,4</b>	<b>82</b>

Fonte: da autora

Note-se também que o número de ocorrências de *apassivador* e *indeterminador* (tipo 2) é equilibrado, o que pode significar um processo de reanálise ainda incipiente. Supomos que isto se deva ao registro um pouco mais formal do que dos anúncios e a um certo nível de escolaridade desta comunidade de fala em relação aos redatores das atas.

Tendo em vista o número reduzido para uso de clítico com verbo transitivo direto (28%, enquanto nos anúncios correspondeu a 52%) e transitivo indireto ou intransitivo (clítico indeterminador), inferimos que a reinterpretação do clítico *apassivador* em *indeterminador* pode estar aliada também à frequência de uso de clítico com verbos desta natureza sintática<sup>53</sup>

#### 4.4.4.2.5 Estratégia de esquiva

Como já mencionado, não fez parte do nosso intuito analisar estratégias de esquiva do uso dos clíticos indeterminadores, uma vez que é uma tarefa que demanda mais tempo, pois, além de outras formas de indeterminação (pronomes, formas verbais no infinitivo, por exemplo), dever-se-ia observar a relação entre verbos pronominais e perífrases com verbos leves<sup>54</sup>, para outros tipos de clítico. Mas duas (02) ocorrências sobressaíram nas análises e serão consideradas:

<sup>53</sup> Nunes (1991, p.45) observou que a “expansão do emprego de *se indeterminador*” começa nos transitivos indiretos e intransitivos. Também Naro (1968; 1976) menciona que o *se indeterminador* começou a difundir-se com verbos intransitivos no mesmo período em que surgem as construções sem concordância.

<sup>54</sup> Confira-se o trabalho de Machado Vieira (1998) sobre a relação entre perífrases com verbos leves e verbos pronominais.

(243) he lastima que escreva de modo | que **ninguém** o entenda (Carta 184.16, I)

Nesta estrutura o pronome indefinido tem propriedades de um *se-indeterminador*, com a referência [+genérica]. O emprego do pronome neste contexto deve-se, provavelmente, à restrição fonológica que impede ou limita a co-ocorrência do clítico *se* e de um clítico acusativo:

(244) \*he lastima que escreva de modo | que **não se o** entenda

Embora esta co-ocorrência tenha sido discutida e condenada por gramáticos no início do século XX, ela parece não ter sido rara como foi discutido no trabalho de Martins (2003, p.10) de onde retiramos o seguinte exemplo deste tipo de estrutura:

(245) Parece um rio quando **se o vê** escorrer mansamente (Português brasileiro da 1ª metade do século XX. Silveira 1924: 53)

O pronome indefinido *ninguém* empregado no contexto da Carta 184 poderia ser considerado estratégia de esquiva de um clítico: *apassivador*, *pseudo-indeterminador* ou *indeterminador*. Mas considerá-lo “substituto” de um *apassivador* não seria muito adequado, note-se que o falante dispunha de um outro tipo de estrutura que favoreceria o sentido passivo, mas da qual não lançou mão:

(246) he lastima que escreva de modo | que **(ele) não seja entendido**

O que se verifica é que ao empregar *ninguém*, o falante privilegia o sentido impessoal, indeterminando o sujeito e podendo fazer referência a todas as pessoas do discurso.

Uma outra estrutura de estratégia de esquiva (causativo *mandar* com infinitivo) muito recorrente nas atas dos brasileiros foi encontrada também nas cartas:

(247) se manda **construir** em lugares | apropriados moradias (Carta 211.45, III)

O verbo no infinitivo poderia ser substituído por uma oração subordinada substantiva objetiva direta com verbo flexionado e clítico *se-apassivador* ou verbo na terceira pessoa do singular e clítico *se-indeterminador*, como expomos abaixo:

(248) se manda **que se construam** em lugares | apropriados moradias

(249) se manda **que se construa** em lugares | apropriados moradias

Fica uma dúvida: seria uma estratégia de esquiva de *apassivador*? Muito provavelmente não, pois a forma verbal de infinitivo sem referente expresso, segundo Cegalla (1995, p.296-7) pode ser empregada quando se deseja indeterminar o sujeito, visto que não se pode determinar o agente da ação, o que nos leva a inferir que o falante, ao empregar tal forma verbal, deseja ressaltar o sentido impessoal em detrimento do sentido passivo. Inferência à parte, está patente que esta estratégia de esquiva apresenta referência [+arbitrária], uma vez pode incluir as três pessoas do discurso.

#### 4.4.4.2.6 Graus de referência

Notamos que para os clíticos indeterminadores (tipo 1 e 2 ) não houve apagamento, mas ocorreram duas estratégias de indeterminação uma com emprego de pronome indefinido e outra com verbo no infinitivo sem referente expresso com referência [+genérica] e [+arbitrária]. É coerente supor que falantes com um certo nível de escolaridade dêem preferência a estratégias de esquiva com recursos previstos na norma padrão mais do que falantes com pouca ou nenhuma escolaridade. Assim esperamos, ao ampliar o *corpus*, com um maior número de cartas pessoais ou de leitores, em estudo futuro, verificar a relação apagamento/estratégias de esquiva.

Os valores abaixo não contrariam nossa expectativa de que a maior supressão de clítico se dê, principalmente, nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora ou para estratégias de esquiva com referência [+genérica] ou [+arbitrária].

**Tabela 30:** Grau de referência dos argumentos representados pelos clíticos que foram apagados ou dos elementos envolvidos nas estratégias de esquiva

<b>Grau de Referência</b>	<b>Oc.</b>	<b>%</b>
<b>determinada<sub>1</sub></b>	-	-
<b>determinada<sub>2</sub></b>	02	50
<b>indeterminada</b>		
[+genérica]	01	25
[+arbitrária]	01	25
Total	04	100

Fonte: da autora

#### 4.4.4.3 Fatores que mais favoreceram o apagamento:

As cartas de leitores de jornais revelaram uma elevada frequência de uso de clítico com verbos de processo, o que pode ter favorecido o apagamento de clíticos pronominais e simétricos em detrimento do *pseudo-apassivador* e do *indeterminador*. Além disso, também podem ter contribuído para o apagamento dos clíticos (*inerente* e *simétrico*) as propriedades sintático-semânticas dos verbos de processo (papel temático Experienciador com certa participação ativa nos eventos, sujeito [+agentivo] e [+controlado]) das predicções em que os casos de apagamento ocorreram.

Quando da análise sintática observamos que o verbo *lastimar* apresenta variante sem o pronome, mas com argumento interno não preposicionado, com o mesmo sentido da estrutura com o pronome, o que pode ter favorecido a construção da variante inovadora, não prevista pela gramática normativa sem o clítico.

(250) que **o lastime** | o Brasil da desgraça em que se acha (Carta 184.09, I)

O verbo *casar(-se)* (simétrico) também apresenta variante sem clítico, prevista pela gramática normativa, o que significa uso facultativo.

As estratégias de esquiva consideradas privilegiaram o sentido impessoal das estruturas em detrimento do sentido passivo e foram empregadas formas verbais e pronominais que favorecem a interpretação de referência [+genérica] e [+arbitrária] para um agente indeterminado.

**Tabela 31:** Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva

Fatores		Oc	%
<b>Tipo semântico de predicado</b>	Processo	02	2,4
<b>Tipo sintático de predicado</b>	Pronominal	01	1,2
	Simétrico	01	1,2
	Inerente	01	1,2
<b>Tipo de clítico</b>	Pseudo-reflexivo	01	1,2
	determinada <sub>2</sub>	02	50
<b>Grau de referência</b>	indeterminada [+genérica]	01	25
	[+arbitrária]	01	25

Fonte: da autora

Note-se que os valores apresentam-se bastante equilibrados não havendo predomínio nem das estratégias nem do apagamento de um tipo específico de clítico como se verificou nos outros gêneros textuais.

#### 4.4.5 Cartas de leitores de jornais da Bahia

##### 4.4.5.1 variação na realização do clítico

Não foi encontrada nenhuma ocorrência de apagamento de clítico de forma reflexiva nas 10 cartas de leitores de jornais da Bahia analisadas. Como se pode ver na tabela abaixo:

**Tabela 32:** Variação presença / ausência do clítico

<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
32	100	-	-	<b>32</b>

Fonte: da autora

Devemos lembrar que nem todas as cartas de leitores da Bahia editadas foram selecionadas, excluimos as assinadas por pessoas com títulos de nobreza ou outros, militares de alta patente, pessoas de grande vulto na história e as cartas que versavam sobre assuntos que não fossem do cotidiano comum. Desta forma, ficou de fora do cômputo uma carta em que ocorre apagamento em estrutura coordenada:

- (251) que **se não precisa** | **ter** grande agudeza de espirito para ati- | nar logo que a inveja, o despeito e a falta | de resignação pela collocação inferior na | escala social foram os motivos determi- | nantes da descommunal aggressão; e | **que tambem não o precisa** grande atila- | mento para conhecer o auctor d'ella!  
(Carta 57,III)

Esta carta de leitor de Canavieiras versa sobre a “desabrida diatribe contra o distincto, o muito distincto, coronel Augusto Luiz de Carvalho”, além disso, o autor revela conhecimento de Latim e se assina como “Pagem do Pederneiras”.

Mas a ausência de dado de apagamento está de acordo com os outros fatores analisados, como se verá, principalmente no que diz respeito à variação na concordância.



#### 4.4.5.2 Fatores lingüísticos:

##### 4.4.5.2.1 Predicação verbal (abordagem semântica)

Assim como para as cartas de leitores do Rio de Janeiro, também houve maior ocorrência de clítico com verbo de processo, praticamente o dobro de ocorrências de verbo de ação, como se pode constatar na tabela abaixo:

**Tabela 33:** Presença do clítico em relação ao tipo semântico de predicado

<b>Tipo semântico de predicado</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>
Ação/Atividade	<b>11</b>	34,4
Estado	1	3,1
Posição	-	-
Processo	<b>20</b>	<b>62,5</b>
Total	32	100

Fonte: da autora

Das 11 ocorrências com verbos de ação 06 encontram-se na Fase III. De maneira não sistemática, observamos que os verbos de ação são, proporcionalmente ao total de cada fase, mais recorrentes no decorrer do século, prevalecendo na Fase III.

##### 4.4.5.2.2 Abordagem sintática

Como era de esperar, o percentual de verbos pronominais também foi elevado. Confira-se:

**Tabela 34:** Variação presença/ausência do clítico em relação ao tipo sintático de predicado

<b>Tipo sintático de predicado</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>
Cópula	01	3,1
Pronominal	<b>19</b>	<b>59,4</b>
Simétrico	-	-
Alternância Causativa	01	3,1
Transitivo direto	11	34,4
Causativo	-	-
Tran. direto e indireto	-	-
Transitivo indireto	-	-
Intransitivo	-	-
Total	32	100

Fonte: da autora

Observe-se que não foi encontrada uma ocorrência com verbos transitivo indireto ou intransitivo.

#### 4.4.5.2.3 Variação na concordância

Este fator está relacionado à interpretação que o falante faz do sujeito sintático e da referência do agente, se determinada ou indeterminada, ou seja, relaciona-se com a reanálise do clítico *apassivador*, processo que antecede o apagamento, tendo em vista os dados já analisados e os estudos que revelaram (NUNES, 1991 e 1995) ser o *indeterminador* o clítico mais propenso ao apagamento.

Ao contrário das atas, a concordância foi absoluta nas cartas da Bahia.

**Tabela 35:** Variação na concordância verbo-argumento interno plural

<b>Concordância</b>	<b>%</b>	<b>Não-concordância</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
03	100	-	-	<b>03</b>

Fonte: da autora

Encontramos apenas três estruturas com argumento interno plural, o que pode não indicar o percentual exato para a concordância, mas seguramente é inferior ao das cartas do Rio de Janeiro. Duarte e Lopes (2002) ao analisarem cartas de leitores e redatores de jornais de diversos estados brasileiros encontraram o percentual de 13% de não concordância, para o estado da Bahia, sendo este o menor percentual dentre todos os estados analisados e 40% para o estado do Rio de Janeiro.

Como já mencionado, nem todas as cartas da Bahia foram selecionadas e entre uma das excluídas pode-se verificar uma ocorrência de não concordância:

(252) uma família illustre, em cujo seio **se | conta as centenas de membros**.

Tenente José Candido Rodrigues (carta 45, III)

Note-se que a ausência de dados de apagamento de clítico para este conjunto de cartas analisadas está equilibrada com a ausência de não concordância, o que mostra a coerência das análises, uma vez que, segundo Galves (1993, p.403) “o desaparecimento do *se indeterminador*, cuja função é detematizar a posição sujeito, está em estreita relação com a concordância.”

#### 4.4.6 Análise comparativa

Diante das análises feitas, nota-se que o *corpus* está constituído por pelo menos duas comunidades de fala distintas, a saber: i) africanos e afro-descendentes (brasileiros) com pouca ou nenhuma escolaridade, pelo que se supõe e ii) anunciantes e leitores de jornais de dois estados que foram sede da colônia e centros difusores de cultura. Além disso, os gêneros textuais distintos apresentam particularidades que não permitem que determinados fenômenos sejam analisados da maneira igual, por exemplo, a posição do argumento interno, pertinente apenas aos anúncios.

Antes de iniciarmos a análise comparativa entre os documentos representativos das comunidades de fala, faremos duas breves comparações quanto à variação na concordância e apagamento do clítico:

- a) entre cada conjunto de documentos analisados;
- b) entre as cartas de leitores.

A primeira comparação mostra a relação estreita entre variação na concordância (fator lingüístico) e apagamento do clítico e entre apagamento e nível de escolaridade (fator extralingüístico). A segunda revela a importância da sócio-história para a análise e caracterização da realidade lingüística brasileira.

##### 4.4.6.1 Variação da concordância e apagamento do clítico por conjunto de documentos analisados

Separando e comparando o *corpus* por conjunto de documentos, notamos que houve uma gradação no que diz respeito ao apagamento do clítico e variação na concordância. Em escala decrescente, a relação entre o apagamento de clítico e a variação na concordância apresenta os seguintes valores: as atas de africanos apresentaram maior percentual de apagamento de clítico (17,7%) e de não-concordância (100%); seguidas pelas atas de brasileiros (13,9%) para apagamento e (82,1%) para não-concordância; pelos anúncios (3,0%) para apagamento e (28,1%) para não-concordância; pelas cartas de leitores do Rio de Janeiro (2,4%) para apagamento e (37,5%) não-concordância. As cartas de leitores da Bahia não apresentaram nenhuma ocorrência de apagamento nem variação na concordância. Estes dados

revelam que quanto menos afeito à norma padrão, portanto, mais próximo da norma popular ou menos próximo da norma padrão (como nos anúncios) estiver o falante, maior será a probabilidade de ocorrer apagamento do clítico. Acreditamos, contudo, que o nível de escolaridade tenha sido fator relevante pelo menos até o início do século XX, devido ao pouco acesso da população<sup>55</sup> à escolarização. Aliando esses resultados com os encontrados por Nunes (1995) Cavalcante (2001), depreende-se que o fenômeno do apagamento destes clíticos deve ter-se introduzido nos registros mais formais e na fala dos mais “cultos” via contato lingüístico entre as diferentes normas, num fluxo ascendente dos menos aos mais escolarizados, ou, como quer a Sociolingüística, numa mudança “de baixo para cima”, como se pode inferir do que diz aqueles autores:

A escolaridade se revela como um fator de grande importância (...) **A fronteira mais significativa se encontra entre os falantes com 2º e 3º graus (25%). O fato de os falantes com 2º grau exibirem uma diferença de apenas 8% de supressão em relação aos falantes com 1º grau (ambos os grupos com uma média superior a 50%) sugere uma emergente neutralização entre os níveis de escolaridade quanto à adoção das estruturas inovadoras.** (NUNES, 1995, p.212) [grifo nosso]

Cavalcante (2001, p.242) nos informa que a tendência ao uso de formas finitas sem *se*, como estratégias de indeterminação, independe da escolaridade dos informantes. É importante dizer que os dados analisados por Nunes (1995) são de décadas anteriores aos analisados por Cavalcante e que esta autora comparou a fala de informantes com 1º grau e de informantes do NURC/RJ-90.

#### 4.4.6.2 Variação da concordância e apagamento do clítico nas cartas de leitores

As cartas de leitores de jornais da Bahia analisadas apresentaram 100% de concordância entre verbo e argumento interno plural nas construções com *se* e nenhuma ocorrência de apagamento, revelando o perfil lingüístico conservador dos leitores dos jornais da época. Curiosamente, quanto a este fato lingüístico, os leitores de jornais cariocas revelaram-se menos conservadores no que diz respeito à norma padrão da época, apresentando 37,5% de não concordância.

---

<sup>55</sup> Em Mattos e Silva (2004, p.40) encontra-se um rápido perfil dessa realidade.

Apesar de estes dois estados compartilharem o fato histórico de suas capitais terem sido sede da colônia e de terem recebido grande fluxo de negros africanos, outros acontecimentos ao longo do século XIX podem estar na base dessa distinção lingüística.

Enquanto a ex-sede da colônia pouco se desenvolveu<sup>56</sup>, até, pelo menos, o final do século XIX, a nova sede do império<sup>57</sup> (Rio de Janeiro) vivenciou no referido século um repentino e intenso processo de urbanização e industrialização e recebeu grande fluxo de imigrantes portugueses (inicialmente) e de outras partes da Europa (posteriormente). Este novo panorama político teve como conseqüência alterações também no plano sócio-econômico e estes últimos influenciaram sobremaneira o perfil demográfico do estado, que passa a ser pólo atrativo de contingentes populacionais das mais diferentes regiões e estratos sociais do país. Esse grande afluxo propiciou a interação entre os segmentos sociais e regionais e, conseqüentemente, entre suas normas lingüísticas. Essa interação favoreceu a infiltração de alguns fatos lingüísticos comuns às normas populares nas comunidades lingüísticas mais próximas do padrão normativo da época<sup>58</sup>.

Além disso, parece que a segregação racial e social se mostrava mais visível na ex-sede da colônia do que na capital do império:

Tendo em vista a tradição [do Rio de Janeiro] de emprego de negros escravos e livres nas oficinas artesanais e manufaturas, assim como o menor peso da imigração [em relação a São Paulo], o trabalhador negro teve aí oportunidades relativamente maiores. Por exemplo, eram negros cerca de 30% dos trabalhadores fabris cariocas em 1891. (FAUSTO, 2006, p.220)

Referência ilustrativa desse fato temos em Verger (2002, p.321), no relato de James Prior, oficial da Royal Navy que, de passagem pela Bahia, em 1813, deixa entrever como a segregação racial e social manifestava-se até mesmo na geografia da cidade:

São Salvador... [Bahia]..., antigamente a capital do Brasil, estende-se por um comprimento de aproximadamente duas milhas, não somente no cume de uma colina, mas ao longo da praia embaixo. A altura da primeira por cima da segunda é entre duzentos e trezentos pés (...) e assim ligam o que poderia ser chamado a alta e a baixa cidade. O cume do talude é a única região elegante: carruagens, bonitas casas, pessoas joviais, bonitas igrejas (...) A praia ou cidade baixa é o depósito do comércio e da sujeita (...) Na primeira vemos pessoas alegres e bem vestidas gozando de bom ar e de boa saúde; na última, os homens de negócio estão misturados com os *negros* [grifo nosso], *seminus*, arrastando fardos e tonéis (...)

<sup>56</sup> Segundo Fausto (2006, p.237) em 1890 o Rio de Janeiro constituía o único grande centro urbano.

<sup>57</sup> Como é consabido, a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Rio de Janeiro deu-se em 1808.

<sup>58</sup> Para maiores e melhores esclarecimentos sobre urbanização/industrialização e contato lingüístico entre normas polarizadas no PB, confira Lucchesi, 2001.

Passaremos agora a uma análise comparativa entre as comunidades de fala no que diz respeito à variação presença/ausência do clítico e aos fatores condicionantes lingüísticos e extralingüísticos e, quando se fizer necessário, entre os gêneros textuais, recorrendo à abordagem funcional e considerando a perspectiva sócio-histórica, a fim de verificarmos e estabelecermos a relação entre fato histórico e fato lingüístico.

#### 4.4.6.3 Variação presença/ausência do clítico

Ao analisarmos e compararmos a variação presença/ausência do clítico e os fatores lingüísticos condicionantes nestas comunidades de fala, encontramos os seguintes valores:

**Tabela 36:** Variação presença / ausência do clítico nos conjuntos de documentos representativos de comunidades de fala.

<b>Comunidade de fala</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Atas (africanos e afro-descendentes)	223	85,1	<b>39</b>	<b>14,9</b>	262
Anúncios e Cartas (anunciantes e leitores de jornais)	307	97,5	<b>08</b>	<b>2,5</b>	315
<b>Total</b>	530	91,9	<b>47</b>	8,1	577

Fonte: da autora

É interessante observar que, apesar do registro, que se supõe formal (para o gênero textual *ata*), utilizado pela comunidade dos africanos e afro-descendentes, essa comunidade apresentou um maior percentual para o apagamento dos clíticos em relação a registros menos formais, como os anúncios. Isto nos leva a pensar na importância de considerar não somente o gênero e o nível do registro do documento, mas também o nível de escolaridade e de aquisição da língua por parte dos falantes, quando da análise de determinados fatos lingüísticos.

#### 4.4.6.4 Fatores lingüísticos

Alguns fatores lingüísticos se mostraram bastante favorecedores do apagamento dos clíticos. Como visto nas seções sobre fundamentação teórica e metodologia, para o estudo dos clíticos de forma reflexiva e seguindo a base teórica de gramática funcional proposta por Dik

(1985 *apud* NEVES, 1997), a análise do predicado, tanto no nível sintático quanto semântico, é a base para análise de todas as expressões lingüísticas.

Os predicados transitivos foram mais favorecedores do apagamento, no nível sintático. Estes tipos de predicado normalmente apresentam dois argumentos e a estrutura argumental está relacionada à organização do fluxo da informação que, seguindo uma ordem natural<sup>59</sup>, parte sempre do papel de *agente* para o papel de *objeto afetado*. Dessa forma, o apagamento do clítico em uma estrutura transitiva de verbo de ação propicia, a depender do contexto, a interpretação de um sujeito / agente.

Como se pode verificar na tabela abaixo, estes foram os fatores que mais favoreceram o apagamento dos clíticos: *verbo transitivo, de ação e referência indeterminada*, conseqüentemente o *tipo de clítico* também foi o *indeterminador* (tipo 2).

**Tabela 37:** Fatores condicionantes ao apagamento e às estratégias de esquiva

Fatores	Atas	Oc.	%	Anúncios e Cartas	
				Oc.	%
<b>Tipo sintático de predicado</b>	Transitivo direto	<b>28</b>	10,7	<b>05</b>	1,6
<b>Tipo semântico de predicado</b>	Ação	<b>33</b>	12,6	<b>05</b>	1,6
<b>Tipo de clítico</b>	Indeterminador (tipo2)	<b>31</b>	11,8	<b>05</b>	1,6
<b>Grau de referência</b>	Indeterminada				
	[+genérica]	<b>33</b>	42,9	<b>09</b>	81,8
	[+arbitrária]	<b>39</b>	50,6		

Fonte: da autora

#### 4.4.6.5 Fatores extra-lingüísticos

Observou-se que, na comunidade de fala dos negros e afro-descendentes que redigiram o conjunto de atas analisadas, o apagamento dos clíticos apresentou como fator extralingüístico favorecedor o papel social desempenhado pelos redatores (ofícios manuais que não dependiam de qualificação, a exemplo de vendedor de toucinho e negro de ganho) e, certamente, este fator está relacionado à habilidade de uso do padrão normativo da língua

<sup>59</sup> Neves (1997, p. 26)

portuguesa, bem como seu nível de aquisição. Já as estratégias de esquiva foram mais utilizadas pelos redatores que desempenhavam ofícios que requeriam certa qualificação, a exemplo de pedreiro e marceneiro<sup>60</sup>.

Entre os leitores de jornais (Cartas) e redatores de Anúncios, o período de tempo foi o fator condicionante para a ocorrência de apagamentos, estratégias de esquiva.

#### 4.4.6.6 Fator tempo

O apagamento dos clíticos, bem como ocorrência de estratégias de esquiva não foram favorecidos pelo fator tempo nas atas. Dessa forma, excluímos este conjunto de documentos da análise do fator tempo.

Observamos que, nos anúncios e cartas, a Fase II não revelou nem apagamento nem estratégias de esquiva, confirmando os estudos de Pagotto (1998) sobre o período de constituição da norma lingüística no Brasil e, principalmente, de maior pressão normativa, além da possível correlação com a estabilização do império (de 1840 até 1870<sup>61</sup>), momento sem grandes crises políticas e sociais. Duarte e Lopes (2002, p.161), embora não tenham analisado o apagamento dos clíticos, observaram que a Fase II (1840-1870) foi a que menos favoreceu a não-concordância nas construções com *se*, em relação às fases extremas.

Na tabela abaixo, podemos observar que não houve uma única ocorrência de apagamento ou estratégia de esquiva na Fase II, nem mesmo as ocorrências de apagamento e variação da concordância das cartas da Bahia, que não foram computadas, apresentaram-se na Fase III.

**Tabela 38:** Ocorrência de apagamento e estratégias de esquiva por fase em Anúncios e Cartas

<b>Fenômeno observado</b>	<b>Fase I</b>	<b>Fase II</b>	<b>Fase III</b>	
Apagamento	03	0	05	
Estratégia de esquiva	01	0	02	
<b>Total</b>	<b>04</b>	<b>0</b>	<b>07</b>	<b>11</b>

Fonte: da autora

Mais uma vez, os fatos históricos parecem se relacionar aos fatos lingüísticos.

<sup>60</sup> O critério de classificação ofício qualificado/não-qualificado foi estabelecido por Oliveira (1988 *apud* Oliveira, 2006, p.213)

<sup>61</sup> Segundo Fausto (2006, p.217), a partir de 1870, “começam (sic) a surgir uma série de sintomas de crise do Segundo Reinado”. Vale esclarecer que se trata de crises políticas e sociais.



#### 4.4.6.7 Gênero textual

Observamos, para este *corpus*, em que o nível de escolaridade não se mostrou fator relevante, que o gênero textual teve certa influência. Como se pode observar na tabela abaixo, considerando Anúncios e Cartas de jornais, os anúncios apresentaram um número de ocorrência de apagamento um pouco maior que as cartas. A pouca diferença em favor dos anúncios pode ser explicada pela própria função conativa ou apelativa do gênero. Neste gênero, o propósito comunicativo do falante é exercer alguma influência na atitude do destinatário. Nota-se, pois, que, para este gênero, as expressões lingüísticas são produtos da intenção do falante e medeiam o processo interacional, traço mais característico desse gênero que de cartas de leitores de jornais.

Assim, observa-se que o nível comunicativo ou pragmático também se mostrou importante para a análise, como, aliás, seria de esperar, uma vez que a língua é instrumento da interação verbal e, por conseguinte, passível de mudança devido às pressões e necessidades comunicativas do processo interacional.

Além disso, devemos lembrar que a topicalização do objeto foi relevante para a análise deste gênero textual e para a distinção entre o clítico *apassivador* e *pseudo-apassivador*.

**Tabela 39:** Ocorrência de apagamento por gênero textual.

<b>Gênero textual</b>	<b>Presença</b>	<b>%</b>	<b>Ausência</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Atas	223	85,1	<b>39</b>	<b>14,9</b>	262
Anúncios	195	97,0	<b>06</b>	<b>3,0</b>	201
<b>Cartas</b>	112	98,2	<b>02</b>	<b>1,8</b>	114

Fonte: da autora

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Os resultados mostraram que os níveis semântico e discursivo são importantes para a classificação do tipo de clítico e também para a análise do apagamento, uma vez que:

- a) a propriedade semântico-discursiva (referência), principalmente quando retoma um agente indeterminado ou elemento caracterizável pela macro-função Causa, mostrou-se relevante nas ocorrências de apagamento ou estratégias de esquiva. Quanto mais abrangente a referência (genérica ou arbitrária) mais favorece o apagamento do clítico, o que confirma uma de nossas hipóteses.
- b) o contexto discursivo se mostrou relevante para o apagamento do clítico quando:
  - i) o sujeito/agente está indeterminado e não pode ser recuperado textualmente;
  - ii) o sujeito (paciente ou experienciador) está expresso por morfologia verbal forte (-mos, por exemplo);
  - iii) o sujeito/agente está expresso lexicalmente

2. O apagamento do clítico pode ser caracterizado como um estágio de processo de gramaticalização, uma vez que:

- a) a referência, relacionada ao nível semântico e discursivo, se revelou um dos fatores relevantes para o apagamento. Se considerarmos que uma das condições para que um item se gramaticalize é que sua carga semântica seja abrangente, notamos que a referência, cujos traços são [+genérica] ou [+arbitrária], ou seja, referência ampliada é a que mais favorece o apagamento e estratégias de esquiva.
- b) a tipologia dos clíticos proposta, sob uma perspectiva diacrônica, revela que os clíticos mais gramaticalizados, ou seja, aqueles que perderam traços e/ou propriedades sintático-semânticas inerentes à forma-fonte (reflexivo-recíproco), são os que mais favorecem o apagamento, em particular, o *indeterminador*.

### 3. Confirmaram-se as seguintes hipóteses:

2.1. O apagamento do clítico é motivado por diminuição e/ou perda de traços ou propriedades sintáticas e semânticas, em particular de pessoa e número, e mudança progressiva da referência dos clíticos, latentes na base da hierarquia do apagamento.

Os dados revelaram que os clíticos cujos traços são [-pessoa], [-número] e sofreram alteração na referência ao sujeito/agente, *pseudo-apassivador* e *indeterminador*, foram os que mais sofreram apagamento ou foram substituídos por estratégias que incluem expressões ou construções sintáticas para indeterminar o sujeito/agente.

3.2. O enfraquecimento do sentido passivo e aumento do sentido impessoal nas construções em que o *se* acompanha verbo transitivo direto e a conseqüente reinterpretação das passivas como voz ativa impessoal representa uma das etapas do processo que leva ao apagamento do clítico *se*.

Este estudo teve como uma de suas maiores limitações o *corpus* pouco extenso, que não permitiu um número mais expressivo de ocorrências do fenômeno em questão. Contudo, os dados revelaram estreita relação entre a não-concordância em construções com *se* e apagamento do *se-indeterminador*. À medida que o *se apassivador* perde sentido passivo, pode haver um estágio intermediário, em que surge o *pseudo-apassivador*, como se pôde ver nos anúncios, com conseqüente aumento do sentido impessoal e a progressiva freqüência de uso do clítico neste contexto, o que leva ao apagamento do *indeterminador*.

3.3. A maior supressão e/ou ocorrência de estratégias de esquiva se deram nos contextos em que o clítico desempenha função indeterminadora, ou cuja referência seja indeterminada genérica ou arbitrária. Houve, portanto, confirmação da hierarquia proposta para a manifestação de apagamento que, em ordem decrescente, é a seguinte:

*função indeterminadora - função passiva - função reflexiva - função recíproca.*

Os contextos em que se espera o uso do clítico com referência [+genérica] ou [+arbitrária] e os clíticos cuja função seria indeterminar o sujeito/agente foram os que mais favoreceram o uso de estratégias de esquiva.

4. No que diz respeito à não ocorrência de apagamento de *se-indeterminador* (tipo 1), para a tipologia proposta, nos dados analisados, apresentamos algumas explicações plausíveis:

- i) a pouca frequência de uso de clíticos junto a verbos intransitivos ou empregados intransitivamente, sendo o emprego em diferentes contextos um processo que se manifestou em diferentes sincronias, como se pôde observar nos estudos de Vitral (2006) e Nunes (1991). Segundo este último autor, o emprego do clítico *se-indeterminador* ocorreu, ao longo dos séculos, de forma gradativa em diferentes tipos de verbo, sendo que para os verbos intransitivos a larga ocorrência foi posterior ao uso do clítico com verbo transitivo. Desta forma, percebemos que a ocorrência de clíticos com verbos desta transitividade é mais recente que com os demais tipos de verbo e, muito provavelmente, esta etapa do processo de gramaticalização, no período analisado, ainda estava em curso, como se verificou nos dados analisados.
- ii) seguindo este processo, o emprego mais recorrente de *se-indeterminador* (tipo 1) com verbos intransitivos deu-se em período em que o uso das formas pronominais de indeterminação<sup>62</sup>, como *a gente* e *você*, passam a ser mais frequentemente a ser empregadas como recursos de indeterminação, o que, segundo Cavalcante (2002, p. 205) e Duarte (2003, p.124-125), só se manifesta de forma mais expressiva a partir da segunda metade do século XX. Segundo esta última autora, mesmo período em que a mudança no parâmetro de sujeito nulo aumentou o preenchimento do sujeito, tanto de referência definida quanto indefinida, o que fez com que estas formas pronominais comesçassem a competir com o *se-indeterminador* (tipos 2 e 1). E, como visto em Vitral (2006, p. 130), o processo de gramaticalização tem natureza cíclica, desta forma, segundo o autor, “no momento do ocaso de um ciclo de gramaticalização, novas formas são ‘cooptadas’ para dar início a um novo ciclo”, como se verificou outrora com a forma *homem* (LOPES, 2003), que concorreu com o *se* para indeterminar<sup>63</sup>, o que nos leva a crer que “nada há, pois, novo debaixo do Sol”.

---

<sup>62</sup> Esta suposição carece de um estudo diacrônico que inclua um período mais recente da história do PB.

<sup>63</sup> Segundo Lopes (2003) a forma *homem* concorreu com o *se* para indeterminar sujeito / agente até finais do século XVI, quando outras formas nominais (como *Vossa Mercê* e *a gente*) iniciam processo semelhante de gramaticalização e coocorrência com *se indeterminador*.

## REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. Transitividade, referencialidade, ergatividade e ordenação de constituintes no português coloquial. In: Abraçado, J. Roncarati, C. **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**, 2003.p. 181-190.
- ALMEIDA, Napoleão. M. de. **Gramática Metódica da língua portuguesa**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- AVELAR, Juanito et al. **Jornais/anúncios-século XIX** – Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj/>>acessado em: 7 de mar. de 2007
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 94-104.
- BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. (Org). **Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: carta de leitores**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRAGA, Maria Luiza. Processo de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. **Scripta**, Belo Horizonte: PUC Minas, n.9, 2001. v.5, p.23-34.
- CAMACHO, Roberto G. Em defesa da categoria de voz no português. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.
- CAMACHO, Roberto G Construções de voz. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, v. 8, p. 227-316, 2002. (Novos estudos descritivos).
- CÂMARA JR., Joaquim. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CANÇADO, Márcia. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**, Curitiba, n. 6, especial, p. 17-43, 2003.

CANÇADO, Márcia; CIRÍACO, Larissa. **A Alternância causativo-ergativa no PB**. 2007 (Manuscrito apresentado na V Congresso Internacional da ABRALIN). Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/marciacancado/A%20alternancia%20causativo-ergativa%20no%20PB.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/marciacancado/A%20alternancia%20causativo-ergativa%20no%20PB.pdf) >Acessado em: 25 jul.2007.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Cláusulas encaixadas de verbos causativos e perceptivos; formas de expressão e correferencialidade de sujeitos. **Scripta**. Belo Horizonte: v.5, n.9, p. 174-182, 2001

CARVALHO, Sinval. D. M.. Construções de indeterminação e voz passiva com o clítico –se em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18., 2000. Ceará. **Anais...** Ceará: UFCE, 2000. CD-ROM.

CASTILHO, Ataliba. A gramaticalização. **Estudos lingüísticos e literários**, v.19, Salvador: PPGLL\_UFBA, mar.1997, p.25-63.

CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português**. São Paul: Contexto, 1998, p.123.

CAVALCANTE, Silvia R. **A indeterminação do sujeito na escrita padrão**: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX; Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras, UFRJ.1999

CAVALCANTE, Silvia R. O sujeito indeterminado na escrita dos séculos XIX e XX: uma mudança encaixada?. In: MATTOS E SILVA, R.V. (Org) **Para a história do português brasileiro**. 1 ed.. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001, v. 2, p. 233-249 (Primeiros estudos).

CAVALCANTE, Silvia R. Formas de indeterminação na imprensa carioca dos séculos XIX e XX. In: ALKIMIN, T. (Org) **Para a história do português brasileiro**. 1 ed.. São Paulo: Humanitas, 2002, v. 3, p. 197-219.

CEGALLA, Domingos P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 39. ed. São Paulo: Nacional, 1995.

COSTA, Sônia B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Cláudia. S. Nós, você e a gente: a influência do fator sexo na hora da indeterminação. In: INDIANI, Maria Thereza de Oliveira; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo - uma variável produtiva**. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1995, v. vol.4, p. 35-49.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos, In: I, Roberts M, Kato (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, Campina: Unicamp, 1993, p.163-184.

D'ALBUQUERQUE, Alair C. R. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. **Tempo Brasileiro**, São Paulo, n. 78-79, 1984.

DUARTE, M.E.L; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. In: KATO, M;NEGRÃO,E.(ed.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana, 2000. p.55-73.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? In: LOPES, M. E. L; CALLOU, D. (Orgs.) **As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX**. Para a história do português brasileiro notícias de corpora e outros estudos. Rio de janeiro: in-fólio, 2002, v. 4, p. 155-165.

DUARTE, Maria Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno, In: I, Roberts; M, Kato (Orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUARTE, Maria Eugênia L. A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro. **Revista dos cursos de pós-graduação - Iel - UNICAMP**, Campinas, v. 1, n 1, 87-105, 1996.

DUARTE, Maria Eugênia L. Construções com *se* apassivador e indeterminador em anúncios do século XIX. In: ALKIMIN, T. (Org.) **Para a história do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UERJ/LETRAS/FAPERJ, v.3, 2002, p.155-176.

DUARTE, Maria Eugênia L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E.L. (Orgs.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003a, p.115-128.

DUARTE, Maria Eugênia L. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI; ABRAÇADO, Jussara. (Org.) **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003b, p.123-131.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FRANCHI, Carlos; CANÇADO, Márcia. Reexame da noção de hierarquia temática. **Revista de Estudos da Linguagem**. v.11. n.2. 2003. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/marciacancado/artigos.htm> > Acessado em: 25 jul. 2007. Apud CANÇADO, Márcia. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**, Curitiba, n. 6, especial, p. 17-43, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2003.

GIVÓN, T. **Syntaxe: a functional-typological introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 1990, v2

GONÇALVES, Alberto. Uma análise de sujeitos genéricos nulos de terceira pessoa do singular em sentenças finitas raízes o português brasileiro. In:\_\_\_ **Working Papers em Linguística**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Pós-Graduação em Linguística. n. 6 – Florianópolis: CPGL, 2002. p.30-54.

GONÇALVES, Sebastião; LIMA-HERNANDES, Maria; CASSEB-GALVÃO, Vânia; CARVALHO, Cristina. (Org). Tratado geral sobre gramaticalização. In:\_\_\_ **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.15.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KATO, Mary. A. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística. In: DUARTE, I.; LEIRIA, I. (Orgs) **Atas do congresso internacional sobre o português**, 1994, Lisboa. p 209-237.

LOPES, Célia Regina S. O percurso de a gente em tempo real de longa duração. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001, v. 2, p. 127-148. (Primeiros Estudos).



LOPES, Célia Regina S. A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada?. In: ENCONTOR INTRANCIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 5, 2003, Salvador. **Anais...** Salvador: ABREM, 2003.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A.**, 17:1, 2001, p.97-130.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: University Press, 1968.

MARTELOTA, Eduardo. A mudança lingüística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2003, p57-71.

MARTINS, Ana Maria. Construções com *se*: mudança e variação no português europeu, razões e emoção: **Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, v. 2, 163-178.

MARTINS, Ana Maria. **Ambigüidade estrutural e mudança lingüística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos**. 2004 Disponível em: <[www.clul.ul.pt/equipa/amartins/Martins\\_2004\\_2\\_artigo.pdf](http://www.clul.ul.pt/equipa/amartins/Martins_2004_2_artigo.pdf)> Acessado em: 28 mar. 2007.

MATEUS, M. H. M et al. Gramática da língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 2003.

MATTOS e SILVA, R. V. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2004.

MAURER JR., T H. (1951).Dois problemas da língua portuguesa: o infinito pessoal e o pronome SE. In: **Filologia Românica**. São Paulo[s.n.],v 23, n.128, p.49-70

MEDIANEIRA, M de S. A relação sujeito experienciador e voz ativa: suas implicações para as estruturas do português In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18, 2000, . Ceará. **Anais...** Ceará: UFCE, 2000. CD-ROM.

NARO, A. The genesis of the reflexive impersonal in portuguese. In: **Language-Journal of the linguistic society of America**. New York: Baltimore, 1976, v.52. n. 4.p.779-810.

NARO, A.; SCHERRE, M. Garimpendo as origens estruturais do português brasileiro. (Org.) - São Paulo : Parábola Editorial, 2007. (Linguagem; 20).

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP. 2000.

NUNES, Jairo. *Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português Brasileiro*. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n.20, p. 33-58, jan. / jun.1991.

NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: I, Roberts; M, Kato (Orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, Campinas: Ed. Unicamp. 1993. p.207-222.

NUNES, Jairo. Ainda o famigerado SE. **D.E.L.T. A**, São Paulo, v.11, n. 2, p.201-240, 1995.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história**: edição filológica de documentos e estudo lingüístico. 2006. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras da UFBA, Salvador, 2006.

PAGOTTO, Emílio. **Norma e condescendência**: ciência e pureza. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, n.2, 1998.p. 49-68, 1994.

PERES, João.A; MÓIA,Telmo. **Áreas críticas da língua portuguesa** Lisboa: 1995. (Caminho coleção Universitária).

PERINI, Mário. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. 2. ed. São Paulo: Ática. 1994.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática. 1996.

PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática. 1986.

RAPOSO, E. e J. URIAGEREKA . “Indefinite SE”. *Linguistic Inquiry* 14: 749-810. 1996, Apud: MARTINS, Ana Maria. *Construções com se: mudança e variação no português europeu, razões e emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, v. 2, 163-178.

ROCHA, Ângela de Fátima, **Clíticos reflexivos**: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto. 1999. Dissertação (Mestrado em letras) Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, Belo Horizonte. 1999.

ROCHA LIMA, C. H da, **Gramática normativa da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1999.

SAID ALI, M. **Grammatica historica da lingua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1927.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa** 3. ed. Brasília: Editora universitária de Brasília. 1964.

ALI, M. Said. Dificuldades da língua portuguesa. Estudos e observações. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica 1908. apud MAURER JR., T H. Dois problemas da língua portuguesa: o infinito pessoal e o pronome SE. In: \_\_\_ **Filologia Românica**. São Paulo, 1951, v. 23, n.128, p.49-70.

SCHERRE, M. M. P.. Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle. In: HORA, D.; CHRISTIANO, E. (Org.). **Estudos lingüísticos**: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia. 1999, p. 13-54.

SCHMIDT-RIESE, R Sobre mudança e variedades lingüísticas no espanhol quinhentista: o caso das construções com *se*. In: ALKMIN, T. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002. v. 3 p. 247-278.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX In: I, Roberts; M, Kato (Orgs.) **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica, Campinas: Unicamp, 1993, p.69-105.

TAYLOR, J. **Linguistic Categorization**: prototypes in linguistic theory. New York: Oxford University Press. 270p.

VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico na fala popular**. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

VASCO, Sérgio Leitão. Construções de tópico no português brasileiro: fala popular. **Cadernos do CNLF**, Série VII, nº07 . Disponível em: < <http://www.filologia.org.br> >.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos ente o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos**: dos séculos XVII a XIX. 4 ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VITRAL, Lorenzo. A evolução do se reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In: LOBO, Tânia et al. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. 2006, v.6, t 1, p. 107-133.

APÊNDICE A- Quadro 1 Proposta de descrição sintático-semântica dos tipos de clíticos em uma predicação

Tipo de clítico	recíproco e reflexivo	inerente	pseudo-reflexivo	Se-médio	Se-apassivador	Se-pseudo-apassivador	Se-indeterminador (tipo 2)	Se-indeterminador (tipo 1)
<b>Traços e propriedades</b>								
1. Categoria de pessoa	[+pessoa <sup>64</sup> ]	[+pessoa]	[+pessoa]	[+ pessoa]	[+ pessoa]	[α pessoa]	[- pessoa]	[Φ pessoa]
2. Categoria de número	[+número]	[+número]	[+número]	[+ número]	[+número]	[α número]	[- número]	[Φ número]
3. Atribuição de papel temático ao clítico	[+temático]	[-temático]	[-temático]	[-temático]	[+temático]	[-temático]	[-temático]	[-temático]
4. Macro-função do sujeito	<b>Causa</b>	<b>Objeto Afetado</b>	Objeto Afetado	Objeto Afetado	<b>Objeto Afetado</b>	<b>Causa</b>	<b>Causa</b>	<b>Causa</b>
5. Animacidade do Suj.	[+animado] [+humano]	[±animado] [+humano]	[+animado] [+humano]	<b>[-animado]</b> <b>[-humano]</b>	[α animado] [+ humano]	[+animado] [+humano]	[+animado] [+humano]	[+animado] [+humano]
6. Agentividade do Suj.	[+Agentivo]	[α Agentivo]	[α Agentivo]	[-Agentivo]	[α gentivo]	[+Agentivo]	[+Agentivo]	[α Agentivo]
7. Controle do Suj. sobre a ação, estado ou processo.	[+controlado]	[α controlado]	[α controlado]	[-controlado]	<b>[-controlado]</b>	[+controlado]	[+controlado]	[α controlado]
8. Grau de transitividade	<b>Alta</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Baixa</b>	<b>Alta</b>	<b>Alta</b>	<b>Baixa</b>
9. Referência à macro-função Causa e/ou ao sujeito.	<b>determinada<sub>1</sub></b>	determinada <sub>2</sub>	determinada <sub>2</sub> ou <b>indeterminada</b>	<b>determinada<sub>2</sub></b> ou indeterminada	<b>determinada<sub>2</sub></b> ou <b>indeterminada</b>	<b>indeterminada</b> [α genérica]	<b>indeterminada</b> [+genérica]	<b>indeterminada</b> [+arbitrária]
10. A especificação de pessoa <sup>65</sup> do discurso				[-Eu]	[-Eu]	[-Eu]	[- Eu]	[+Eu]

<sup>64</sup> A formalização dos traços seguiu os valores e tipos de subespecificação de traços estabelecidos por Rooryck (1994, *apud* LOPES, 2001, p.133) para o qual:

- [+X]: valor positivo (para atribuição de traço);

- [-X]: valor negativo ( traço ausente);

- (α traço): “subespecificação α” para traços variáveis, isto é, os traços podem ter um valor “+” ou “-“, sintaticamente subespecificado.

- (Φ traço): subespecificação para traços não-variáveis, isto é, não há variação de traço, é neutro, referindo-se aos valores “+” e “-“.

<sup>65</sup> Como as formas pronominais de 3ª.pessoa, o *se* pode acionar uma interpretação semântico discursiva que inclua ou não a 1ª. pessoa do discurso na referência + *qualquer um*, ampliando e generalizando-a, tomando “como referente quaisquer seres presentes no **contexto lingüístico ou pragmático da enunciação** ou mesmo algum ser inferido no discurso.” (FIORIN, 2004, p. 164).

## APÊNDICE B - Exemplário de construções com clítico

### Atas dos africanos

<b>deu-se</b> todos poderes	LTG 01.03
<b>nossas</b> jóias entradas   a qual <b>se acha</b> já em cofre	LTG 02.03
<b>Decidio-se</b>   oSeguinte	LTG 02.09
<b>Axando-se</b> huã em maõ do Juiz	LTG 03.02
<b>Leo-se</b> as cartas deregeite	LTG 05.03
<b>Assignouse</b>	LTG 06.16
oque <b>sepassou</b> na Meza	LTG 07.13
no Cazoque <b>se saiba que</b> qualquer publicou	LTG 07.16
muito embora não   séja Irmaõ, poisquejá esta deposse para <b>qualquer</b>   tempo e instante <b>declarar-se</b>	LTG 09.18
<b>Lanca-se</b> o Termo	LTG 10.15
epropos o Juiz que <b>sedevia Organizar</b>   hua Loteria de mil Belhetes	LTG 11.14
<b>se aprovou</b> oprezente	LTG 11.07
<b>em combio-se</b> (oprezente)	LTG 11.09
<b>Sentou-se</b>   <b>que para</b> os Interamentos	LTG 12.02
<b>feixosse</b>   achamada	LTG 13.04
<b>com tinuouse</b> os trabalho	LTG 13.05
<b>deo-se</b> principio   aos trabalhos	LTG 15.04
<b>Tomou-se</b> Conta da 4 <sup>a</sup> . Loteria	LTG 15.06
o novo Coffre <b>que se vai</b>   <b>fazer</b>	LTG 15.12
em <b>que nos Assignamos</b>	GMB 01.16
mandou o Prezidente  <b>que selança-çe</b> es te termo	GMB 02.07
<b>nos</b>   <b>a signamos</b>	GMB 02.07
el <b>por</b> esta bem <b>me Asinei</b>	MVS 05.09
em Concideraçãõ do <b>que sereprezentou</b>	MSC 01.08
mandou os Soçios Ex <b>que Este se fizesse</b> eu   <b>me asignase</b> Como Scretario	MSC 04.13
<b>deLiberou-se</b>   <b>que quanto</b> antez	MSC 06.07
man dou o socios Adimins tradores <b>que sefizesse</b>   estes Termo	MSC 06.16
<b>se ade a-</b>   <b>pr ezentar</b> as emendas	MSC 07.05
aVossa <b>Senhoria</b> queira <b>a char-se</b> no   ditto dia	MSC 07.08
<b>que se aVizaraõ</b> a todos Irmãos	MSC 07.14
<b>que se Cumpra</b> odito-   Esta tutos	MSC 08.07
mandou a Junta <b>que se Lavrase</b> este Termo	MSC 08.10
mandou a Meza <b>Administradora</b> <b>que este sefizesse</b>	MSC 09.10
<b>nos assignasemoz.</b>	MSC 09.10
<b>sefez a</b> chamada	MSC 10.02
e <b>Continuouse</b> os trabalhos	MSC 10.03
<b>fezse</b> cha   mada	MSC 11.03
<b>Continuou-se</b> os traba   lhos	MSC 11.04
<b>determi nou-se</b> <b>que</b>	MSC 11.05
mandou a Meza <b>Administradora</b> <b>que este sefizesse</b>	MSC 11.08
<b>sancionou-se</b> o seguinte <b>que</b>	MSC 12.03
as nossa -   <b>Irmãs</b> poderaõ <b>apresentar se</b> no dia da Festa	MSC 12.12
Man   dou a Ameza <b>Administradora</b> <b>que este sefizese</b>	MSC 12.15

<b>seguio-se os</b> trabalhos	MSC 13.06
<b>se   fez a</b> chamada	MSC 14.03
<b>seguio-se os –  </b> trabalho	MSC 14.04
<b>determi nou-se</b> que	MSC 14.05
enaõ <b>se afãs   tando</b> o ditto <i>Thezouzeiro</i>	MSC 14.10
<b>principio-se   o</b> trabalho	MSC 15.03
<b>tomou-se Conta</b> da4 <sup>a</sup> . Lotaria	MSC 15.05
mandou a meza   <i>Administradora que este Sefizese</i>	MSC 15.22
qual quer hum <i>Irmão que Seacha</i> atrazado	JFO 02.10
o debito <i>que Se devia</i> a Caza	JFO 04.06
opro   jecto <i>que seaprezentou</i> em Meza	JFO 04.09
<b>paçou-se es te</b> termo <i>para</i> Constar os feito	JFO 04.10
onde <b>Seacha</b> Colocada	JFO 08.04
mandou o provedor Lavra estes ter  mo em <i>que nos acinamos</i>	JFO 08.08
o Ar-  tigo quarenta e Nové ao <i>que Sedeu</i> Comprimento	JFO 10.04
<b>fes-se a</b> Reuniaõ do Costume	JFO 11.02
<b>Seachou</b> tudo Com forme o <i>estabalicimento</i>	JFO 12.02
<b>prestou-se</b> por meio de <i>escortino adiliberaçaõ</i>	JFO 13.03

## Atas dos brasileiros

todos da Reunião <b>seasi</b>   nar<a>	MJR 01.22
an bas as Mezas <b>seasinaraõ</b>	MJR 02.20
<b>deuse</b> Com  primento aoque tinha aporpor o Nosso Irmão	MJR 03.03
que todos <b>seaSignaraõ</b>	MJR 03.25
<b>deuse</b> comprimento atudo	MJR 04.02
todos  <b>se a Sinaraõ.</b>	MJR 04.14
naõ <b>sedeu</b> cumprimento aoque tinha aporpor o Nosso Irmão Provedor	MJR 05.05
<b>todos seasinaraõ</b>	MJR 05.13
<b>poise</b> e descução o que ficou ag[u]iado	MJR 06.10
dos seus menças <b>se descontará</b>	MJR 06.17
nove Irmãos que só <b>seachaõ</b> asig  nados	MJR 07.30
em que <b>deveria-se Cobrar</b> atas Cotas emultas	MJR 07.41
naõ <b>sejulga</b> a Meza Responsável	MJR 07.46
emque <b>todos seasinaraõ</b>	MJR 07.63
<b>deuse</b> Posse a Nova Meza	MJR 08.12
<b>deuse</b> Comprimento da Eleição	MJR 09.03
elles Virem <b>se reunir</b> anos	MJR 09.17
todos <b>se asignaraõ</b>	MJR 09.19
<b>posse</b> empratica  o termo	MJR 10.05
<b>Emandose</b>   queficase corendo deste dia endiante	MJR 10.06
emque todos <b>seasigna  raõ</b>	MJR 10.17
<b>fez se</b>   otrabalho	FPF 01.03
<b>fesse os</b> trabalhos	FPF 02.04
votos dos Irmãos <b>que se</b>   <b>acharaõ</b> Prezent e	FPF 02.04
edoze de pé <b>que</b>   <b>se puzeraõ</b>	FPF 03.26
os Pinhores <b>que se achaõ</b> no   Cofre	FPF 03.39
<b>Leu ce</b> o requerimento	FPF 05.07
por <b>se achar</b> duente	FPF 06.11
O Artigo   <b>que tan bem se tratou</b>	FPF 06.13
<b>Recebece as</b> Conta	FPF 07.07
<b>fez se</b> os trabalhos	FPF 08.05
<b>posse</b> em votação sober pagar amulta	FPF 08.06
<b>posse</b> taõ bem Em voetacaõ sobre os pinhores	FPF 08.09
<b>Leu se</b> o Requerim   mento	FPF 08.12
<b>fez se</b> os trabalhos	FPF 09.06
<b>Leu ce</b> o requerimento	FPF 09.07
<b>que se tivesse acabado</b> o trabalho	FPF 09.10
antes do termo em   <b>que se tratou</b> para os Irmãos pagar a hum por sento	FPF 09.20
<b>fez se</b> os trabalhos	FPF 10.05
<b>Leuce o</b>   Requerimento do	FPF 10.07
Irmãos <b>que se acharaõ</b> na presente reunião	FPF 10.13
para <b>se acha-</b>   <b>rem</b> na primeira <reunião>	FPF 10.17
nos <b>nos</b> assinanos	FPF 10.21
<b>Leu ce</b> o requerimento	FPF 11.07
<b>fez se</b> o trabalhos	FPF 12.06
<b>nos Assimanos</b>	FPF 12.44

visto <b>se tornal</b> , pezado á	JTS 01.10
<b>Reunio-se</b> o Conselho, e mais Socios, abrio o Senhor Presi- dente a Secção	JTS 02.02
<b>acharaõ-se</b> presente dez dos Senhores Sócio	JTS 02.02
oSoçio emfermo <b>se a chava</b> em dia	FJST 01.26
E disse <b>que cedevia</b>   dar osocorro ao Sócio	FJST 01.29
<b>devia dar-se</b> di uma só  vez o Socorro	FJST 01.33
<b>que omesmo João Manuel</b>   nuca  mais <b>se apresentou</b>	FJST 01.41
<b>que não</b>   <b>se fazia</b> o desconto	FJST 01.60
logo <b>que se achase</b> resta  beleçido	FJST 01.68
<b>se fizesse</b>   os desconto	FJST 01.71
<b>que sefasça</b> o descunte	FJST 01.80
<b>achar-se</b> doente	FJST 02.18
<b>se achar</b> em  femo	FJST 02.24
estado em <b>que se achava</b> oSoçio	FJST 02.30
apropuçãõ do <b>que si desse</b> entre os Sócios rezultasse melhor vantajem	FJST 02.45
ososio Manoel Claudio, <b>que se achava</b> prezente	FJST 02.55
<b>sujeitou-se</b> andar aos tropedos	FJST 02.57
por <b>se</b>   <b>achar</b> enfermo	FJST 02.59
<b>mostrava-se</b> ainda mais merecedor	FJST 02.69
A quellas <b>que se dizem</b> por seu concorçio  felizes	FJST 02.74
E <b>que se átorizase</b> ao Senhor Vizita	FJST 02.101
<b>se o bsteve</b> di votar	FJST 02.107
i <b>trocou-se</b> algumas palavras entre o1°. i 2°.   Secretarios.	FJST 02.110
Coffre <b>se a char</b> exsasto	FJST 02.116
atodos os socios <b>que</b> dizem <b>se achar</b> dispensado	FJST 02.123
<b>levantou se</b> a seicaõ	FJST 02.126
um abuzo (...) <b>que deve-se acabar</b> e	FJST 03.15
em vista de não haver Sócios <b>se podia abrir</b> aSessão	FJST 03.17
<b>que se comphehenda</b> <b>que</b>	FJST 03.21
<b>que se no</b>   <b>measse</b> 4 Commissions	FJST 03.26
<b>sentou-se</b>	FJST 03.57
O Soçio Caetano diz <b>que elle não se importava</b>	FJST 03.68
<b>Trocaraõ-se</b> diversos apartes	FJST 03.107
<b>quer que se lhe tenha</b> por cabeça	FJST 03.148
não quer <b>que se manche</b> o  pudunor	FJST 03.149
<b>cumpra-se</b> com aLei	FJST 03.155
oSoçio <b>que</b> não servir hai <b>torna-se</b> muito [dezairaro	FJST 03.168
oSoçio Cirne  hoje estava <b>se tornando</b> empertinente	FJST 03.190
Vossa Excelência <b>que</b> não  deve <b>prevaliçer ç</b> i da Cadeira da Prezidencia	FJST 03.196
i <b>trocaraõ-se</b> muitos outros diversos apartes.	FJST 03.201
elle ia <b>recolhe-se</b>	FJST 03.207
<b>que se pedio</b> adiamento (...) do requirimento do Socio	FJST 03.213
<b>pode se adimitir</b> qualquer sócio	FJST 03.226
depois do Socio ser admitido he <b>que se</b>   <b>déve</b> examinar e e <b>que</b> emtaõ depois he <b>que</b> será reconhi cido	FJST 03.228
<b>que se lesse</b> o artigo 3°. 4°.	FJST 03.234
<b>fassa-se</b> votação secreta	FJST 03.239



entende <i>que</i>   <b>se responde</b> conforme disse o Socio Caetano.	FJST 03.267
elle não <b>recorda-se</b>	FJST 04.19
E <i>que</i> bem <b>recorda-se</b>	FJST 04.21
epara <i>que</i> niguem assim <b>julga-se</b>	FJST 04.37
<i>que</i> os negócios sociaes <b>se transformase</b> mesquinhas paixaõ	FJST 04.38
pedia <i>que</i> <b>se proseguisse</b> na leitura da acta	FJST 04.39
eu <b>me calarei:</b>	FJST 04.54
esta çeleuma <i>que</i> aqui <b>tem se levantado</b>	FJST 04.59
por <b>se manifestar</b> o 1º. Secretario	FJST 04.107
e mais um <i>que</i> não quiz <b>se declarar.</b>	FJST 04.108
um associaõ <i>que</i> tanto   <b>se preza dizer</b> digma	FJST 04.120
ambos <b>se queixava</b>	FJST 04.126
os ho  mem <i>que</i> <b>se inscrever</b>	FJST 04.133
<b>A chando-se</b> prezen-   te os <i>Senhores</i>	FB 04.06
O Conselho deliberou <b>que se fizesse</b>   o encannamento a gaz	FB 04.18
E <b>que si faça</b> o anniversario	FB 04.20
<i>que se fizesse</i> um abatimento	FB 05.48
por <b>se ter esquecido</b>	FB 05.41
O <i>Senhor</i> Vizitador pediu  <i>que si enseris-ce</i> na acta um voto	FB 06.24
Candidato (...) em vertude do trabalho <i>que</i> presentementese <b>occupa</b>	FB 06.41
pessõas <i>que se</i>   <b>occupe</b>	FB 06.44
<b>apresentou-se</b> os <i>Senhores</i> <sup>66</sup>	FB 07.08
O qual <b>si achando</b> presente	FB 08.18
Tendo con cluido <b>occupou-se</b> da  palavra o <i>Senhor Presidente</i>	FB 08.36
<b>Achando-se</b> presentes os <i>Senhores</i>	FB 08.41
<b>achando-</b>   <i>se</i> presentes os <i>Senhores</i>	FB 09.09
<b>levantouse</b>   a sessão	FB 09.19
<b>Achando-se</b>   presente o <i>Senhor</i>	FB 11.25
elle <b>se achar</b> atrazado	FB 11.54
os motivos pelos quaes <b>havia se atrazado</b>	FB 11.60
<b>Pedro Augusto</b> o qual <b>negou-se</b>	FB 11.64
O <i>Senhor</i> Prezedente  deliberou <i>que se fizesse</i> o enventario	FB 12.16
<b>se ponha</b> em execuçaõ o <i>artigo</i> 38	FB 12.21
<i>que</i> não <b>se alugasse</b> o 2º andar	FB 13.38
O <i>Conselho</i>   deliberou <b>que se desse feras</b> ate o dia	FB 13.43
<b>procedeu-se</b> a leitura	FB 16.26
<i>que se</i>   <b>destribuise</b> pelos sócios <b>os exemplares</b>	FB 16.35
<b>terminou-se</b>   a leitura da 1ª. discussão	FB 16.69
o <i>Senhor</i> Felipi Benisi (...) <b>Ritirousi</b>	JCBM 01.38
não <b>lembrumi</b> di	JCBM 01.42
elle disi <i>que</i> tinnha <b>is quisidosi</b>	JCBM 01.51
<b>i prosedeusi</b> a leitura da	JCBM 02.13
<b>apresentousi</b> dois Riquirimento	JCBM 02.15
os dois o fisi <i>que si achavasi</i> na meza	JCBM 02.20
<b>Iprosedisce</b>   leitura da Aça da çeiçaõ anterior	JCBM 03.12

<sup>66</sup> Nas atas anteriores e posteriores o redator utiliza na mesma parte formular a seguinte estrutura, que se supõe alternativa a esta: Compareceraõ os *Senhores* membros do conselho.

<b>aprezentarãosi</b> quatro riquirimento	JCBM 03.14
<b>ivirificousi</b> uma informação favorável	JCBM 03.34
<b>Iproçideisi</b>  aleitura da Acta da çeição anterior	JCBM 04.13
<b>aprezentousi dois</b> o fisio	JCBM 04.38
<b>Aprezentousi</b> o orçamento	JCBM 04.50
<b>iproседisi</b> aleitur<a>	JCBM 05.07
<b>aprezentousio</b> um o Fisio	JCBM 05.28
<b>iprosedeusi</b> a leitura	JCBM 06.12
depois <b>leusi</b> a proposta	JCBM 06.14
do  pagamento da desima predial <b>que si achavasi</b> deven-  esta susiedade	JCBM 06.26
<b>pago-</b>   <b>si</b> um simestri	JCBM 06.27
<b>Aprezentousi</b> o Riquirimento	JCBM 06.28
<b>Leusi</b>   o Riquirimento	JCBM 06.29
porque <b>achavasi</b> o Riquirimento adiado	JCBM 06.32
O 1º. Secretari  o <b>mostrosi</b> Contraaesta i deia	JCBM 06.46
<b>aprezentousi</b> um-  ofisio da SusiedadeUniaõ i Amparo	JCBM 06.49
<b>Iprosedeu</b>   <b>si</b> aleitura da Acta	JCBM 07.14
<b>aprezentousi trez</b> riquirimentos	JCBM 07.17
<b>Iprosel</b>   <b>dusi</b> aleitura da A<c>ta da çesção Anterior	JCBM 08.13
<b>aprezentousi</b> um o fisio da Susiedade	JCBM 08.26
<b>aprezentousi</b> um o fisio dasusiedade	JCBM 09.28
<b>iproседisi</b> a  leitura da Acta da çecção anterior	JCBM 10.09
por <b>si a cha</b> doenti	JCBM 10.37
<b>aprezentousi</b>   um o Fisio	JCBM 11.08
i <b>procedisi</b> a leitura da Açta da çecção	JCBM 12.09
<b>iproседisi</b> aleitura da Acta	JCBM 14.09
<b>ipro</b>   <b>sedisi</b> a leitura da Açta	JCBM 15.08
i <b>procedisi</b> a leitura da Acta da	JCBM 16.11
os Riquirimento <b>que si achava</b> nopoder della	JCBM 16.25
as contas o <b>qualsi acha</b> di  pozitado no Banco Inglez	JCBM 16.30
<b>procedisi</b> aleitura da Acta da	JCBM 17.10
da quantia  do 200\$00 <b>que si acha</b> em depozito	JCBM 18.13
quantia dos 200\$00 <b>que siacha</b> ricolhi	JCBM 19.28
<b>iproседi</b>   <b>si</b> aleitura da Açta da cección anterior	JCBM 20.07
A da quantia dos Duzen  tos milres <b>que siacha</b> dipozitado no Banco	JCBM 20.29
<b>iproседesi</b> aleitura da Acta	JCBM 21.11
<b>procedisi</b> aleitura da Açta	JCBM 22.09
i <b>prosedisi</b> a leitura da Acta	JCBM 24.10
da quantia di duzentos milres <b>que siacha</b>   <b>va</b> dipuzita do noBanco Inglez	JCBM 24.18
ter <b>si manisipado</b>	JCBM 24.28
i <b>prosedisi</b> <si>  leitura da Acta da çecção anterior	JCBM 25.09

## Anúncios de jornais cariocas

## Fase I

Quem quizer carregar <b>dirija-se</b> a bordo	JC.1,I
do dito Bergantim que <b>se acha amarrado</b> de frente do Dique	JC.1,I
Quem no mesmo quizer carregar <b>dirija-se</b> à Praia dos Mineiros	JC.2,I
Quem quizer no mesmo carregar <b>dirija-se</b> à Rua dos Pescadores	JC.3,I
quem nelle quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> à Rua Direita	JC.4,I
Quem quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> ao mestre a bordo	JC.5,I
da dita Sumaca que <b>se acha fundeada</b> de frente da Praya	JC.5,I
Quem nelle quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> a bordo	JC.6,I
quem nelle quizer carregar, <b>dirija-se</b> à Rua dos Pescadores	JC.7,I
. Quem no mesmo quizer carregar, <b>dirija-se</b> aos caixas	JC.8,I
Quem nelle quizer carregar <b>dirija-se</b> à Rua dos Pescadores	JC.9,I
Quem quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> à Rua Direita	JC.10,I
quem quizer carregar ou hir de passagem, <b>dirija-se</b> ao Consignatório	JC.11,I
quem nella quizer carregar, ou hir de passagem, <b>dirija-se</b> aos Consignatários	JC.12,I
Quem quizer hir de passagem <b>dirija-se</b> aos Consignatários	JC.13,I
A Sumaca Nacional HARMONIA, chegada proximadamente de Santos e <b>se acha prompta</b>	JC.14,I
quem a quizer comprar <b>dirija-se</b> aos Consignatarios	JC.14,I
da mesma, que <b>se acha fundeada</b>	JC.15,I
quem no mesmo quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> ao Caixa	JC.16,I
quem quizer hir de passagem <b>dirija-se</b> a Henrique Riedy	JC.17,I
quem nella quizer carregar, <b>dirija-se</b> ao capitão	JC.19,I
quem quizer carregar ou hir de passagem, <b>dirija-se</b> ao Consignatário	JC.20,I
quem nelle quizer hir de passagem <b>dirija-se</b> à Rua	JC.21,I
Quem no mesmo quizer carregar, <b>dirija-se</b> aos caixas	JC.22,I
Quem nelle quizer carregar <b>dirija-se</b>	JC.23,I
Quem quizer carregar ou hir de passagem <b>dirija-se</b> à Rua Direit	JC.24,I
quem quizer carregar ou hir de passagem, <b>dirija-se</b> ao Consignatório	JC.25,I
quem nelle quizer carregar, <b>dirija-se</b>	JC.12,I
<b>Aviza-se</b> o Publico, que a Gazeta do Rio de Janeiro sahirá	GA.2,I
as importantes noticias que ultimamente vierão do Algarve, <b>communicar-se-hão</b> ao publico	GA.4,I
<b>se fará</b> Leilão publico	GA.5,I
A obra já annunciada(...) <b>vende-se</b> a 640 reis	GA.6,I
<b>Vende-se</b> a Fazenda Grande de Santo Aleixo	GA.7,I
<b>Aviza-se</b> ao publico <b>de que</b> sexta feira proxima haverá huma Gazeta	GA.8,I
Tambem <b>se vende</b> a Agoada separada.	GA.9,I
Obra do Conselheiro(...) que <b>se publicará</b>	GA.10,I
Obra do Conselheiro(...), e <b>se achará</b> nas mesmas cazas a 320 reais	GA.10,I
<b>Vende-se</b> huma casa nova de Sobrado	GA.11,I
<b>Precisa-se</b> de huma mulher para huma Senhora Ingleza	GA.12,I
<b>dirija-se</b> á casa do Coronel	GA.12,I
<b>se perdeu</b> hum Moleque na Praia do Peixe	GA.15,I
o qual terá 15 annos de idade; <b>chama-se</b> Matheus,	GA.15,I
<b>acha-se</b> nesta Corte hum sugeito approvedo em Mathematicas	GA.17,I

hum sugeito approved em Mathematicas, que <b>se oferece</b> para explicar	GA.17,I
Quem <b>se</b> quizer <b>utilizar</b>	GA.17,I
<b>se vendem folhinhas</b> para este anno de 1809	GA.19,I
Quem quizer comprar humas casas(...) <b>dirija-se</b> á Direita,	GA.21,I
<b>Vende-se</b> hum Piano forte	GA.23,I
quem <b>se</b> quizer <b>servir</b> do seu préstimo	GA.24,I
Os que forem moradores fóra desta cidade,(...) pódem <b>corresponder-se</b> com elle	GA.24,I
que <b>se</b> lhe <b>dirá</b> quem o quer comprar.	GA.25,I
como <b>tem se verificado</b>	GA.26,I
duas seges muito asseadas, as quaes <b>se alugão</b> pelo preço de 5 patacas	GA.27,I
<b>adverte-se</b> ás pessoas, (...) que ensinem os seus domésticos,	GA.27,I
os seus domésticos (...) <b>se dirijão</b> ao tendeiro Manoel Gonçalves de Bastos,	GA.27,I
Tabella dos dias das partidas dos Correios(...) <b>Vendem-se</b> nas lojas de Manoel	GA.28,I
Quem quizer alugar(...) <b>dirija-se</b>	GA.30,I
Quem quizer comparar hum terreno(...) <b>dirija-se</b> a rua	GA.31,I
<b>dirija-se</b> a rua da Gloria número 52 <b>para se ajustar</b> com o seu respectivo dono	GA.31,I
o Número 1º da 3ª Subscrição do PATRIOTA, <b>Vende-se</b> na loja	GA.32,I
Nas mesmas lojas <b>se faz</b> a Subscrição dos seis numeros,	GA.32,I
<b>Continua-se a fazer</b> subscrição	GA.33,I
<b>se ha de apresentar</b> huma nova commedia	GA.35,I
<b>Annuncia-se</b> a sahida do 2º. Tomo	GA.36,I
<b>se publicarão</b> a lista de todos os Senhores; que cooperarão para a impressão da Obra	GA.36,I

## Anúncios de jornais cariocas

### Fase II

<b>Precisa-se</b> de meninos	DN.1,II
Ballanças, pesos, medidas,(...) <b>comprão-se e vende-se</b> na rua do Conde	DN.2,II
<b>celebrar-se-há</b> uma missa	DN.4,II
a immensa multidão de tintas que por ahi <b>se vendem</b>	DN.7,II
o tempo não <b>se encarregou</b> de demonstrar	DN.7,II
<b>previne-se</b> , pois, aos <i>Senhores</i> consumidores que	DN.7,II
a LEGITIMA tinta extra-fina Monteiro. <b>Vende-se</b> em todas as livrarias da corte	DN.7,II
Escripturação mercantil por partidas dobradas, arithmetica, cambios, e primeiras letras somente a adultos; <b>ensina-se</b> todos os dias	DN.8,II
OS LEGITIMOS REMEDIOS DO <i>Douto</i> R AYER    <b>Vendem-se</b>	DN.9,II
Uma brochura contendo 100 rões, <b>vende-se</b> por 1\$000,	DN.12,II
GELÉA AMERICANA(...)   <b>Toma-se</b> , como indicada a instrucção	DN.13,II
com ele <b>se limpam</b> todos os objectos	DN.14,II
Os bilhetes de camarotes e cadeiras <b>vendem-se</b> por especial obséquio	DN.16,II

## Anúncios de jornais cariocas

## Fase III

frieiras e suores fetidos dos pés <b>curam-se</b>	AB.2,III
O abaixo assignado, <b>tendo</b> recentemente <b>se estabelecido</b> á rua	AB.3,III
o seu estabelecimento(...) <b>acha-se</b> nas condições nas condições de fornecer aos seus freguezes	AB.3,III
Os pontos mais difficeis do programma, taes como os que <b>se referem</b> á Prehistoria,	AB.4,III
á sciencia da historia, da qual <b>se deduzem</b> os dados cosmologicos	AB.4,III
o autor, para <b>se conformar</b> com o programa	AB.4,III
todas as molestias(...) <b>curam-se</b> com o Elixir de Caju	AB.5,III
Esta typographia(...) <b>encarrega-se</b> de todos os trabalhos	AN.1,III
Esta typographia (...) <b>comprometendo-se</b> a imprimir	AN.1,III
Os individuos(...) quando <b>estabeleceram-se</b> com a tarraxa,	AN.5,III
<b>Declaram-se</b> eles victimas,	AN.5,III
o meu dinheiro não <b>se gasta</b> com tal plebe.	AN.5,III
<b>apresenta-se</b> o padeiro esbodegado	AN.6,III
Procuraram os homens da CASA DE TARRACHA <b>despir-se</b> , para dar o que lhes pertence	AN.7,III
que os da esteira ás costas só <b>se escouceiam</b> .	AN.7,III
o quarto(...) o outro <b>achava-se</b> em DESMANCHO	AN.7,III
Aqui <b>me limito</b> ,	AN.7,III
<b>se gastam</b> inutilmente avultadas quantias.	AN.8,III
<b>cura-se</b> em pouco tempo qualquer das molestias mencionadas.	AN.8,III
O Prompto Allivio de Radway é inestimavel. <b>Pode empregar-se</b> com certeza	AN.8,III
em todos os casos que <b>se sente</b> dor	AN.8,III
sempre <b>se consegue</b> um rapido allivio	AN.8,III
<b>obtem-se</b> uma completa cura.	AN.8,III
<b>deve tomar-se</b> o resolutivo e pilulas reguladoras	AN.1,III
seus pacotinhos de generosa libra, e que <b>vendem-se</b> em latas de 14 pacotes	AN.9,III
A verdadeira(...) <b>ACHA-SE A VENDA</b>	AN.9,III
<b>achando-se</b> exposta na vitrine (...), uma carabina	DN.2,III
O salão <b>acha-se</b> aberto	DN.2,III
<b>Alugam-se</b> as grandes lojas do prédio	DN.3,III
Os pós dentrificios e o Elixir Philodentino(...) <b>Vende-se</b>	DN.4,III
Os viajantes <b>devem</b> sempre <b>munir-se</b> de um vidro	DN.5,III
o Prompto Allivio e Radway (...)   <b>Vende-se</b> em todas as drogarias e Pharmacias.	DN.5,III
Capsulas Raquin(...) não <b>se abrem</b> no estomago	DN.6,III
Capsulas Raquin(...) <b>toleram-se</b> sempre bem	DN.6,III
não <b>se devem aceitar</b> senão os frascos que levam sobre o involucro	DN.6,III
onde <b>se acham</b> as mesmas capsulas	DN.6,III
<b>previne-se</b> aos possuidores de cautelas d'este estabelecimento. <b>para</b> resgatarem	DN.7,III
Exposição de Moveis  A qual <b>se fechará</b> brevemente	DN.8,III
<b>realiza-se</b> em Petropolis,(...) o concerto do insigne violoncellista	DN.9,III
<b>Far-se-ão ouvir</b> a Excelentíssima Senhora Dona Roza de La Croix Ribeiro e os Senhores	DN.9,III
numerosas Falsificações(...) <b>se vendem</b>	DN.10,III

<b>Tome-se em consideração</b> o aviso abaixo	DN.10,III
<b>vende-se</b> todo o grande sortimento de roupas	DN.11,III
fôrmas de 1\$ e 2\$, (...) <b>enfeitam-se</b>	DN.13,III
<b>roga-se</b> aos <i>Senhores</i> assignantes o favor	JB.2,III
<b>achamo-nos</b> habilitados	JB.4,III
<b>encarregando-nos</b> da impressão de jornaes,	JB.4,III
<b>acha-se</b> á venda por  José da Silva Costa (...) 1 volume nitidamente impresso	JB.5,III
<b>Precisa-se</b> de uma casa	JB.7,III
Pianos(...) <b>vendem-se, alugão-se, trocão-se, concertão-se e afinão-se</b>	JB.9,III
Nesta solução <b>acha-se</b> magnesia	JB.10,III
Pianos Bechstein  <b>Vendem-se e alugão-se</b>	JB.12,III
Nesta casa (...) <b>encontra-se</b> sempre um completo sortimento de musicas para piano	JB.12,III
<b>Empresta-se</b> dinheiro,	JC.1,III
<b>Recebem-se</b> propostas	JC.2,III
onde <b>se informa</b> acerca das condições	JC.2,III
<b>Paga-se</b> no New London and Brazilian Bank Limited os juros vencidos	JC.3,III
Ama de leite  <b>Aluga-se</b> uma	JC.4,III
<b>Aluga-se</b> ou <b>vende-se</b> , por modico preço, o chalet	JC.5,III
Chaccara  <b>Precisa-se alugar</b> uma,	JC.6,III
<b>Vendem-se</b> machinas de costura Singer	JC.7,III
machinas de costura Singer(...) <b>alugão-se</b>	JC.7,III
<b>Fornece-se</b> comidas	JC.8,III
Pannos para lustre, <b>compra-se</b> na rua Sete de Setembro,	JC.9,III
Pianos – <b>Afinão-se e concertão-se</b>	JC.10,III
<b>Comprão-se</b> moveis, pianos,	JC.11,III
Comprão-se moveis, pianos, etc., <b>paga-se</b> bem; na rua da Alfândega	JC.11,III
<b>Lava-se e engomma-se</b> com perfeição e brevidade, roupa de homem e de senhora	JC.12,III
<b>Comprão-se</b> escravos	JC.13,III
<b>Alugão-se</b> , em casa de familia, quartos independentes	JC.14,III
<b>Alugão-se</b> uma negrinha de 14 annos, duas pretas perfeitas cozinheiras	JC.15,III
<b>informa-se</b> por favor, á rua Luiz de Camões	JC.15,III
Aguas mineraes(...) <b>vendem-se</b>	JC.16,III
<b>Vendem-se</b> duas boas e novas vaccas turinas,	JC.17,III
<b>informa-se</b> por favor na rua Bragança	JC.17,III
<b>Aluga-se</b> um commodo mobiliado	JC.18,III
<b>Alugão-se</b> duas casas	JC.19,III
<b>trata-se</b> na mesma rua do Araújo	JC.19,III
<b>deve-se exigir</b> os dous carimbos juntos.	JC.21,III
<b>Vende-se</b> um moleque	JC.22,III
<b>Comprão-se</b> moveis,	JC.23,III
<b>paga-se</b> o melhor possivel;	JC.23,III
<b>Compra-se</b> ouro, prata e brilhantes;	JC.24,III
<b>Compra-se</b> moveis, louças e crystaes de casa de família	JC.25,III
Leques  <b>Concertão-se</b> com perfeição	JC.26,III
<b>Recommenda-se</b> todo o cuidado	JC.27,III
<b>Recebem-se</b> encommendas e <b>encarregão-se</b> de despachá-las	JC.27,III
<b>Vendem-se</b> dous molecotes e uma preta de meia idade;	JC.28,III

<b>Lava-se e engoma-se</b> a capricho	JC.29,III
<b>Comprão-se</b> carroças, animaes e arreios	JC.30,III
<b>Comprão-se</b> moveis e cautelas de penhor	JC.31,III
Fernando Claro de Almeida, que outr'ora <b>se assignava</b> Domingos	JC.32,III
Unico salão neste genero por <b>se achar</b> montado de uma maneira especia	OCc.1,III
Neste antigo estabelecimento, <b>encontra-se</b> sempre grande sortimento de artigos	OCa.1,III
<b>Aceita-se</b> também encommendas de Vatapá,	OCa.1,III
Esta casa <b>recommenda-se</b> ao respeitavel publico pelo asseio,	OCa.2,III
déllas <b>se sirvam</b> os seus freguezes.	OCa.2,III
O proprietario <b>encarrega-se</b> de apromptar	OCa.2,III
<b>Empresta-se</b> dinheiro	OJ.1,III
<b>Compram-se</b> predios de qualquer valor.	OJ.1,III
<b>Trata-se</b> na redacção	OJ.1,III
Um habil guarda livros(...) <b>encarrega-se</b> de quaisquer serviços	OJ.2,III
Bandeiras, estandartes, galhardetes  <b>Faz-se</b> com perfeição	OJ.4,III
Uma pessoa bastante habilitada <b>encarrega-se</b> de tratar questões forenses,	OJ.5,III
O estabelecimento <b>acha-se</b> á disposição das familias	OJ.6,III



## Cartas de leitores de jornais cariocas

## Fase I

imitar o que <b>se vê</b> .	Carta 184.13, I
Pois <b>se explica</b> como gente,	Carta 184.20, I
isto <b>se sabe</b> pela nota do 3 o N.º	Carta 184.25, I
escrevinhava suas obras(...)isto se sabe_pela nota do 3 o N.º   em que <b>se menciona</b> algumas	Carta 184.26, I
nem a martello alli <b>se encaixava</b>   melhor aquelle verso!	Carta 184.34, I
eu como Jumento   leio as suas obras <b>sem me</b> atordoar	Carta 184.37, I
que lastime   o Brasil da desgraça em que <b>se acha</b>	Carta 184.10, I
bem <b>se vê</b>   <b>que</b> isto he discorrer burrivelmente	Carta 185.15, I
pois de não entender <b>não</b>   <b>se segue</b>	Carta 185.15, I
pois aqui <b>me fico</b> ,	Carta 185.22, I
<b>Abuza-se da</b> Liberdade da Im-   prensa	Carta 186.03, I
<b>roga-</b>   <b>se aos</b> Srs. Assignantes do Requeri-   mento,	Carta 186.09, I
forçallos désta sorte <b>a que se</b>   <b>convertas</b> ,	Carta 186.19, I
(o que nunca <b>se realizará</b> )	Carta 186.19, I
elle <b>se queixa</b> ,	Carta 186.23, I
e que tem pungen-   tes motivos para   <b>queixarse:</b>	Carta 186.24, I
Obrar mal,   e querer que <b>se diga bem</b>	Carta 186.25, I
elle <b>se queixa</b> das in-   justiça	Carta 186.32, I
V. que he a só authoridade   não ousa <b>oppôr-</b>   <b>se as</b> arbitrariedades	Carta 187.03, I
<b>recusar-se</b> inteira-   mente a requisições iniquas	Carta 187.13, I
fui testemunha do   Sr. Paes Barreto <b>dimitir-se</b>	Carta 188.14, I
Barreto <b>se fazia</b>   aborrecido	Carta 188.21, I
elle   <b>se dirigio</b> a mim,	Carta 188.22, I
já se <b>achava</b>   affecto este negocio	Carta 188.24, I
<b>se acha</b> ainda em posição hostile.	Carta 188.31, I
Como pois <b>se poderá dizer</b> , quee u concorro para a desgraça de minha   Patria?	Carta 188.37, I
nun-   ca <b>me achei</b> tão vacilante como ago-   ra,	Carta 188.47, I
se em taes circuns-   tancias <b>eu me visse</b> ,	Carta 188.49, I
Eu <b>me não julgo</b> criminoso	Carta 188.53, I
os innocentes <b>se justificão</b>	Carta 188.55, I
<b>se opponha</b> ao recebimento	Carta 188.59, I
os sinceros sentimentos   de que <b>me acho possuido</b> ,	Carta 188.62, I
se porem <b>se não com-</b>   <b>formarem</b> com os de outrem	Carta 188.63, I
mas nunca ter   comettido hum crime, como <b>se perten-</b>   <b>da;</b>	Carta 188.65, I
como ali <b>se usava, obreias</b>   verdes e amarellas,	Carta 190.04, I
occu-   pando um posto eminente <b>se atreve</b> a zom-   bar assim do Brasil	Carta 190.14, I
Nem <b>se diga que</b> é cousa de pouca monta,	Carta 190.16, I
<b>se pudesse (...)</b> indagar a côr das obreias	Carta 190.20, I
al-   gum teve a pequenez de <b>se occupar</b> desse objecto,	Carta 190.22, I
a ordem de preferir a côr   portuguesa, <b>se torna</b> um ataque	Carta 190.23, I
a quem <b>se pode-</b>   <b>ria revelar algumas</b> recordações	Carta 190.28, I
quando <b>se trata de</b> hum assumpto   tal.	Carta 191.07, I
que o Sr. Hollan-   da <b>se tenha</b> em occasião alguma <b>deixado</b>   <b>governar</b>	Carta 191.14, I
quem tem a satisfação <b>de confessar-se</b>	Carta 191.30, I

## Cartas de leitores de jornais cariocas

### Fase II

o Brasil (papel) não tem rasão de <b>quei-</b>   <b>xar-se</b>	Carta 194.15, II
um polvo que <b>se inculca</b> tao hos-   pi   taleiro	Carta 195.30, II
elles lá <b>se entendem</b>   uns com os outros;	Carta 199.09, II
elle <b>cal-</b>   <b>lou-se</b>	Carta 199.10, II
um empregado   mais attencioso que na repartição <b>se achava,</b>	Carta 199.19, II
que <b>me puzesse</b> na   rua	Carta 199.25, II
tudo quanto dentro della <b>se acha,</b>	Carta 199.27, II
<b>retirei-me</b>	Carta 199.28, II
Vme.(...) procuraria   immediatamente <b>informar-se</b>	Carta 200.09, II
Se tal escandalo <b>se observa</b> na rua mais fre- quentada da Corte do Brasil,	Carta 201.15, II
novos miasmas   <b>se deixárão sentir.</b>	Carta 201.20, II
<b>Far-se-hão</b> longe da cidade todos os depositos de animaes	Carta 201.25, II
O que <b>se faz publico</b> para evitar en-   ganos	Carta 205.16, II

## Cartas de leitores de jornais cariocas

### Fase III

É a primeira vez que <b>me aventuro</b> , a es-   crever para um jornal	Carta 208.01, III
nossos antepassados(...)talvez hoje <b>se admiras-</b>   <b>sem</b> de ver	Carta 208.05, III
que <b>se deve</b> o estado actual de pros-   peridades	Carta 208.07, III
que <b>se deve</b> o que pre-   sentemente é o mundo.	Carta 208.08, III
<b>se practiquem</b> actos	Carta 208.13, III
homens que(...)occupam- <b>se</b>	Carta 208.19, III
<b>deram-se</b> espadas,	Carta 208.22, III
<b>deram-se</b> fardas,	Carta 208.22, III
Esses homens(...)atiram- <b>se</b> sedentes de sangue	Carta 208.26, III
elles   proprios <b>se tinham tornado</b> actores	Carta 208.29, III
governos do imperio ame-   ricano.(...) <b>Sucedem-se</b> um a outros	Carta 211.03, III
tudo <b>se esvae</b> em sonhos,	Carta 211.06, III
operário(...)ao <b>ver-se</b> mais uma vez enganado.	Carta 211.09, III
um governo que,(...) <b>se compenetrasse</b> de que	Carta 211.12, III
cuja falta   já <b>se começa a sentir</b>	Carta 211.29, III
Nada <b>se tem feito</b>	Carta 211.30, III
Tudo <b>se adia</b> ,	Carta 211.32, III
tudo <b>deixa-se</b> para depois,	Carta 211.32, III
<b>passa-se</b> o tempo,	Carta 211.32, III
<b>se acouta</b> o operario,	Carta 211.38, III
e <b>se manda</b> construir em lugares   apropriados moradias,embora humildes, mas   limpas arejadas e sadias,	Carta 211.45, III
<b>Continuar-se-há</b>	Carta 211.48, III
nem <b>responsabilizando-se</b> ,	Carta 213.06, III
anciões   que <b>se sentam</b> nas cadeira de juizes	Carta 213.17, III
tantas desgraças, que todos os dias   <b>se dão</b> nas casas	Carta 214.10, III

## Cartas de leitores de jornais da Bahia

### Fase I

<b>se achão</b>   prezos os escravos seguintes:	Carta 03.06, I
em cu   ja Roça aparecera, e <b>se conser-</b>   <b>va(...)</b> hum preto novo	Carta 07.02, I
Proprietario lo-   go que este <b>apresente-se</b>	Carta 07.03, I
não <b>se responsabilizando</b>	Carta 07.06, I
para <b>divorciar-me</b>	Carta 16.02, I
<b>tornando-se</b> defeituosa	Carta 16.11, I
sem   <b>por-se</b> em manifesto perigo de vida	Carta 16.15, I
o Réo <b>mos-</b>   <b>tra'se</b> indifferente,	Carta 16.18, I
negocios de minha   herança, e os do meo casal sem o que   <b>se tornão nullos,</b>	Carta 16.24, I

## Cartas de leitores de jornais da Bahia

### Fase II

os meus   amigos que <b>se interessam</b> pela minha sor-   te	Carta 28.04, II
Tenho a honra, <i>Senhor Redactor</i> , de <b>me as-</b>   <b>signar</b>	Carta 28.13, II
O mangual(...) é o mesmo de que <b>se</b>   <b>serve</b> para verberar a besta	Carta 34.09, II
em risco de <b>atirar-se</b> dos arcos da   obra da ladeira da Conceição!	Carta 34.11, II
esperando que alguma cousa <b>se fará</b>	Carta 34.14, II
onde <b>se lê</b> que o <i>Senhor Candido Chaves</i>	Carta 35.05, II
d'aquelle acto   de grosseria, <b>que se lhe attribue.</b>	Carta 35.13, II
elles estão <b>se</b>   <b>educando</b> no collegio,	Carta 35.18, II

## Cartas de leitores de jornais da Bahia

### Fase III

<b>conservem-se</b> as boas leis	Carta 47.34, III
conservem-se as boas leis e   não <b>destruam-se</b>	Carta 47.35, III
não <b>se faz</b>   mais do que cumprir um dever imposto   pela constituição livre	Carta 47.36, III
uma prepotencia que <b>se queria exercer</b>	Carta 54.04, III
e exigindo que <b>se puzes-</b>   <b>se</b> a respectiva estampilha	Carta 54.08, III
pois não <b>me julgo</b>   da <i>grossura</i> do <i>senhor</i> Pedreira	Carta 54.35, III
Estive para ir em pessoa para <b>me</b>   <b>entender</b> com o <i>senhor</i> Pedreira	Carta 54.37, III
logo   não <b>me sujeito a</b> imposições	Carta 54.42, III
não <b>se importou</b> em arriscar a vida da   população bahiana,	Carta 55.05, III
o quanto <b>se passava</b> no convento	Carta 55.06, III
A febre amarella alli <b>se propagara</b>	Carta 55.07, III
os seus es-   forços então <b>duplicaram-se,</b>	Carta 55.11, III
o que   <b>se chama</b> honra e pudor	Carta 76.01, III
<b>Incomodar-me hia</b> , se tivesse meu pae aqui   chegado de alpercatas,	Carta 76.18, III
os miseraveis que <b>se occu-</b>   <b>pão</b> de mim	Carta 76.27, III

### Exemplário de construções com duplo “se”

#### Atas dos africanos

Obs.: 01 ocorrência.

Manoel da Paixaõ <i>que</i> por huma Carta <b>semandou</b>   <b>Sedespedir</b>	JFO 13.06
--	-----------

#### Atas dos brasileiros

Obs.: 05 ocorrências.

visto que <b>se acha-se</b> ocupado	JTS 02.24
<b>se oberseva-se</b> o Artigo	FJST 01.48
pur não <b>se achar-se</b> o Suplente	FJST 01.11
<b>se</b> com pro meteo- <b>se</b>	FJST 01.42
os dois o fisi <i>que</i> <b>si achavasi</b> na meza	JCBM 02.20

#### Anúncios de jornais cariocas

##### Fase I

Obs.: 01 ocorrência.

toda pessoa, que <b>se quizer se servir</b> do seu prestimo	(GA.26,I)
---	-----------

#### Cartas de leitores de jornais cariocas

Obs.: nenhuma ocorrência.

#### Cartas de leitores de jornais da Bahia

Obs.: nenhuma ocorrência.

## Exemplário de construções com clítico em infinitivas/gerundivas

### Atas dos africanos

Obs.: 15 ocorrências.

<b>tirando-çe</b> sorte	GMB 01.08
ficou adiada <b>para</b> aprimeira Reunião <b>eLege-çe</b>   a Comiçaõ	JFO 09.04
o <i>que</i> ficou <b>em Se comonicar</b> por huma   Carta	JFO 13.10
algum dos <i>Capitulo</i> / e § que <b>seofferecer</b> abem da nossa confraria	LTG 09.07
de liberou <b>para</b> primeira Reunião <b>se dis cutir</b>   hu Esclarecimento	MSC 10.05

### Atas dos brasileiros

Obs.: 47 ocorrências.

<b>atratarçe</b> do Artigo 36	FPF 05.15
<b>para se dar</b> sinco meze de Licença	FPF 11.11
<b>tendo-se</b> convidado os   im mediatos em votos	FB 04.13
uma letra  a <b>Vencer-se</b>	FB 07.35
<b>Tendo</b> decorrido-se 30 dias	FB 10.28
<b>deixando-se de ler</b> a acta da sessaõ anterior	FB 15.13
i naõ havendo nada mais a  <b>trata-se</b>	FJST 01.84
oque/ depois di <b>si da</b>	FJST 02.33
uma letra  a <b>Vencer-se</b>	FB 07.35
<b>Tendo</b> decorrido-se 30 dias	FB 10.28

### Anúncios de jornais cariocas

#### Fase I

Obs.: 01 ocorrência.

### Anúncios de jornais cariocas

#### Fase II

Obs.: 01 ocorrência.

### Anúncios de jornais cariocas

#### Fase III

Obs.: 11 ocorrências.

### Cartas de leitores de jornais cariocas

#### Fase II

Obs.: 11 ocorrências.

### Cartas de leitores de jornais cariocas

#### Fase III

Obs.: 03 ocorrências.

### Cartas de leitores de jornais da Bahia

#### Fase II

Obs.: 01 ocorrência.

### Cartas de leitores de jornais da Bahia

#### Fase III

Obs.: 02 ocorrências.

**APÊNDICE C– Exemplos de construções sem clítico**

**Atas dos africanos**

Ao <Sico> quatro doDia de Mez de Majo <1835> <b>fes</b> ∅ a Chamada <sup>67</sup>	MVS 05.01
Ao Ao 5 Dia do Mez de Majo de1835 <b>Fez</b> ∅ a xam  ada	MVS 05.05
<b>fes</b> ∅ a chamada	MVS 07.02
mandou o Prezidente e mais Membro da Junta que este ∅ <b>fizese</b>	MSC 01.16
estan do o Vice Provedor imais mezarioz <b>fes</b> ∅ a chamada	MSC 13.03
mandou o Pro-  vedor que este ∅ <b>fizesse</b>	JFO 12.07
<b>fes</b> ∅ o inventario naforma	JFO 12.02
epor ∅ <b>Achamos</b> todos  Corformes	MVS 03.09
por estar Comforme ∅ <b>asinei</b>	MVS 02.08
epor estar Comformem ∅ <b>Asinei</b>	MVS 04.08
pro estar Comforme ∅ <b>asinei</b>	MVS 06.06
∅ <b>asinamos</b>	MVS 08.08
ea <b>Signei</b> ∅	JFO 12.08
etodos as <b>Signassé</b> ∅	JFO 03.09
<b>Assignou</b> ∅	LTG 01.10
<b>assignei</b> ∅ na Bahia Freguezia deSanto Anton[io]	LTG 03.06
<b>Assignou</b> ∅	LTG 04.08
<b>Assignarao</b> ∅	LTG 05.09
<b>Assignamos</b> ∅	LTG07.19
e <b>Assignou</b> ∅	LTG08.11
e <b>assignei</b> ∅	LTG09.20
<b>assignou</b> ∅	LTG12.07
<b>asinei</b> ∅	LTG15.16
<b>Asinamo</b> ∅	MC 01.10
<b>asig ase</b> ∅	MSC 01.16
<b>asig nasse</b> ∅	MSC 03.12
<b>aSignemoz</b> ∅	MSC 05.16
fiz e a <b>signei</b> ∅	MSC 08.11
e a <b>signei</b> ∅	MSC 10.08
<b>Asignamoz</b> ∅	MSC 11.12
e <b>asig narmoz</b> ∅	MSC 12.15
e <b>assignaraõ</b> ∅	MSC 13.12
<b>asignamoz</b> ∅	MSC 14.13
<b>a sinei</b> ∅	MSC 15.28
epor estar Com forme <b>mandou</b> ∅ lavra este	JFO 07.07
epor estar Comforme <b>mandou</b> ∅ passar este termo	JFO 10.08
epor esta Comforme <b>mandou</b> ∅ passar este pormim	JFO 11.07
epor esta  Com forme <b>mandou</b> ∅ lavra este	JFO 13.16

<sup>67</sup> Cabe observar que as quatro primeiras linhas foram corrigidas, porém a frase com o apagamento permaneceu inalterada.

## Atas dos brasileiros

<b>Comesou</b> <b>o</b> <b>os trabalhos</b> da nossa devo  Cão	MJR 01.03
termo em que <b>todos</b> <b>o</b> <b>asinamos</b>	MJR 08.12
termo em <i>que</i> todos <b>o</b> <b>Assinamos</b>	FPF 01.07
mando o Irmão Provedor  <b>o</b> <b>passaçe</b> o termo	FPF 01.06
<b>fez</b> <b>o</b> os   trabalhos	FPF 03.04
mandou   o nosso Provedor <b>o</b> <b>passaçe</b> Termo	FPF 03.33
<b>fez</b> <b>o</b> os trabalho	FPF 04.05
mandou O Provedor <b>o</b> <b>Fizesse</b> termo	FPF 04.37
<b>fez</b> <b>o</b> os trabalhos	FPF 05.06
mando o nosso   Irmão Provedor <b>o</b> <b>fizesse</b> tremo	FPF 05.17
mando o nosso Provedo   que disse <b>o</b> <b>passasce</b> tremo	FPF 06.16
<b>fez</b> <b>o</b> os trabalhos	FPF 07.06
mandou o nosso Provedor <b>o</b> <b>Lavrace</b> o termo	FPF 07.14
<del>mandou o nos</del> Irmão Provedor   <del>que</del> <b>o</b> <b>fizesse</b> termo <del>disso</del>	FPF 08.19
<b>fez</b> <b>o</b> os   trabalhos	FPF 11.06
mandou o Irmão Provedor   <b>o</b> <b>fizesse</b> termo disso	FPF 11.18
epor estar comfome <b>Mandou</b> <b>o</b> <b>o</b> <b>fizes</b>   esse term	FPF 12.44
e que se átorizase ao Senhor Vizita  dor ir no Domingo 24, a caza do emfermo vi  zitallo afim di ver <b>se</b> <b>o</b> <b>achava</b> bom	FJST 02.102
e que deve-se acabar e que <b>o</b> <b>observasse</b>	FJST 03.15
pode se adimitir qualquer soçio e si não  for bom <b>reúne</b> <b>o</b> <b>epode</b> <b>o</b> <b>dimitir</b>	FJST 03.226
e assim  <b>o</b> <b>fassa</b> indagações para colher-se esta ou não	FJST 03.242
um requerimento do Senhor  pedindo para  ser admitido <como> socio e que <b>naõ</b> <b>o</b> <b>aprezen-</b> <b>tava</b> por se ter esquecido	FB 05.41
<b>troca-</b> <b>raõ</b> <b>o</b> <b>alguns</b> <b>apartes</b>	FB 06.45
<b>trocaraõ</b> <b>o</b> <b>alguns</b> <b>aparte</b>	FB 06.61
<b>iprosed</b> <b>o</b> aleitura da Acta da ceccão anterior	JCBM 23.08
o Riquirim[ento]  do Senhor Viturino José do Reis foiaprovado sendo descontado da quantia di duzentos milres <b>que</b> <b>o</b> <b>a</b> <b>chasi</b> emdepozito	JCBM 17.10
os Candidatos que dei charão di cer aprovado nomez di   outubro por culpa do Directorio passado i consedalhi   a graca di pagar as suas Mensalidadis desdi o tempo   em que os seus dinheiros <b>o</b> <b>achava</b> dipozitado em  mão do ex thizoureiro visto ceirem elles iludidos	JCBM 23.35



**Anúncios de jornais cariocas**  
**Fase I**

Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição sem que fique defeituoso, <b>nem Ø passe</b> pelo menor risco de vida	GA.26,I
---	---------

**Anúncios de jornais cariocas**  
**Fase III**

<b>Cura Ø</b> inflamação de garganta	AN.8,III
Modas, Chapeos A irmã de <i>Madame Valle</i> tem sempre chapéus modernos (...)  <b>Lava Ø</b> , <b>enforma Ø e enfeita Ø</b> á moda	JC. 26,III
Leques Concertão-se com perfeição e <b>vende Ø</b> a preços baratissimos	JC. 26,III

**Cartas de leitores de jornais cariocas**  
**Fase I**

que <b>Ø lastime</b>   o Brasil da desgraça em que se acha	Carta 184.09, I
--	-----------------

**Cartas de leitores de jornais cariocas**  
**Fase II**

artigo de lei: “As   viúvas, que <b>Ø</b> casão de cincoente ou mais anos	Carta 205.12, I
---	-----------------

## APÊNDICE D – Exemplário de estratégias de esquiva

### Atas dos africanos

Mandou   ameza Administradora <b>passar</b> oprezente	MSC 10.09
epor esta Com forme mandou o Provedor <b>lavra</b> este termo	JFO 05.06
epor estar Com forme <b>mandou lavra</b> este	JFO 07.07
epor estar Comforme <b>mandou passar</b> este termo	JFO 10.08
epor esta Comforme <b>mandou passar</b> este pormim	JFO 11.07
epor esta  Com forme <b>mandou lavra</b> este	JFO 13.16

### Atas dos brasileiros

<b>mandou</b> onos Irmão Provedor o Irmão Pedro Mártires  <b>Lavar</b> oprezente termo	MJR01.22
<b>mandou</b> o nosso Irmão  Provedor Joze Fernandez do Ó <b>Lavrá</b> oprezente termo	MJR 02.18
<b>ma  ndou</b> onosso Irmão Provedor o Irmão Capitam Joze Fernandez do Ó  <b>Lavrar</b> oprezente termo	MJR 03.24
<b>mandou</b> o Irmão Provedor  emais Irmãos <b>Lavra</b> oprezente termo	MJR 04.13
e por aSim estar  Comforme <b>mandou</b> o Irmão Provedor intirino  <b>lavrar</b> o prezente termo	MJR 05.12
<b>mandou</b> o Irmão Provedor emais Irmão <b>lavrá</b> o Pré  zente termo	MJR 06.32
<b>mandou</b> o Irmão Pro  vedor emais Irmãos <b>Corer</b> o escortino	MJR 07.38
<b>mandou</b> o Pro  vedor emais Irmãos abaxo aSignados <b>Lavrar</b> o Pre  zente	MJR 07.61
<b>mandou</b> o Irmão  Provedor <b>Lavrar</b> oprezente termo	MJR 09.18
<b>mandou</b> o Irmão Provedor emas Irmãos  <b>Lavar</b> oprezente termo	MJR 10.16
<b>mandou</b>   o dito Provedor <b>Lavra</b> este termo	FPF 09.29
<b>Mandou</b> o Senhor Presidente <b>lêr</b> o artigo 27 dos Estatutos	JTS 02.10
E por esta conforme <b>mandou</b> o  Senhor Presidente <b>lavar</b> a competente acta	JTS 02.33
Abrio o Senhor Prezidente as sessão i <b>mandor  ler</b> o o Artigo 27	FJST01.18
o Prezidente <b>mandou fazer</b> a chamada	FJST 03.13
oPrizidente <b>mandou  ler</b> o artigo	FJST 03.25
Senhor  Prezidente <b>mande ler</b> o artigo 13,	FJST 03.56
eo Prezidente <b>mandou ler</b> o §§º.	FJST 03.80
o Prezidente <b>mandou ler 2</b> ofícios	FJST 03.90
que o Prezidente <b>mandasse ler</b> o Artigo 20	FJST 03.162
O Prezidente deve sempre <b>mandar ler</b> os	FJST 03.170
vou <b>mandar ler</b> as respostas	FJST 03.187
O Prezidente <b>mandou ler</b> os artigos 35 e 36,	FJST 03.272
disse que hia <b>man  dar ler</b> a actas, anterior;	FJST 04.12
O Senhor Prezidente  <b>mandou findá</b> a leitura	FJST 04.102
Socio Jezus que <b>mandou saudar </b> o Seu debecto	FJST 04.111
Socio Jezus (...) e como <b>mandava fazer </b> uma observação	FJST 04.115
Senhor Prezidente   abriu a sessaõ <b>mandou ler</b> a acta da	FB 03.12
o Senhor Prezidente   abriu a sessaõ <b>mandou ler</b> a acta da sessão	FB 06.15
o Senhor  Prezidente <b>mandou lêr</b> a acta	FB 10.21

visi Prizidenti <b>man</b>   <b>doulei</b> os dois o fisi	JCBM 02.19
o Prizidenti <b>mandou</b>   <b>lei</b> o titulu 5º	JCBM 06.39
o Visi Prizidenti <b>mandou lei</b> o Artigo 21	JCBM 06.41

**Anúncios de jornais cariocas**  
**Fase III**

<b>Ninguem</b> faça transacção com o bilhete inteiro de <i>número</i> 406.614	JC. 20,III
---	------------

**Cartas de leitores de jornais cariocas**  
**Fase I**

he lastima que escreva de modo   que <b>ninguem</b> o entenda	Carta 184.16, I
---	-----------------

**Cartas de leitores de jornais cariocas**  
**Fase III**

se manda <b>construir</b> em lugares   apropriados moradias	Carta 211.45, III
---	-------------------